



Denise Alves dos Santos Relvas

A CIDADE DOS OUTROS

O CASO DE QUARTEIRA

Dissertação de mestrado em Cidades e Culturas Urbanas, sob orientação do Professor
Doutor Carlos Fortuna, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2010



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Denise Alves dos Santos Relvas

A CIDADE DOS OUTROS. O CASO DE QUARTEIRA

Dissertação de mestrado em Cidades e Culturas Urbanas, sob orientação do Professor Doutor
Carlos Fortuna, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Coimbra, 2010.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Carlos Fortuna, orientador desta dissertação, agradeço pelo apoio incansável, pela paciência que teve comigo, pelos ensinamentos e dicas de pesquisa, pelas horas de leitura gastas no meu trabalho, e acima de tudo pela motivação oferecida que foi fundamental para a realização desta dissertação.

À minha mãe, meus irmãos e familiares que sempre me apoiaram e incentivaram, um agradecimento muito especial.

À todos os meus amigos e amigas, pela paciência prestada nos dias de stress e angustia, por todas as leituras que fizeram deste trabalho.

Aos meus amigos Bruno Silva, Guilherme Amaral e Vitor Gateira, pelas correcções do meu português e inglês.

À família Janeiro Costa, por ter me confiado a sua casa do Algarve, o que possibilitou a realização do meu trabalho de campo, meus sinceros agradecimentos.

Às individualidades que aceitaram receber-me, pelas conversas informais, por terem sido disponíveis à realização das entrevistas, que foram fundamentais para o aprofundamento do tema em estudo.

A todos aqueles que me ajudam directa ou indirectamente.

Muito Obrigado.

RESUMO

A CIDADE DOS OUTROS. O CASO DE QUARTEIRA

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade, Globalização, Diferença socioculturais, Estrangeiros imigrantes e locais, Cidade imaginada.

Esta investigação é uma reflexão sobre as influências estrangeiras no meio urbano português. Mais especificamente, como os estrangeiros/imigrantes, que transportam consigo traços e fragmentos identitários de culturas distintas, apropriam os espaços das cidades, o que trazem consigo de novo, o que criam ou reproduzem neste novo ambiente urbano. Em contrapartida, como os locais reagem a estas apropriações, num espaço compartilhado, aonde *os de dentro* e *os de fora* convivem em “relativa” proximidade. O ponto de partida analítico, procura problematizar a relação de proximidade/distanciamento entre os *estranhos* nos espaços comuns urbanos; se realmente, a intensificação do encontro entre diferentes têm contribuído para a criação de uma cultura “democrática das diferenças”?

A investigação tem como caso de estudo uma pequena cidade – Quarteira – na Região Algarvia, que recebeu nos últimos anos um número elevado de estrangeiros/imigrantes. Um dos factores apontados como força atractiva desta população para a região é do desenvolvimento do sector do turismo, que iniciou nos anos 60 e até hoje é preponderante nas políticas de desenvolvimento local. Desta forma, um dos pontos que o estudo debruçar-se-á será o das alterações não apenas morfológicas, mas também em todo ambiente urbano, a partir da entrada do sector do turismo, no Algarve, com o caso de Quarteira. Qual o impacto dessa “nova” forma de pensar e reestruturar a cidade?

A cidade é vista como palco que propicia o encontro dos diferentes. A investigação recorre a ideia do teatro como lugar de excelência onde os actores em cena negociam a sua história. No palco vivenciam papéis, há interacção, partilha e conflito; o cenário é coberto por uma carga simbólica, onde cada objecto evidencia usos negociados em momentos de interacção. Na relação entre os locais e *os de fora*, este estudo procurará entender como se dão as *negociações* entre diferenças nos espaços comuns da cidade, quais os laços vinculados com *os outros* (*os de dentro*) e com a cidade?

ABSTRACT

THE CITY OF OTHERS: THE STUDY CASE OF QUARTEIRA

KEYWORD: Post-Modern; Globalization; Socio-cultural Differences; Foreign Immigrant and Local's; Imagined City.

This research is a reflection on the foreign influences in Portuguese urban areas. To be specific is how the foreign/immigrants, who carry on the features and fragments of distinct cultures take over the city spaces, what novelties can they bring, what they create or reproduce in this new urban environment? On the other hand the local's reaction to this takeover, in a shared space, where the insider's and the outsider's interact with "relative" proximity. The analytic start will question the proximity/distance relation between the strangers in the commune urban spaces; if in fact, the more intensive meetings between different people have contributed to the birth of a "democratic culture of differences"?

This research make focus to a small city located in Algarve, which received in the past years a high number of foreigners/immigrants. One of the reasons pointed as an attractive force, that leads this population to this area, is the development in the tourism industry, which started in the 60's and today is still crucial in the development politics' at this place. This way, one of the subjects this research will tackle, will be not only about the morphologic changes, but also in the entire urban environment, since the appearance of the tourism industry in Algarve, looking more carefully to the example of Quarteira. What's the impact created from this new way of thinking and reconstructing the city?

The city is seen as a stage that offers meetings between different people. This research uses the idea of theater as a place of excellence, where the actors "negotiate" their history.

On the stage, they experience different roles: there is interaction, sharing and conflict; the scenery is full with a symbolic load, where each object stands out as a negotiation technique during the interactive scenes.

When it comes to the relationship between the locals and the outsiders, this study will try to understand how the negotiations take place among differences in the common spaces in the city, which are the persisting bonds between the others (insiders) and the city?

ÍNDICE

| | |
|-------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
|-------------------|----|

1ª PARTE

A IDENTIDADE E A QUESTÃO DO RECONHECIMENTO NA PÓS-MODERNIDADE

- **1.1** *Os “Outros” na Pós-Modernidade* 07
- **1.2** *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* 13
- **1.3** *Sociedades Pluralistas e a Questão do Reconhecimento* 19
- **1.4** *Por uma Democracia Cultural* 23

2ª PARTE

A CIDADE DE QUARTEIRA – ESTUDO DE CASO

2 - O OBJECTO DE ANÁLISE E DESENHO DA PESQUISA

- **2.1** *Problematização e Delimitação do Objecto de Análise* 31
- **2.2** *Modelo de Análise e Estratégias Metodológicas* 33

3 – O IMPACTO DO TURISMO EM QUARTEIRA

- **3.1** *A Entrada de Estrangeiros no Algarve nos Últimos 50 anos* 39
- **3.2** *A História da Cidade* 43
- **3.3** *Enquadramento Geográfico/ Evolução Urbana* 46
- **3.4** *Quarteira Contemporânea* 49

4 - A CIDADE DE QUARTEIRA E A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

- **4.1** *A Cidade Transformada* 53
- **4.2** *A Cidade dos Outros* 59
- **4.3** *Dinâmicas de Participação Local. A Influência dos “Outros” nos espaços Urbanos* 64

| | |
|---|-----|
| • 4.4 <i>Espaço da Diferença</i> | 80 |
| • 4.5 <i>A Cidade Imaginada. O “nós” no urbano</i> | 89 |
| | |
| 5 - SINTESE CONCLUSIVA | 95 |
| • Referencias Bibliograficas | 101 |
| • Lista de Quadros, Gráficos, Mapas e Figuras Anexos | |

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|------------|--|
| AFPOP | Associação de Proprietários Estrangeiros no Algarve |
| AQUC | Associação de Quarteira Concelho |
| APALGAR | Associação de Amizade dos PALOP no Algarve |
| CEE | Comunidade Económica Europeia |
| CLAI | Centro Local de Apoio ao Imigrante |
| CHECUL | Cooperativa de Habitação Económica e Cultural de Quarteira |
| DOINA | Associação de Romenos e Moldavos no Algarve |
| FESTAFRICA | Festival de Musica e Cultura Africana no Algarve |
| PALOP | Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa |
| PORI | Plano Operacional de Respostas Integradas |
| SEF | Serviço de Estrangeiros e Fronteiras |
| SOTAQUE | Sociedade e Empreendimentos Turísticos de Quarteira |

INDÍCE DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Localização Geográfica da cidade de Quarteira | 46 |
| Quadro 2 - Evolução Urbana da cidade de Quarteira | 46 |
| Quadro 3 - Organizações Culturais e Desportivas em Quarteira | 50 |
| Quadro 4 - Equipamentos Municipais | 51 |

INDÍCE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Cartaz e fotografia do Carnaval de Quarteira 2010 | 74 |
| Figura 2 - Fotografias do Encontro Multicultural “Danças e Cantares” | 75 |
| Figura 3 - Fotografia da Actividade Cultural “Entreculturas” | 76 |
| Figura 4 - Fotografia do Festival de Música e Cultura Africana do Algarve | 76 |
| Figura 5 - Fotografia dos Jornais estrangeiros distribuídos no Algarve | 77 |

INTRODUÇÃO

As diversas pesquisas que focalizaram as mobilidades humanas para as cidades, tendem a apresentar como casos de estudo as grandes metrópoles urbanas, por vezes ignorando os efeitos destas mobilidades para cidades de menores dimensões. Fortuna (2009) considera necessária uma revisão teórica do cânone sociológico ocidental dos estudos urbanos, que tende a privilegiar investigações sobre as grandes metrópoles, sobre as cidades “vencedoras, criativas, com destaque nos espaços modernos e pós-urbanos”, reclama a valorização da reflexão sobre outros casos, de cidades “normais”, periféricas, marginalizadas, vazios urbanos ou de retracção urbana.

O caso que este estudo propõe reflectir não é propriamente de uma cidade em retracção urbana, nem tão pouco de uma grande cidade, diz antes respeito a uma freguesia no concelho de Loulé que recebeu nos últimos anos um fluxo significativo de estrangeiros/imigrantes que optaram por recomeçar suas vidas nesta localidade. Os dados evidenciam um aumento demográfico na freguesia originado sobretudo pelo desenvolvimento do sector turístico em toda região algarvia; que no caso de Quarteira, teve ênfase com a construção de um dos maiores complexos turísticos da Europa, o empreendimento de Vilamoura, que emprega grande parte dos residentes da vila de Quarteira.

O acentuado aumento demográfico nesta área algarvia (evidenciado sobretudo pela entrada de estrangeiros/imigrantes), é resultado do desenvolvimento do turismo como força atractiva de capital humano, situado num momento de reestruturação sócio-espacial que se iniciou com o *boom habitacional dos anos 80 e 90*; o que provocou profundas alterações não apenas morfológicas mas também em todo ambiente urbano algarvio .

A estrutura económica algarvia alterou-se profundamente nas últimas 4 décadas, apresentando rápidas transformações que modificaram os indicadores económicos e sociais da região (que até então estavam muito abaixo da média nacional).

O crescimento deu-se, sobretudo, com o surgimento do sector turístico, “com a ocupação do litoral em detrimento da serra e do barrocal. O sector dos serviços, até então de fraca expressão, passou a representar mais de 60% do Produto Interno Bruto (PIB) regional (1983)” (Pimpão, 1991). Desta forma, o desenvolvimento do turismo constituiu-se como força atractiva de capital humano, e é considerado um dos factores

fundamentais na análise dos fluxos migratórios desta região.

Os anos decorrentes do desenvolvimento turístico no Algarve foram de intensas actividades de construção de equipamentos, infra-estruturas e de actividades da construção civil. O turismo com o passar dos anos foi encarado como sector de forte especialização da economia. O Algarve foi integrado, principalmente depois da construção do aeroporto em Faro, aos circuitos turísticos internacionais, tendo o sol - praia e o golfe como produtos ímpares. A região apresenta notáveis contrastes internos, quer no que respeita ao desenvolvimento diferenciado entre o litoral urbanizado e o interior rural, e contrastes encontrados dentro do próprio litoral algarvio. Possui actualmente uma ocupação de território sazonal intensa e pouco criteriosa.

Desta forma, o estudo procurará perceber quais foram as alterações morfológicas e no ambiente urbano ocasionadas com a entrada do sector do turismo enquanto plano de desenvolvimento local, qual o impacto destas transformações na vida social da cidade.

Quarteira é uma cidade que acolheu uma variedade de indivíduos originários de diferentes países (Europeus do Norte e Centro, Europeus do Leste, das ex-colónias portuguesas e extra-europeus) que encontraram na cidade oportunidades distintas, que favoreceram para a fixação destes na cidade.

Ao considerar a cidade lugar de encontro entre os *diferentes*, onde há possibilidade de interacção partilha e conflito, esta investigação tem como intuito entender como se dão as negociações entre os seus diferentes actores sociais nos espaços comuns da cidade. O seu objectivo geral consiste em verificar se a intensificação do encontro entre pessoas de diferentes culturas tem propiciado a criação de uma cultura democrática das diferenças.

A investigação recorre à noção de espaço público defendida por Rogério Proença Leite, a qual sugere uma adjectivação complementar de “intersticial”, ou seja, “entre-lugares que demarcam espacial e simbolicamente as diferentes identidades. Estes entre-lugares são locais de visibilidade, de disputas simbólicas, práticas de consumo, e reconhecimento público das diferenças; reflectem diferentes e desiguais representações, relações sociais e modalidades de interacção” (Leite, 2009:199), que irão reconfigurar e qualificar os espaços urbanos.

Desta forma, o que o estudo pretende é uma aproximação sensível do urbano e da vida pública, retratando as interacções quotidianas entre diferentes nos espaços urbanos. A problemática que se levanta é: se podemos considerar que esta intensificação de trocas,

bens e experiências culturais têm contribuído para o que podemos chamar de uma “cultura democrática das diferenças”, resultando num maior cosmopolitismo e tolerância positiva com os de fora (o estrangeiro); ou se esta intensificação do contacto entre *estranhos*, têm contribuído para o que Rogério Proença Leite chama de *abstenção social do encontro*, ou seja “recusas racionais que formam acções defensivas, seja pelo medo, xenofobia ou pelo desejo explícito de se diferenciar e de não se envolver com outros matizes culturais da vida social” (idem, *ibid*:198). É possível considerar que estas duas reacções possam existir em simultaneidade, por vezes uma sobressaindo à outra, e nesse ponto o estudo tentará compreender quais são os factores que influenciam e estimulam a elevação da primeira ou da segunda reacção.

O trabalho que aqui apresento está organizado em duas partes. A primeira, subdividida em quatro capítulos, procura abranger os principais conceitos nos quais esta investigação está fundamentada. Nesta parte, será discutido a produção das diferenças nas sociedades contemporâneas ocidentais, assim como a criação e reprodução das identidades culturais. Será aqui também discutido a questão do reconhecimento das diferenças e finalizará com uma proposta “ideal” de “democracia cultural” enquanto condição para uma sociedade efectivamente múltipla e intercultural.

A segunda parte está dividida em três capítulos que focam o estudo de caso escolhido - A Cidade de Quarteira. Começa-se por problematizar o objecto empírico e explicar as opções metodológicas seguidas na pesquisa. Depois oferece-se uma descrição sintética da entrada do sector do turismo no Algarve, assim como a entrada de estrangeiros no seu territórios nos últimos 50 anos. Neste mesmo capítulo, fez-se uma descrição do crescimento e desenvolvimento da cidade de Quarteira a partir da entrada do sector do turismo na região, enquanto plano de desenvolvimento local que reconfigurou os espaços urbanos da cidade. O terceiro e último capítulo estará subdividido em cinco subcapítulos que tentará responder aos questionamentos que esta investigação se propôs reflectir.

1ª PARTE

A IDENTIDADE E A QUESTÃO DO RECONHECIMENTO NA PÓS-MODERNIDADE

A Libertação cultural deve ser associada à procura de comunicação cultural que pressupõe simultaneamente a aceitação da diversidade e o recurso a um princípio de unidade que chamei a recomposição do mundo.

Alan Tourine

1.1 OS “OUTROS” NA PÓS-MODERNIDADE

Vivemos num mundo interligado, cada vez mais as distâncias espaciais são dissolvidas no nosso imaginário, procedimento realizado pelo processo de mundialização da economia. A cada minuto temos acesso a informação do que se passa em qualquer localidade do mundo, informação fragmentada e generalizante, mas que compõe o nosso entendimento sobre os “outros” e sobre as outras localidades.

Este processo de construção da ideia de humanidade, fruto da globalização, trouxe consequências paradoxais; “a tomada de consciência da existência de limites à escala do planeta e da própria humanidade – tenha sido, não a produção de homogeneidade, mas sim a nossa familiarização com uma maior diversidade, com um leque cada vez mais amplo de culturas locais” (Featherstone, 1999:84).

A pós-modernidade, lançou em pauta o projecto da modernidade enquanto processo unitário que pretendia a criação de uma narrativa histórica universal, na sua fragilidade estavam os processos globais que interligavam histórias de nações, tecidas pelo Ocidente como guardião das leis universais, propendendo à criação de um mundo unificado reflectido sobre a sua própria imagem (Massey, 2007).

A actual fase do processo de globalização, trás à tona as diversas culturas e particularidades excluídas deste processo universalista, evidenciando desequilíbrios de poder e representatividade na construção da história da humanidade.

A pós-modernidade é caracterizada, sobretudo, pelo processo de mundialização da economia, que é marcado pela criação de um espaço de fluxos, onde a cultura de massas abriu campo para uma maior circulação de bens culturais, materiais e conhecimento fragmentado. Neste espaço circulam também individualidades, que se deslocam, ultrapassam fronteiras, em busca de melhores condições de vida e oportunidades distintas.

Cada vez mais, as escolhas sobre os locais de destino são influenciados pela rede de conhecimento que temos sobre os outros e as outras culturas, «conhecimento

fragmentado e generalizado»; assim como, das oportunidades que este novo local poderá propiciar. Os estudos sobre as mobilidades humanas têm apontado a uma intensificação de deslocamento das populações para às cidades e meios urbanos, também reflexo do processo de globalização que tende a privilegiar e incentivar o crescimento e a competitividade das (e entre) as cidades.

Como foi dito anteriormente, neste espaço de fluxo não circulam apenas bens materiais e imateriais, mas indivíduos que ultrapassam fronteiras nacionais por razões díspares. Esta intensificação de trocas, bens e experiências culturais têm “contribuído para a intensificação dos encontros transnacionais, porém esta intensificação não significa a origem de um maior cosmopolitismo e tolerância, ou em uma maior familiarização com o outro” (Feathertone, 1999:88).

Ao retratar aqueles que ultrapassam fronteiras nacionais em direcção a localidades urbanas, com outras culturas, percepções, e modos de vida; é necessário reconhecer que, estas individualidades quando chegam no seu local de destino, carregam consigo traços e fragmentos identitários da sua cultura de origem, que de uma forma ou de outra, serão confrontados com uma cultura de acolhimento, nas negociações diárias entre sujeitos em interacção no meio urbano.

A cidade enquanto construção, é mutável através do tempo e dos grupos culturais e sociais que dela se apropriam, isto porque é composta por práticas sociais e estilos de vida, de confrontos e disputas, percepções díspares e diferentes tipos de apropriação; o seu território é um espaço de interacção e comunicação, no qual o espaço público ainda se apresenta como um cenário aberto onde o indivíduo é exposto à presença do outro, constituindo-se desta forma como propiciador do encontro com os diferentes.

A diferença é aqui entendida como fonte de riqueza cultural, quando reconhecida de maneira igualitária «o direito de ser iguais em suas diferenças»; o problema está na construção e reconhecimento das diferenças entre diferentes, que nem sempre é igualitário, e por vezes, inferiorizado. No mundo fragmentado, individualizado, a lógica do mercado de consumo reforça apenas uma inserção efémera e momentânea das diferenças, que é aceite apenas enquanto pode ser “consumida” ou “absorvida”; caso contrário, são encaradas como qualquer coisa de estranho, de fora.

Por mais que a intensificação de trocas, bens culturais, materiais e de pessoas pudesse, a princípio, ser um dos factores chave para um melhor entendimento e aproximação entre os diferentes, em alguns casos, tem sido evidenciado que estes contactos resultaram em

processos de distanciamento e de *abstenção social com as diferenças*.

Quando falamos na produção das diferenças que distinguem o “eu” do “outro”, nos remetemos a uma ideia de tradição e de história cultural pertencentes a um território ou localidade, mas é necessário recordar que estas dinâmicas de reconhecimento das identidades, são revestidas por construções sociais contemporâneas, e estas diferenças estão no “coração do trabalho das sociedades sobre si próprias” (Wieviorka, 2002).

Na produção das diferenças, ou seja, «ser diferente nas suas diferenças», está intrínseca a distinção entre grupos e individualidades, há um desnivelamento das condições sociais e culturais, de representatividade e consequentemente de poder. E neste sentido falar sobre uma sociologia da diferença, é também falar de uma sociologia da hierarquia social e cultural, da dominação e da exclusão. Há uma ligação, que não pode ser esquecida, entre o social e o cultural; porque na modernidade, a construção que um indivíduo tem de si, passa por escolhas identitárias e papéis sociais (a saber, que um indivíduo pode possuir vários e diferentes papéis sociais no seu meio social), que de uma forma ou de outra, são susceptíveis de reorganização de uma situação social, ou de revalorização dos seus atributos que carregam um lastro de significações culturais.

No mundo individualizado, as diferenças e/ou as identidades culturais ocuparam um local de eleição nos estudos e debates nos últimos anos, talvez pelo facto da pós-modernidade não ter somente criado o indivíduo moderno, mas de tê-lo encarcerado em categorias colectivas susceptíveis de colocá-lo numa posição mais ou menos subordinada e inferiorizada. Assim Wieviorka aponta-nos que o “individualismo moderno representa aos nossos olhos uma das principais forças de ascensão das afirmações colectivas; constitui uma das componentes das diferenças culturais contemporâneas” (Wieviorka, 2002:58).

Desta forma, é possível reconhecer que a construção da diferença carrega consigo, dois princípios: um “negativo”, que faz a distinção entre grupos ou indivíduos através de um desnivelamento de poder; e um positivo, que permite ao actor repor a sua auto-estima que, embora seja numa perspectiva de recusa ou auto-defesa, faz com que acrescente algo de construtivo, que busca uma revalorização, recorrendo aos seus atributos identitários ou reformulando outros no presente.

As nossas sociedades não só acolhem e reproduzem diferenças, mas também as inventam, inclusive sob o selo da tradição (...) E cada um de nós procede a escolhas relativas ao presente e ao futuro, mas também ao passado, ao seu

próprio passado: cada vez mais fabricamos a nossa memória, projectamo-nos em direcção ao futuro reinventando a nossa inscrição numa história que fazemos nossa (idem, ibid: 229).

Esta reflexão sobre diferenças encaminha-nos para uma outra problemática, que tem a ver com o conteúdo e a sua forma. Muitas vezes a evolução das diferenças acarreta uma tensão entre proximidade e distanciamento que toma forma física nos espaços das cidades.

Para Zygmunt Bauman, “as cidades são lugares cheios de desconhecidos que convivem em estreita proximidade”. Esta componente da vida urbana pode provocar algumas reacções; tais como, a “mixofilia: um desejo, propensão, interesse com os diferentes e as diferenças; e a mixofobia: uma repulsa a variedade de tipos humanos e costumes” (Bauman, 2006:41). Segundo o autor, estas duas reacções coexistem tanto na cidade como nos seus actores.

Tanto a *mixofilia* como a *mixofobia* podem configurar os espaços da cidade, propendendo a formas de organização espacial mais porosas (rica em diversidade) ou mais lacradas (atendendo a formas espaciais segregacionistas). A primeira propicia a criação de espaços comuns públicos, abertos e hospitaleiros, no qual os diferentes actores usufruem de forma equitativa dos espaços; na segunda há uma forte homogeneidade social, por vezes reforçada por segregação e estigmatização; são espaços fechados aos diferentes, podendo ser bairros, comércio ou aldeamentos; e ainda demarcações nos espaços públicos “intersticiais” que evidenciam fronteiras físicas ou simbólicas, que Rogerio Proença Leite define como espaços de *abstenção social do encontro*.

A imagem que construímos de “nós” e dos “outros”, é também, criada a partir de rivalidades entre *culturas, identidades e particularismos*; sendo que os atributos identitários são construções também realizadas no presente, na interacção de um conjunto de agentes que produzem e reproduzem uma identidade.

A imagem-nós e as imagens-outros, geradas no seio de rivalidades locais e capazes de forjar uma identidade comum e excluir os de fora, não conseguem desligar-se da problemática relativa a densidade das relações de interdependência existentes entre indivíduos (...) Estas rivalidades entre indivíduos integrados e outsiders tornar-se-ão tanto mais comum quanto mais regular for o contacto com os outros, o que conduz a que estes se

integrem mais facilmente nos domínios locais (Feathertone, 1999:99).

Encontramos aqui um paradoxo, embora a experiência nos tenha mostrado que a melhor forma de se familiarizar com os “outros”, com os “diferentes”, é mantendo maior contacto com os mesmos; nem sempre uma intensificação do encontro entre *estranhos* fez com que fosse despertada nos actores uma maior tolerância e conhecimento sobre os outros.

1.2 IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Para falar de identidade cultural na pós-modernidade recorrerei às três concepções de identidade referenciadas por Stuart Hall (2006), no qual distingue o *sujeito do iluminismo*, o *sujeito sociológico* e o *sujeito pós-moderno*.

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana com um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de acção, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico a ele – ao longo da existência do indivíduo. (...) O sujeito sociológico, reflectia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autónomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele. (...) O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (...) No sujeito pós-moderno a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2006: 11-13).

Muitos cientistas sociais acreditavam que a modernidade iria desencadear um mundo cada vez mais unificado e delimitado; afinal, este era o seu grande projecto. Mas em vez disto, o seu fruto, não foi a unificação, ou a homogeneização da humanidade; o que ocorreu foi algo bem diferente; para uns, o resultado foi o descentramento do sujeito; isto porque a pós-modernidade está marcada por diferentes divisões, antagonismos sociais e identidades (Laclau, 1990); ou ainda, a sociedade está cada vez mais caracterizada por “processos de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior” (Harvey *apud* Hall, 2006:16).

Hall desenvolve o seu argumento a partir dos avanços da teoria social e das ciências sociais, das teorias produzidas a partir da segunda metade do século XX, época também conhecida como “modernidade tardia”. No seu argumento, distingue fases de descentração do sujeito.

Segundo o autor, a primeira descentração teve a sua origem a partir do pensamento de K. Marx (A humanidade é apenas agente da sua história através das condições que lhes são dadas), passa pelo pensamento de Freud (A nossa identidade, sexualidade, estrutura e desejos formam-se através de processos psíquicos e simbólicos do nosso inconsciente), F. Saussure (A identidade está estruturada como a língua, ou seja, é um sistema social e não um sistema individual); aponta como principal descentramento da identidade do sujeito a teoria de Michael Foucault (Poder disciplinar, ou seja, um corpo normatizado, disciplinado para ser dócil; com o paradoxo que, quanto mais organizada, disciplinada e colectiva for a sociedade pós-moderna, maior será a sua individuação, isolamento e vigilância); finaliza distinguindo a quinta descentração, tendo a sua origem nos “novos movimentos sociais”, o feminismo, os movimentos estudantis contraculturais e antibelicistas, lutas pelos direitos civis, movimentos revolucionários, LGBT e os movimentos pela paz (Politização da subjectividade, da identidade, e dos processos de identificação).

Estas descentrações, alteraram a forma pela qual a identidade é pensada e conceptualizada, o sujeito antes unificado está agora fragmentado; e como será que este sujeito fragmentado se movimenta no mundo globalizado? O que foi que o processo de globalização, ou mundialização da economia alterou nas identidades culturais nacionais?

Sabemos, é certo, que as culturas nacionais também são invenções político-sociais, que são representações criadas no interior de um território político, sendo que, o que entendemos por “nação” não passa de uma comunidade simbólica imaginada.

Nas sociedades ocidentais a formação de uma cultura nacional desafiou a diversidade regional; propôs e afirmou a criação de padrões, que ia desde uma língua universal (do território nacional), até um sistema de representação simbólica que aglutinasse todos os outros e os trouxesse para o seu interior, forjando uma natureza “essencial” dessa cultura unificada; e para isso inventou tradições, memórias, passado; criou instituições que garantiriam a sobrevivência de um novo sistema.

Desta forma, só podemos entender as culturas nacionais, enquanto comunidades imaginadas, compostas por símbolos, representações, e instituições. “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas acções quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2006:50). Sendo que “as diferenças entre nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são

imaginadas” (Ardenson *apud* Hall, 2006:51).

Quando falamos em tradição, remetemo-nos a um passado, um vínculo com algo que se perpetua no tempo, que teve a sua origem num período remoto, antigo. Stuart Hall (2006) ao referir Eric J. Hobsbawm fala-nos da *invenção da tradição*, ou seja, tradições que não são assim tão antigas, muitas vezes criadas recentemente, mas que por repetição, são descritas como se fossem de um tempo passado. Assim, ao retratar certas características singulares de uma cultura nacional, acreditamos que estes traços fazem parte da sua história, de um passado longínquo daquele povo, que são inerentes àquela povoação, quando na verdade, estas características ganharam forma e receberam carga simbólica no presente ou num passado recente.

Por outro lado, o discurso da cultura nacional pode ser colocado de forma ambígua e por vezes contraditória. Há uma tensão entre passado e presente; principalmente em nações que tiveram glória no passado e que não conseguem entrar de forma consistente na experiência da modernidade; ao mesmo tempo que há um impulso e desejo para seguir rumo ao futuro, há um desejo de regresso ao “paraíso perdido”, ao tempo de origem, da ideia de pureza; e aí a experiência mostra-nos casos em que a luta de retorno desemboca numa tentativa de purificação desta sociedade cultural, cujas acções para tal realização passam pela expulsão das “impurezas”, dos “outros” que ameaçam a identidade nacional de dar continuidade ao tempo glorioso.

Desta forma, podemos falar de uma ambiguidade intrínseca do nacionalismo moderno; ao mesmo tempo que busca uma assimilação universal, fá-lo através de processos de diferenciação. Isto porque, quando pensamos no processo de unificação, de criação das culturas nacionais, devemos ter em conta que estas culturas possuem actores diversificados; seja em termos de classe social, género, hábitos, saberes, características físicas; ela costura todas as diferenças e constrói uma única identidade, em que todos são representados como se fossem os mesmos, membros de uma cultura que os transcende.

O processo de globalização, trás a tona a discussão entre o *global* e o *Local*. No mundo globalizado assistimos a uma intensificação dos interesses pelas particularidades regionais e culturais; trazendo estas diferenciações para o centro deste sistema, através da criação dos *nichos* de mercado. Isto produz simultaneamente *novas identificações globais e novas identificações locais* (Hall, 2006).

É evidente que o processo de globalização se realizou de forma diferenciada nas

localidades, formando o que Doreen Massey (2007) chama de *geometrias do poder*. Os fluxos no mundo globalizado também são diferenciados, revelando disparidades de poder entre nações e culturas nacionais, entre o Ocidente desenvolvido e os outros. Os movimentos populacionais vão cada vez mais em direcção a estes centros de poder (movimento da periferia para o centro), porque a própria propaganda do consumismo global aponta a uma diferenciação positiva (do centro em relação a periferia) onde as condições de vida, bem-estar social e oportunidades são bem maiores do que nas outras localidades. Isto, combinado com acesso ao crédito, a facilidades de pagamento, e o abrandamento dos custos de deslocação, faz com que migrações em grande escala se efectuem com destino aos países ditos desenvolvidos. Estas deslocações em massa têm evidenciado a criação de novos enclaves étnicos minoritários nas sociedades receptoras. A globalização aparentemente diluiu fronteiras, aproximou diferentes culturas, possibilitou trocas de bens materiais e imateriais, possibilitou ainda encontros transnacionais. Conhecemos cidades com grande diversidade étnica (Londres, Paris, Berlim, Miami, Nova Iorque); e neste sentido, Hall propõe uma questão: “É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente integral?” (Hall, 2006:84).

O autor fala-nos dos efeitos da globalização nas identidades culturais, evocando vários processos, apontando diferentes resultados, que podem aparecer separadamente, em conjunto ou em simultâneo. Entre estes, o do fortalecimento das identidades locais e (ou) a produção de novas identidades; sendo que a primeira, pode ser vista como reacção defensiva dos grupos étnicos dominantes ameaçados pelas outras culturas; e a segunda uma articulação entre diferentes identidades, que são posicionadas (tempo/lugar) e diferenciadas, mas nunca anuladas completamente.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produto desse complicado cruzamento e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado (...) Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo

tempo, a várias “casas” (Hall, 2006: 88-89).

A figura do imigrante pós-moderno, das migrações pós-coloniais, aparece aqui como produto destes cruzamentos, já não podendo ser entendidas como uma, por fazerem parte do que podemos chamar de *culturas híbridas*; são homens e mulheres traduzidos (as) (Homi Bhabha, Rushdie); negociam quotidianamente a sua história, a sua posição; possuem mais que uma identidade, diversos papéis sociais, falam várias línguas, estão marcados pelos lugares, pelas culturas, pelas experiências, pelas suas vivências nas diversas localidades acolhedoras.

1.3 SOCIEDADES PLURICULTURAIS E A QUESTÃO DO RECONHECIMENTO

Cada vez mais, nas sociedades ocidentais, verificamos um estímulo à necessidade de reconhecimento de grupos étnicos minoritários, da defesa de identidades subalternizadas, dos novos movimentos sociais.

Este facto está associado à construção da nossa identidade, que é também realizada através do contacto com o outro; ou seja, através de um reconhecimento, do não reconhecimento, ou de um reconhecimento incorrecto da nossa identidade, ou daquilo que definimos como nossa.

O não reconhecimento ou um reconhecimento incorrecto, pode afectar negativamente uma pessoa ou uma colectividade; pode ainda, acarretar fissuras sociais, e num extremo levar a um sentimento de incapacidade ou até mesmo de ódio.

Charles Taylor (1994) aponta-nos que nas sociedades multiculturais há uma preocupação moderna com as identidades e com o reconhecimento destas. No seu estudo, introduz o tema fazendo uma prévia distinção entre *honra* e *dignidade*.

A noção de honra estava ligada a hierarquias sociais, e ela em si, propõe desigualdades. Na democracia moderna, a concepção de honra deixa de ser aceitável, dando lugar ao conceito de dignidade, sendo o único compatível com este ideal político.

A premissa de dignidade coloca todos os seres humanos como iguais; e é comum a todas as pessoas. “A democracia introduziu a política de reconhecimento igualitário, que tem assumido várias formas ao longo dos anos, e que regressou agora sob a forma de exigências de um estatuto igual para as diversas culturas e para os sexos” (Taylor, 1994:48), e incluímos aqui género.

Um outro conceito importante ao reconhecimento, é a autenticidade. A noção de autenticidade surge no fim do século XVIII, através da nova compreensão de identidade, a individual. Taylor evoca Rousseau como um filósofo que deu grande contributo para a ideia de autenticidade, quando se refere à moralidade “tratando-se de uma voz da natureza de nós e por nós seguida” (Taylor, 1994:49). Esta ideia, coloca o ser humano numa posição única, singular, a do “myself”; um princípio de originalidade que deve ser seguido para o “eu” ser verdadeiro.

Agora imaginemos essa ideia do “eu verdadeiro” numa outra dimensão; descolamos o indivíduo à colectividade, um grupo, uma nação. Seguindo a mesma lógica de

autenticidade, originalidade, surge a ideia moderna de nacionalismo.

Como dito anteriormente, a identidade constrói-se através de negociações quotidianas com os outros, ela não se realiza apenas no *eu* sozinho; depende de reacções dialógicas com quem me rodeia, e é através desta dependência que surge a importância de reconhecimento.

O discurso do reconhecimento chega até nós, a dois níveis: primeiro, na esfera íntima, de onde a formação da identidade e do ser é entendida como fazendo parte de um diálogo e luta permanentes com os outros - importantes; e depois, na esfera pública, onde a política de reconhecimento igualitário passou a desempenhar um papel cada vez maior (idem, 1994:57).

Nas sociedades democráticas, o conceito de dignidade deu origem a políticas pautadas no universalismo; ou seja, perante o Estado todos os cidadãos são reconhecidos e tratados como iguais. Porém essa concepção é um tanto problemática. Em primeiro lugar, quem é cidadão e o que é preciso para o ser? Será que a igualdade diz respeito apenas aos direitos civis e de voto ou alarga-se a outras esferas?

A noção de igualdade foi e é tratada de forma diferenciada pelas diversas correntes políticas e ideológicas existentes. Uma das acusações às concepções pautadas no universalismo (cultura hegemónica) é que, ao criar uma cultura nacional, os Estados assimilaram de tal modo as diversas culturas regionais existentes no seu território, ao ponto de muitas desaparecerem. Acusam a concepção universalista de colocar o Estado numa posição neutra, ignorando consideravelmente as diferenças dos cidadãos.

Em contrapartida à política de universalismo, nasce uma política da diferença. Nesta segunda, *todas as pessoas devem ser reconhecidas pelas suas identidades únicas*, porque só assim é garantido o ideal de autenticidade. Mas esta concepção também tem sido polémica; porque embora não ignore as diferenças e lute por políticas de não discriminação, fá-las, através de um tratamento diferencial. «Cada cultura é reconhecida e tratada de forma diferenciada». Como exemplo temos a questão indígena (reservas indígenas), e a dos ciganos.

O que está intrínseco a estas duas concepções; ou melhor, o que tem de universalista na concepção diferencial é a ideia de potencial humano, que surge através da ideia de respeito; «todo ser humano tem potencial para formar a sua própria identidade, tanto individual como cultural». Nesta premissa, encontra-se a ligação possível entre estas duas concepções; «negar a potencialidade de alguns povos, grupos e individualidades, é

negar um princípio da condição humana».

Susan Wolf fala-nos da importância do reconhecimento consciente da diversidade de culturas, principalmente na esfera da educação, possibilitando às pessoas um maior contacto com literaturas de outros lugares, tendo acesso a diferentes conhecimentos, levando a diversidade para a escola, e aprendendo na própria escola a diversidade.

A Política de reconhecimento impele-nos não só a fazer esforços para reconhecer o mais activamente e mais correctamente - a reconhecer essas pessoas e essas culturas que ocupam o mundo juntamente connosco - mas também a olhar mais de perto e menos selectivamente para quem partilha as cidades, as bibliotecas e as escolas a que chamamos nossas (Wolf *apud* Taylor 1994:104).

Para Steven C. Rockefeller o reconhecimento de valor igual das diferentes culturas é uma necessidade humana, porque é a aceitação e confirmação da nossa particularidade étnica e do nosso potencial universalmente partilhado. A política de reconhecimento é uma forma de aceitação e pertença.

A maneira democrática significa respeito e abertura a todas as culturas, mas também desafia todas as culturas a abandonar os valores intelectuais e morais que são inconsistentes com os ideais de liberdade, igualdade e a procura contínua, cooperante e experimental da verdade e do bem-estar. É um método criativo de transformação. Este é o seu significado espiritual e revolucionário mais profundo (Rockefeller *apud* Taylor, 1994:110).

Eric J. Habermas recorda-nos que “não basta sermos iguais perante a lei”, mas que devemos também ser autores destas mesmas. Porque, embora possamos estar sob abrigo das mesmas leis, elas não excluem as desigualdades existentes entre indivíduos, identidades, classe e género. Para o autor, a democracia constitucional só pode resolver este conflito do reconhecimento, quando os cidadãos se unirem através do respeito mútuo pelos direitos dos outros, garantindo às culturas minoritárias direitos iguais de coexistência com as culturas maioritárias. Porém essa garantia de coexistência não quer dizer, garantia de sobrevivência. Para ele, fechar as culturas em cativo, e querer mantê-las a qualquer custo, impede os indivíduos da liberdade em rever e rejeitar certas tradições; há uma vitalidade de mudança que não pode ser privada nem aos indivíduos, nem à colectividade.

No que diz respeito aos imigrantes, aponta que “um estado democrático constitucional

que é sério só pode exigir dos imigrantes a socialização política” (Habermas *apud* Taylor, 1994:156). Mais do que a defesa de uma política de reconhecimento, o autor, sugere uma *cidadania democrática de liberdades, oportunidades e responsabilidades*.

1.4 POR UMA DEMOCRACIA CULTURAL

Só a ideia de sujeito pode criar não só um campo de acção pessoal mas sobretudo um espaço de liberdade pública. Só conseguimos viver juntos se reconhecermos que a nossa tarefa comum é combinar acção instrumental e identidade cultural, logo, se cada um de nós se construir como Sujeito e se dermos leis, instituições e formas de organização social cujo objectivo principal é proteger a nossa exigência de viver como Sujeitos da nossa própria existência (Alain Touraine, 1997:214).

Os meios urbanos estão repletos de desconhecidos. O outro *estranho* pode ser um vizinho, morador antigo do bairro, com traços distintos, que pouco conheço ou identifico. Pode ser um indivíduo de outra classe social, grupo de identificação, “tribo” urbana; um forasteiro, aqui da cidade vizinha, que traz consigo qualquer coisa peculiar que causa estranheza; ou ainda, um estrangeiro, de um país próximo ou mesmo distante, que logo a princípio, difere do meu “eu” reconhecido, seja pelas diferenças linguísticas, físicas ou culturais.

Nas cidades encontramos uma variedade de tipos humanos. Há o branco, o amarelo, o negro; o homem, a mulher; seja heterossexual, bissexual, homossexual ou travesti; pode ser católico, crente, protestante, maçom, ou de qualquer outra religião. O que interessa reconhecer é que mesmo nos meios mais pacatos, encontramos o outro *diferente* reconhecido, ou “reconhecido incorrectamente” sob um olhar racista e preconceituoso.

Com vimos anteriormente, a construção de uma unidade territorial e cultural são construções político-sociais, que os Estados construíram em torno de si, para garantir coesão e sobrevivência. Por mais que o outro seja igual a mim, porque ambos pertencemos a um mesmo território político, há diferenças entre “eu(s)” identificados. Com o Estado Nação muitas das diferenças foram assimiladas ou simplesmente ignoradas, a fim de garantir um bem maior, uma unidade cultural que seria então reconhecida por todos e para todos. Só que, se esta unidade cultural não representa e reconhece a diversidade de tipos humanos, que são os seus actores, será possível considera-la suficiente para garantir um bom convívio entre *diferentes*?

Vivemos numa sociedade mundializada. Todos os anos, milhões de pessoas circulam entre continentes; partilham informação em tempo real, em boa parte do globo têm acesso a redes mundiais, produtos e bens materiais e imateriais, falam a mesma língua,

comem as mesmas comidas, usam a mesma marca de roupa, possuem escolas padronizadas, assistem aos mesmos programas televisivos, preocupam-se por questões globais. A globalização fez circular uma série de signos que não estão ligados a nenhum local específico, e estão em todos os lugares. Mas será suficiente para garantir um “bom” convívio entre diferentes?

Ao mesmo tempo que se alargam as redes mundiais, evidenciam-se as particularidades; esse duplo movimento em simultâneo, coloca o indivíduo numa posição delicada. Porque ao mesmo tempo que os antigos laços sociais vinculados com a sociedade local ou nacional perdem nitidez, em prol de uma sociedade internacionalizada, múltipla, em que os Estados governam de modo a responder às exigências de um sistema económico mundial, o que enfraquece os seus antigos pilares sociais; abre caminho a organizações privadas, voluntárias, que vêm repor, mesmo que de maneira efémera, os vazios, alargando a esfera da vida privada, pontuando interesses específicos que agora não pertencem mais apenas à esfera pública. E assim assistimos ao borbulhar de instituições não-governamentais, de organizações comunitárias, que vêm “defender” o actor fragilizado. Mas será que esta reposição dos interesses do indivíduo, através do alargamento da vida privada, foi suficiente para uma melhor convivência entre diferentes?

Estamos perante um dilema. Ou reconhecemos uma plena independência às minorias e às comunidades, limitando-nos a fazer respeitar as regras de jogo, procedimento que asseguram a coexistência pacífica dos interesses, das opiniões e das crenças, e então renunciamos ao mesmo tempo à comunicação entre nós, dado que não nos reconhecemos mais nada em comum além de proibir a liberdade dos outros e de participar com eles em actividades puramente instrumentais, ou acreditamos que temos valores em comum, preferencialmente morais, pensam os americanos, preferencialmente políticos, pensam os franceses, e somos levados a rejeitar aqueles que não partilham estes valores, sobretudo se atribuímos a estes um valor universal (Touraine, 1997:17).

No mundo pós-moderno o indivíduo dilacerado está em conflito, entre viver numa economia globalizada, que fragiliza os elos estabelecidos entre este indivíduo e a sociedade local, nacional, através do declínio das suas instituições, das suas normas sociais em prol de uma organização económica e social compatível às exigências de um

sistema económico internacional, que o insere numa posição de desenraizamento social «um cidadão do mundo e de lado nenhum»; e o alargamento das identidades privadas ou comunitárias, que o aprisiona numa ordem e exerce um controlo comunitário.

Por um lado as comunidades propõem ordem, leis, costumes, representações, uma organização social que integra e ao mesmo tempo encerra o indivíduo dentro dos parâmetros da comunidade, ocultando as *distâncias* (entre indivíduos) na realidade social; por outro, a sociedade do consumo também propõe um outro tipo de integração, ilusória porque apenas o é no consumo, assemelhando as identidades aos produtos expostos nas prateleiras do supermercado. O indivíduo perde a referência de si quando está dentro do sistema da sociedade de consumo, encerra-se em desejos e paixões vazios de sentido, criando desta forma, uma ilusão de realidade.

Segundo Touraine, fica difícil ao indivíduo constituir-se como actor pleno, se houver uma constante separação entre unidade de mercado e fragmentação das comunidades, entre acção instrumental e identidades culturais. Não basta uma democracia política se não estiver associada a diversidade cultural, e esta última, não se pode reduzir a uma simples tolerância com o “outro”; há um princípio básico, essencial, para que os indivíduos se possam constituir como actores, sendo, o único princípio universalista que não impõe formas de organização social nem de práticas sociais; é um recurso à liberdade e à igualdade, em outras palavras, é o direito de construir livremente a sua vida pessoal.

É necessário pôr fim às imposições da cultura dominante, que impõe modos de vida e práticas sociais; libertar-se da pulsão da sociedade de massas que aglutina todo e qualquer princípio de realidade; e evitar o distanciamento e o fechar das culturas sobre si próprias, porque isto apenas dificulta a comunicação entre-culturas e entre-indivíduos. É fundamental lutar contra a sociedade fragmentada, libertar-se do medo do *outro*; e para que isto aconteça o *outro* deve ser reconhecido como sujeito. A ideia aqui defendida alicerça-se na concepção proposta por Touraine, a qual diz que, enquanto esses actores não forem reconhecidos enquanto tais, ou seja, primeiramente como sujeitos para que então possam se constituir como actores sociais, será difícil a convivência entre diferentes.

Não bastará um Estado que ignore a diversidade dos seus indivíduos, nem tão pouco, um que entregue a responsabilidade de reconhecimento a organizações comunitárias. Nesta perspectiva, são também insuficientes apenas medidas que fomentam o contacto e

interacção entre diferentes, apoiadas na ideia de que a *comunicação* é o princípio fundador de uma sociedade culturalmente democrática; é antes necessário que os indivíduos se respeitem enquanto sujeitos, para que então uma verdadeira comunicação seja possível.

O sujeito já não se forma, como no modelo clássico, assumindo papéis sociais, conquistando direitos e meios de participação; ele constrói-se impondo a sociedade instrumentalizada, mercantil e tecnicista, princípios de organização e limites conformes ao seu desejo de liberdade e à sua vontade de criar formas de vida social favoráveis à afirmação de si mesmo e ao reconhecimento do outro como sujeito (Touraine, 1997:116).

A concepção de sujeito aqui defendida, não deverá ser confundida com as concepções que o liga às grandes tradições de pensamento, seja religioso, filosófico ou político; no qual é colocado numa posição de serviço a uma ordem, lei ou poder superior. Touraine propõe a ideia de *sujeito pessoal*, libertando-o das antigas amarras religiosas, políticas e sociais. Este sujeito pessoal é na verdade o contrário desta antiga concepção, porque é resistência contra as normas e ordens sociais que o oprime, manipula e o representa, é consciência de si próprio, é vontade de libertação e testemunho da liberdade, é acção e trabalho; ou seja, capaz de modificar o seu meio porque age e manifesta-se.

A democracia, nesta perspectiva, deverá ser definida como a política do sujeito, e não é nem uma democracia directa, que expressa a vontade geral de uma maioria, nem a representativa, de identificação. A política do sujeito deverá dar o maior número de hipóteses do sujeito conseguir a sua individuação.

Antes de mais, na sociedade culturalmente democrática é prioritário o reconhecimento da pluralidade de interesses, das opiniões e valores; é fundamental que os meios e as técnicas de comunicação sejam acessíveis a um leque abrangente e diferenciado de culturas.

Touraine fala de dois domínios cuja tarefa é indispensável para a democracia cultural: o direito e a educação. Deixa o primeiro domínio para os juristas debruçaram-se sobre o problema, e focaliza a sua análise no segundo.

É necessário que o modelo escolar esteja organizado de modo a formar e reforçar a liberdade do sujeito pessoal, uma educação que dê importância central à diversidade e ao reconhecimento do outro. Para isto deverá pôr em comunicação jovens de diferentes idades, experiências de vida, classe social, género e culturas.

O outro não é percebido e compreendido por um acto de simpatia, mas sim pela compreensão do que diz, pensa e sente, e pela capacidade de conversar com ele. (...) E necessário, nomeadamente, que a escola faça dialogar os alunos, lhes ensine a argumentar um contra o outro analisando o discurso do Outro, simultaneamente, para aprender a manipular a língua nacional e para ser capaz de perceber o Outro, o que é condição de uma vida em comum (Touraine: 1997:370).

Trata-se de apreender a viver juntos, partilhar experiências, percepções e modos de interpretar acontecimentos. Quando conhecemos diferentes perspectivas sobre um mesmo facto ou objecto ampliamos o nosso entendimento, há um novo olhar, mais abrangente. Não se trata de dizer o que é o correcto, «o que é bom ou o que é mal» mas sim os vários pontos de vista, como as diferentes culturas abordam um assunto; de modo a fazer uma análise partilhada de factos, riscos, do futuro. “Compreender o outro na sua cultura, isto é, no seu esforço para ligar identidade e instrumentalidade numa concepção do Sujeito, é este o sentido de uma escola do Sujeito” (idem, *ibid*: 373).

A escola teria um papel fundamental no processo de democratização. O objectivo é deslocar a ideia de integração realizada através de um sistema político (de cima para baixo) e realizá-la através do indivíduo, do actor social; uma sociedade que ensine a diversidade, que prepare o indivíduo para se constituir como sujeito, que reconheça o outro como sujeito, independentemente da sua classe social, sexo, orientação sexual, ou cultura.

A educação centrada na diversidade propicia comunicação intercultural, fornece condições para que os indivíduos se tornem livres para optar, transformar e preservar a sua unidade, construir livremente a sua vida através das suas experiências, livre de pressões sociais.

Desta forma, não caberia a esta instituição que a sua organização fosse pautada pelo autoritarismo, mas sim em debates públicos em que os estudantes e a comunidade local tivessem possibilidade opinar e decidir sobre as regras, transformações e acções a elas dirigidas. É necessário que a educação pense e viva a liberdade, diversidade, e solidariedade entre indivíduos e grupos, com vista à sua autonomia e à sua autoformação. O intuito é criar condições de liberdade para que o ser humano recuse a submissão, o hábito, o condicionamento que anula a sua capacidade individual, a sua

criatividade, a sua diferença.

Há uma lógica que deve ser preservada, que não é a da identidade, porque esta é administrada pelo Estado ou pela comunidade, mas sim a lógica da diferença e da pluralidade. Cultivar o risco de conviver com o risco, ou seja, de conviver com o *outro*, com o *estranho*. Baseia-se na igualdade entre diferentes indivíduos, e no direito de todos desenvolverem as suas potencialidades.

2ª PARTE

A CIDADE DE QUARTEIRA – ESTUDO DE CASO

2 - O OBJECTO DE ANÁLISE E DESENHO DA PESQUISA

2.1 PROBLEMATIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO OBJECTO DE ANÁLISE

O presente trabalho de investigação tem na cidade de Quarteira o seu objecto empírico. O objectivo geral da pesquisa consiste em compreender se a intensificação do encontro entre *diferentes* (locais/estrangeiros) têm contribuído para a criação de uma “cultura democrática das diferenças”.

Nos capítulos anteriores procurei reflectir sobre a produção das diferenças e das identidades culturais nas sociedades ocidentais contemporâneas, que envolve complexos processos de criação, reprodução, afirmação e reconhecimento das mesmas. Ao articular esta reflexão em relação ao espaço social, local onde os diferentes tipos humanos inscrevem e negociam as suas diferenças, a análise aqui proposta busca perceber se a intensificação do contacto resulta em aproximação ou distanciamento entre estes actores sociais, e de que forma isto pode reconfigurar os espaços urbanos da cidade.

Seguindo esta linha de problematização, a investigação aqui apresentada parte de hipóteses geradas a partir de um paradoxo: embora a experiência nos mostre que a melhor forma de familiarizar-se com o *outro*, o diferente, é mantendo contacto entre si, nem sempre a intensificação deste contacto resulta em proximidade e conhecimento entre eles. Desta forma, quais são os factores que influenciam para uma aproximação ou distanciamento entre actores sociais? Será que estes se encontram ora próximos ora distantes, ou se há uma tensão entre estes dois pólos opostos? Ou seja; será que podemos afirmar, que esta intensificação de trocas e experiências culturais propicia por ela própria, a uma maior tolerância e conhecimento entre os “de dentro” e os “de fora”; ou pelo contrário, essa *explosão de encontros*, tem resultado em tensões entre *estranhos* nos espaços urbanos da cidade? E ainda, será que podemos considerar que estas duas reacções (proximidade e distanciamento) coexistem tanto na cidade como em seus actores? E caso coexistam, sob que condições há um aumento ou diminuição desta tensão na vida quotidiana da cidade?

Uma segunda linha de problematização tem interesse nos processos de ocupação e apropriação simbólica dos espaços urbanos da cidade, realizado por aqueles que chegam e carregam consigo traços e fragmentos identitários de sua cultura de origem, ou então das culturas que interiorizaram em suas experiências migratórias. De que forma

imprimem simbolicamente a sua presença na cidade, o que trazem que irão reproduzir e reinventar neste novo meio social, como jogam sobre os espaços urbanos as suas marcas?

A cidade de Quarteira passou por profundas transformações morfológicas a partir da entrada do sector no turismo, inúmeras foram as intervenções urbanísticas realizadas em seu território. Essas intervenções não tinham um plano geral de urbanização que actuasse de forma qualitativa na cidade, foram geradas a partir de interesses díspares orientados sobretudo pela especulação imobiliária. A construção de um dos principais complexos turísticos europeus (complexo de Vilamoura) conjugado com políticas pautadas no turismo de massas (sol/praias), fez de Quarteira um dos principais destinos turísticos na década de 70, e a partir de então a cidade não parou de crescer.

Este facto resultou num acentuado aumento demográfico, originado, sobretudo, pela entrada de estrangeiros/imigrantes na cidade, reflexo do desenvolvimento do turismo na região Algarvia, que atraiu tanto uma imigração laboral como estrangeiros europeus que são o público-alvo deste projecto do turismo.

Desta forma, o estudo de caso inicia-se descrevendo estas transformações na cidade, considera fundamental inseri-la nesta investigação, visto ser um dos factores de atracção da população estrangeira, assim como, um dos factores que pode ter contribuído para o distanciamento dos diferentes actores sociais e aproximação de actores específicos, visto ter reconfigurado os espaços comuns públicos, propondo novos usos e usuários, delimitando espaços que antes eram de uso comum, privilegiando a esfera privada em detrimento da esfera pública.

2.2 MODELO DE ANÁLISE E ESTRÁTEGIAS METODOLÓGICAS

Poder-se-ia começar a investigação baseando-se na ideia que a cidade exposta apresenta um leque de diversidades que são realidades observáveis através dos sentidos do observador. Estas diferentes realidades observáveis revelam uma cidade sujeita a uma multiplicidade de olhares e interpretações.

Esta investigação propõe analisar questões mais sensíveis do urbano, requer um trabalho que envolva os sentidos e as percepções do observador. Não pretende ser, de todo, representativa da população estrangeira ou imigrante; sua pretensão está mais num retrato genérico das diversas formas de socialidades (ou seja, das relações sociais, conflitos, negociações entre actores sociais, que recompõem o cenário da sociedade na localidade) realizadas entre *os diferentes* nos espaços comuns urbanos, com o caso de Quarteira, em especial, sobre a vila de Quarteira.

Frente a isto, foi considerado pertinente uma aproximação da sociologia à etnografia, de modo a tomar para si o papel do etnógrafo, da prática etnográfica e da experiência etnográfica, englobando estratégias de contacto e inserção no campo. Irá recorrer aos dois pilares da etnografia: “a interacção prolongada do investigador com os sujeitos da pesquisa e a interacção quotidiana do pesquisador no universo do sujeito” (Magnani, 2002).

Privilegiou-se uma análise de cariz essencialmente qualitativo, que desse conta do quadro de problematização delineado, com uma estratégia metodológica multifacetada capaz de captar a complexidade do tema proposto, assim como a rede actores envolvidos.

Desta forma, a investigação decidiu por quatro instrumentos metodológicos principais: em primeiro foi realizado uma pesquisa exploratória junto as principais instituições locais. Num segundo momento optou-se por realizar as primeiras observações em campo, no qual foi apontado as percepções do observador no universo do estudo. Em seguida foram realizadas entrevistas aos diversos grupos estrangeiros/imigrantes, aos locais de naturalidade portuguesa e aos representantes e actores políticos, aos quais, a investigação pretendeu incidir. Paralelamente a realização destes três instrumentos citados, foi procedido o levantamento de informação em diversos tipos de materiais impressos e em formato on-line, documentos oficiais de administração municipal,

textos, monografias, dissertações de mestrado, artigos científicos, literatura sobre a região algarvia, jornais e fóruns de discussão.

2.2.1 PESQUISA EXPLORATÓRIA

A pesquisa exploratória teve por objectivo fazer um primeiro levantamento de todo o material disponível sobre a entrada de estrangeiros no território Algarvio, com ênfase no concelho de Loulé. Adicionalmente, pretendia-se averiguar a rede de intervenientes, agentes sociais, instituições e organizações que trabalhavam com essa parcela da população na região.

Num segundo momento, pretendia-se a identificação de outros actores e agentes intervenientes, agora no âmbito do turismo, de modo a fazer uma recolha exaustiva de informação sobre a entrada do sector do turismo na região Algarvia, em especial na cidade de Quarteira. Procurou-se identificar as principais alterações morfológicas estruturais na cidade, assim como em todo seu ambiente urbano.

Foram contactadas as principais instituições e organismos públicos e privados: Câmara Municipal de Loulé, Arquivo Municipal de Loulé, Junta da Freguesia de Quarteira, Observatório do Algarve, Observatório da Imigração, Centro Local de Apoio ao Imigrante (CLAI), Associações de imigrantes, organizações de estrangeiros e ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

Esta fase foi marcada por uma dificuldade na obtenção de informação a respeito da entrada de estrangeiros na cidade de Quarteira. Toda a informação disponível dizia respeito ao território Algarvio, e com alguma insistência foi conseguida informação reduzida sobre o concelho de Loulé.

2.2.2 DIÁRIO DE CAMPO

A investigação foi realizada num período de dois anos, a contar com as primeiras inserções no terreno estudado. O diário de campo foi o segundo instrumento metodológico utilizado, e pretendia uma aproximação sensível tanto dos actores sociais como do meio e contexto urbano no qual estavam inseridos. Este instrumento não foi apenas tido como um registo diário das atitudes, factos, acontecimento, comportamentos, gestos, usos e expressões que envolviam o universo em estudo, mas

também a “desordem” emocional inerente a cada acção no momento de observação. Foi privilegiado uma interacção quotidiana da investigadora no universo do sujeito e com os sujeitos; ou seja, durante meses (não sequenciais, mas que procurou abranger os diversos periodos do ano: primavera, verão, outono e inverno) a investigadora foi a terreno em vários momentos do dia (manhã, tarde e noite) e apontava as relações observáveis entre actores sociais, os comportamentos em locais públicos e privados (cafés); os percursos traçados por grupos de estrangeiros e nacionais, até onde este grupos se aproximavam, quando se afastavam, quais locais evitavam ou apropriavam simbolicamente, e assim por diante. Procurou aproximar-se dos diferentes grupos de modo a propor conversas informais sobre a vida na cidade, frequentou os diversos locais que elegeu como importantes ao estudo proposto, participou em festas e actividades organizadas pelos actores e agentes envolvidos. Este instrumento foi o que propiciou “mais riqueza de informação”, foi um instrumento fundamental para esta investigação, no sentido que propiciou uma verdadeira aproximação do universo em estudo; através dele foi possível perceber como se davam as praticas sociais e as incoerências entre estas e os discursos.

2.2.3 ENTREVISTAS

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os diversos grupos estrangeiros/imigrantes, aos locais de naturalidade portuguesa, aos representantes das associações de estrangeiros e aos actores políticos que faziam parte do universo que a investigação se propôs debruçar.

Foram realizados quatro guiões de entrevistas. O primeiro era direccionado aos naturais portugueses de Quarteira ou que residiam na cidade. Neste primeiro guião procurou-se saber sobre a história da cidade, recorrendo a memória destes actores que iam através de sua narrativa desvendando os seus segredos. Numa segunda parte da entrevista procurava-se perceber como se dava a relação com os estrangeiros, como lidavam com o facto de a cidade ter recebido um número acentuado de estrangeiros e imigrantes que decidiram ter na cidade sua residência. Por último, o que acreditavam ser fundamental para um bom convívio entre diferentes tipos de indivíduos na cidade. Esta última questão era comum em todos os guiões.

O segundo guião foi direccionado aos estrangeiros residentes em Quarteira, pretendia

saber o percurso migratório dentro do território português e o que os atraiu para a cidade de Quarteira. Na sequência, procurava perceber as primeiras reacções que tiveram quando chegaram na cidade, quais foram as suas primeiras impressões, dificuldades, e o que gostaram e desgostaram inicialmente. Na segunda parte da entrevista, a investigadora procurou recolher informações sobre suas vidas quotidianas, o que faziam, os lugares que frequentavam, as relações estabelecidas tanto com os outros estrangeiros quanto com os locais; se estavam vinculados a alguma organização ou associação de estrangeiros, se participavam das actividades promovidas por estas organizações ou as realizadas pela autarquia; e por ultimo, o que fariam para melhorar a “vida na cidade”. A entrevista finalizava com a ultima questão acima referida.

O Terceiro guião foi construído com vista as entrevistas realizadas às organizações e associações de estrangeiros. Pretendia saber sobre o surgimento e percurso destas organizações, quem eram os seus representantes e associados, se eram ou não discriminativas na adesão de novos associados. Num segundo momento, procurava obter informações a respeito de suas actividades e abrangencia interventiva, qual o papel que acreditavam cumprir socialmente, os recursos que dispunham e as fontes de financiamento que garantiam sobrevivência. Finalizava procurando entender a ideologia seguida por cada organização, e concluia a entrevista com questão comum à todos os guiões.

O quarto e último guião foi construído essencialmente para a entrevista realizada ao presidente da Junta de Freguesia de Quarteira. As primeiras questões diziam respeito a entrada do sector do turismo enquanto estratégia de desenvolvimento local, qual o impacto desta nova forma de pensar e estruturar a cidade? Em seguida pretendia averiguar o que o presidente considerava ser os factores de atracção da população estrangeira para a cidade, e se acreditava que estas viviam “juntas” ou separadas por nacionalidade ou grupos de interesse, e sendo assim, o que pensava ser condicionante para uma maior aproximação ou distanciamento entre actores sociais. Numa segunda parte da entrevista, procurava saber se o governo local considerava o aumento de entrada de estrangeiros um facto positivo para a cidade, e se havia por parte da autarquia políticas de apoio ou incentivo a esta parcela da população. Finalizava questionando-o se acreditava que a intensificação do contacto entre pessoas de diferentes culturas poderia favorecer a criação de uma cultura democrática das diferenças, e desta forma, o que era para si, fundamental para um bom convívio entre *diferentes*.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente. Foi utilizado o software de análise qualitativa MaxQDA que ajudou na organização, agrupamento e cruzamento de dados. Na análise das entrevistas, deu-se prioridade a uma avaliação individual para depois realizar as comparações e cruzamentos.

2.2.4 LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÃO

Para complementar a análise, a investigação recorreu as informações conseguidas através jornais impressos e em formato electrónico, artigos e estudos científicos; assim como, nos fóruns de discussão e Blogs. Partiu do pressuposto que, por esta via, seria possível aceder a um conjunto diversificado de informações, originado de várias fontes e operadores.

O material recolhido foi analisado de modo a englobar as diversas perspectivas sobre o impacto da entrada de estrangeiros em Quarteira; assim como, os efeitos das políticas pautadas no turismo enquanto meio de desenvolvimento local. As opiniões apontavam problemáticas e possíveis acções interventivas que respondessem as carencias sentidas. Por outro lado, evidenciava reacções da sociedade civil aos factos e problemas encontrados.

Embora não fosse possível averiguar a legitimidade de todas as informações, era sociologicamente pertinente na medida em que oferecia um leque abrangente de perspectivas e narrativas sobre a cidade e sobre o universo em estudo.

3. O IMPACTO DO TURISMO NO ALGARVE – O CASO DE QUARTEIRA

3.1 O TURISMO E A ENTRADA DE ESTRANGEIROS NO ALGARVE NOS ÚLTIMOS 50 ANOS

Toda a região Algarvia passou por profundas transformações nestes últimos 50 anos. A entrada do sector do turismo enquanto especialização da economia foi o marco central destas transformações. A concentração no litoral da maior parte dos capitais, das populações, dos investimentos que estavam, de forma geral, ligados directa ou indirectamente ao turismo, resultou na proliferação de inúmeros serviços e empresas.

Desde o começo, o turismo como motor da actividade económica local destinava-se sobretudo a mercados estrangeiros (Norte Europeu) e só depois é que atraiu os nacionais. A partir dos anos 80 devido ao conjunto de factores (empregos aliciantes, diminuição de burocracias convidativa à iniciativa privada, facilidade para obtenção de lucros, crédito habitação e um ambiente “natural” idílico) a região tornou-se favorável para a entrada de estrangeiros de diferentes nacionalidades, que viam no Algarve não apenas um bom destino para suas férias (com belas praias, óptima temperatura, e economicamente favorável), mas também um local aliciante para se fazer investimentos (mão de obra a baixo custo, organizações rudimentares e regalias fiscais).

São numerosos os estrangeiros detentores de aldeamentos turísticos, de hotéis, de comércio ou de empresas diversas ligadas à actividade turística. Não são raros àqueles que alugam a compatriotas seus casa construída para este efeito. Daí resulta o facto que muitas transacções são feitas fora de Portugal (Rodrigues, 1999:65).

Várias foram as empresas de capital estrangeiro instaladas no Algarve. Segundo o Estudo realizado pela Cecília Rodrigues (1999) da Universidade Aberta de Lisboa; só entre 1980-85, de todos os imóveis vendidos no concelho de Loulé, 34% foram comprados por estrangeiros.

A presença destes estrangeiros trouxe uma diversidade de oferta de serviços, comércio e produtos, notória para quem transita na região: lojas especializadas, de antiguidade, cabeleireiros, livrarias inglesas, artigos de moda, decoração de interiores, artigos de

desporto (golfe), empresas de prestação de serviços, aldeamentos turísticos, restaurantes e bares de diferentes nacionalidades (principalmente a inglesa), comida para fora, centros hípicas, consultórios médicos, dentários, veterinários e jurídicos, escolas de língua, escolas internacionais, centros de medicina natural, fabrico de medicamentos homeopáticos, esteticistas, galerias de arte, feiras de velharias, entre muitos outros (Rodrigues, 1999).

Rodrigues aponta que 3/4 dos residentes estrangeiros oriundos da Europa e do Norte da América exercem uma actividade profissional no Algarve, enquanto 1/4 apenas usufruem da sua reforma.

O turismo trouxe consigo fluxos enormes de populações estrangeiras diversas, oriundas em grande parte da U.E., União à qual Portugal aderiu em 1986, o que tornou ainda mais fácil a implementação de capitais e a radicação de cidadãos membros (Rodrigues, 1999:139).

É na restauração, hotelaria, comércio, bancos, seguros, operadoras de imóveis e nos serviços a empresas, que os estrangeiros marcam a sua presença; sendo que o grupo de activos mais representados pelos cidadãos de países ocidentais é no sector do comércio. Entre os reformados e pensionistas que optam por ter no Algarve residência, os britânicos são os mais numerosos e também os mais visíveis nas cidades.

Boa parte daqueles que não possuem rendimentos para investir num negócio e migram devido a fins económicos, são na sua maioria, oriundos da Europa do Leste ou das ex-colónias portuguesas, e são os que preenchem as vagas de mão-de-obra pouco qualificada, salvo algumas excepções. Há porém ramos de actividade em que estes estrangeiros são pioneiros; na área da restauração e nas clínicas de estética (centros de beleza Afro), encontramos muitos investidores brasileiros e africanos que preferencialmente contratam os seus conterrâneos para trabalhar nos seus empreendimentos. Há que citar também os supermercados e mercearias com produtos típicos destes países.

No caso dos cidadãos da Europa do Leste, há aqueles que por dificuldade de reconhecimento das credenciais académicas, acabam por exercer cargos em profissões menos qualificadas, mas há uma elevada percentagem que realizam actividades científicas; são sobretudo, docentes da Universidade do Algarve com elevada qualificação académica.

Segundo os dados divulgados pelo Observatório do Algarve, o número de cidadãos

estrangeiros a residir legalmente no Algarve teve um aumento significativo nos últimos anos. Em 2003, registaram-se 68.158 estrangeiros e em 2005 estes números aumentaram para 87.552, o que representou um aumento de 28,4%. Dos 395.218 habitantes algarvios, 20% são estrangeiros.

Os dados de 2005 apontam que a maior comunidade estrangeira pertencente à U.E a residir no Algarve é a do Reino Unido (10.601), seguido da Alemanha (4.353), países baixos (2.469) e França (1.169). Dos estrangeiros oriundos de países terceiros, a Ucrânia é a que ocupa o primeiro lugar (9.935), o Brasil (9.246), Cabo Verde (4.238), Moldávia (3.369), Roménia (2.714) e Angola (1.321).

No que diz respeito a distribuição geográfica, verifica-se que estas populações escolheram, para residir, os concelhos de Loulé, Lagos, Portimão, Lagoa, Albufeira e Faro; concelhos que apresentam uma maior actividade turística; sendo que Loulé é o concelho que possui mais residentes Europeus (1.216).

Na periferia do triângulo Lagos – Silves - Faro, estão os concelhos que receberam menos estrangeiros nos últimos anos. Uma das explicações é o facto de não serem zonas turísticas, ou de não estarem próximas do mar. Há contudo tendências de algumas comunidades em viver em zonas mais afastadas; sobretudo em aldeias (comunidade Alemã), onde factores como: a vegetação, o tipo de vida, proximidade com seus compatriotas, são fundamentais na escolha da localização de sua residência (Rodrigues, 1999).

E não é apenas no sector do turismo que estes estrangeiros investem o seu capital e conhecimento, é de salientar o papel inovador na agricultura, no qual introduziram novos cultivos, tecnologias, novos hábitos, saberes, costumes e tradições. Incentivaram e influenciaram de várias formas, desde o hábito de restaurar casas tradicionais à própria valorização do património material e imaterial.

O Algarve, terra de emigração e imigração, é local caracterizado pela mobilidade de pessoas nacionais e estrangeiras. Assistiu a inúmeros dos seus locais saírem para outras terras em busca de melhores condições de vida, e num percurso inverso, viu chegar o estrangeiro.

O território algarvio é caracterizado por essa conjugação de entradas e saídas, que não é facto recente. Sempre foi território disputado por diversos povos (Gregos, Fenícios, Cartagineses, Romanos, Visigodos, Mouros), mesmo antes de ser integrado ao território Português; e todas estas ocupações deixaram marcas físicas, algumas mais visíveis do

que outras.

É evidente que a conjuntura económica, social e política diferiu durante toda a história da região e do País, e esses fluxos e afluxos migratórios relacionam-se directa ou indirectamente às políticas adoptadas, aos recursos disponíveis, e às “falhas”, ou melhor, “brechas” deixadas por estas políticas.

Numa conjuntura de mundialização da economia, de grandes fluxos mundiais migratórios de pessoas, bens e serviços, de abrigo da legislação comunitária; numa região que desde a década de 60 começou a ser pensada e executada com vista ao capital estrangeiro, sendo os estrangeiros (sobretudo do Norte da Europa) público-alvo deste projecto. Foi neste contexto que a prosperidade económica da região se fez, e ao abrigo desta prosperidade os estrangeiros ocuparam simbolicamente os espaços e as actividades económicas, e não apenas, também se inseriram na vida social e cultural da cidade, criaram as suas empresas, ocuparam cargos de diversos escalões, compraram ou mandaram construir as suas casas, mandaram vir as suas famílias, criaram vínculos sociais e culturais com a comunidade local e (ou) criaram a sua própria comunidade, abriram escolas, igrejas, associações, clubes; possuem os seus cafés de encontro, os seus médicos, dentistas, rádios, lêem os seus jornais.

O impacto destes vínculos, marcas, ocupações simbólicas alteraram o ambiente social, cultural e económico da região. Estes factores propuseram uma nova dinâmica social às cidades, com novas formas de pensar e agir socialmente; mas será que estas modificações foram absorvidas e integradas pacificamente pela comunidade local? Será que essas diversas influências contribuiram para a criação de uma sociedade culturalmente “mais” democrática? Será que a intensificação do encontro entre pessoas de diferentes nacionalidades propiciou a criação de um ambiente compartilhado, com maior proximidade entre os diferentes?

Nos capítulos seguintes, será feita uma caracterização geral sobre a cidade de Quarteira e as influências do sector do turismo na região. Posteriormente, o estudo tentará problematizar a relação de proximidade e distanciamento entre os estrangeiros, e entre estes e os locais. Através do estudo de caso da cidade de Quarteira, esta investigação debruçar-se-á sobre esta problemática tentando responder de forma genérica a estas questões.

A investigação não tem a pretensão de propor uma explicação ou resposta a estes questionamentos de modo a englobar um conjunto de cidades culturalmente

diversificadas. Cada meio social responderá de forma distinta às questões globais, o que podemos encontrar são traços, semelhanças, cruzamentos; e aí sim propor comparações e fazer análises globalizantes, mas as comparações ficarão para futuros estudos.

3.2– QUARTEIRA - A HISTÓRIA DA CIDADE

Quarteira era um a pacata aldeia de pescadores que foi crescendo, criou primeiro restaurantes, depois hotéis, nos anos 70 começa o plano de urbanização de Vilamoura, e a partir daí não parou mais de crescer.

Presidente da Junta da Freguesia – Sr. José Coelho Mendes

Remontando tempos de ocupação Fenício e Cartaginês, sob designação toponímica de Carteia, surge uma vila, que supõe-se existir desde 504 a.C. A antiga Carteia passou por diversas ocupações: a romana, visigótica e muçulmana; restam destas épocas pequenos vestígios que ainda são frutos de estudos arqueológicos na localidade (Madeira, 2006). Segundo alguns estudos, a Carteia estaria situada nas proximidades da actual povoação, cerca de 2 quilómetros e meio para nascente, local conhecido por Loulé-Velho.

Em 1755 há o maremoto em Portugal, Lisboa e algumas de suas vilas costeiras foram destruídas. Quarteira foi devastada pelo maremoto, e quase todas as marcas físicas de suas ocupações anteriores foram apagadas da vila. Relatos evidenciam no entanto, uma rápida recuperação, o que permitiu retomar em pouco tempo suas principais actividades, que eram a pesca e a agricultura.

Foi na primeira República, através da Lei nº 509 no dia 13 de Abril de 1916, que Quarteira ascende a freguesia, e mais tarde em 1919 “após a morte do Conde de Azambuja, a Quinta de Quarteira foi adquirida pela “Sociedade Santos Lima, Lda.” Esta sociedade, em 1965, “vendeu-a à Lusotur – Sociedade Financeira de Turismo, passando o Morgado de Quarteira a designar-se por Vilamoura” (Madeira, 2006:3).

Quarteira era até a década de 50 e 60 uma aldeia predominantemente piscatória, sua economia girava em torno do sector da pesca, os pescadores pagavam uma taxa de 3% da venda do pescado para o concelho de Loulé, contribuindo desta forma para as finanças do concelho; mas nesta época já se começa a notar um aumento da procura de outros tipos de ofertas na vila, os primeiros sinais da entrada do sector do turismo. Havia

entre os meses de Julho a Outubro uma razoável actividade turística (turismo balnear), com algumas actividades termais com os banhos na Fonte Santa, e a população da vila não ultrapassava os 3.798 habitantes.

Já nos anos 40 e 50, Quarteira era conhecida como “Grande Praia Popular do Algarve”, praia de dunas e canaviais, marcada pela identidade de seu povo, de hábitos e costumes de quem vive do mar e da agricultura. As suas casas de alvenaria, singelas e sem grande esplendor arquitectónico, mantinha as características tradicionais de sua população.

Nesta época havia uma concentração de casas na parte baixa da povoação, que em sua maioria, era de pertença dos pescadores que as alugavam durante o verão aos banhistas. Estava situada na vertente sul do depósito de água velho, a aldeia piscatória de Quarteira, os “cavacos”, que no verão também convertia-se em moradias aos veraneantes. Aqui, ainda não há registos de hotéis na região, apenas a pensão *Mário*, localizada na Avenida Marginal. Durante o inverno, a aldeia vivia essencialmente da pesca e da agricultura (Pardal, 1996).

A partir de 1965, começa a ser concretizado uns dos maiores complexos turísticos da Europa que ocupou 1600 hectares da freguesia, o complexo turístico privado de Vilamoura; e é também no mesmo ano inaugurado o aeroporto internacional de Faro. Na década de 70 vários projectos foram concretizados; desde a construção de unidades hoteleiras, aberturas de pensões na marginal (Pensão restaurante “Sol e Mar”, Pensão “Atlântico”, “Toca do coelho”; entre outros), projectos de abastecimento de água, de melhoria das áreas urbanas, construção de um parque de campismo, e uma maior atenção à importância e necessidade de melhoria das ligações ferroviárias (Lisboa-Algarve). Tudo isto elevou o preço da terra, e as propriedades de até então pouco valor, passaram a ser disputadas por privados cujo intuito era a especulação imobiliária. Isto combinado com uma “quase que completa ausência” de regulação dos projectos, com a diminuição das burocracias, fez com que Quarteira passasse rapidamente a ser local ideal para a concretização de um *lugar* de turismo de massas.

Nos anos 70 a praia de Quarteira registou um movimento turístico invulgar, “abarrotoando” por completo os parques de estacionamento e as ruas, o que fez com que a Câmara Municipal de Loulé providenciasse obras de pavimentação e solidificação do passeio do lado norte da Marginal, para que aí se pudesse estacionar algumas das centenas de automóveis que se amontoavam ao longo da orla marítima em péssimas condições.

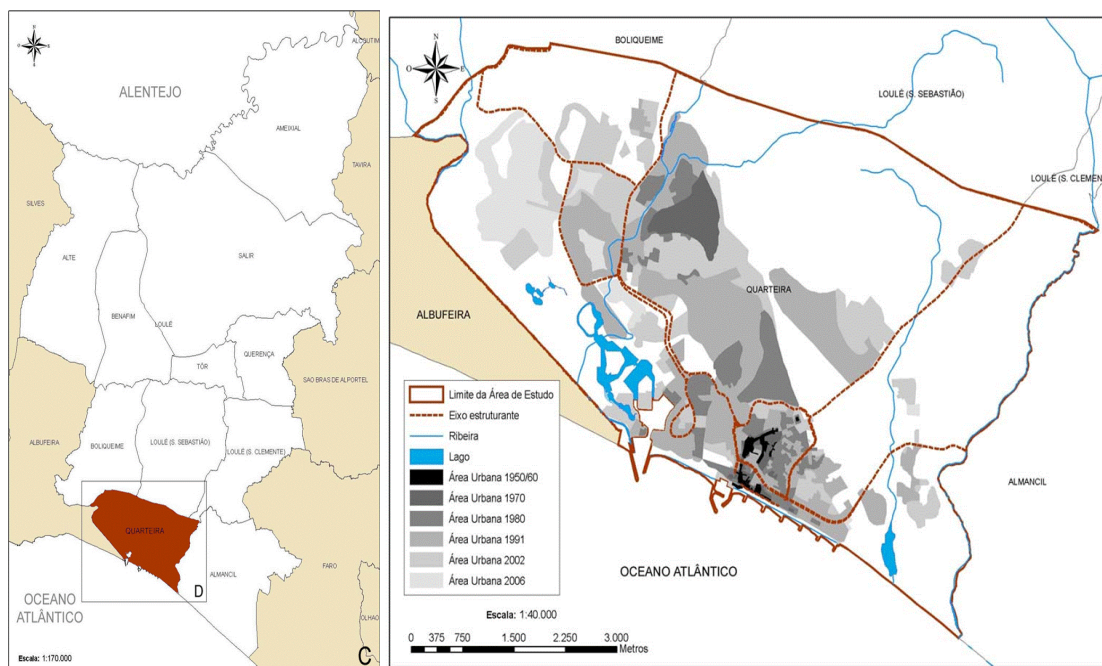
A antiga povoação de Quarteira foi elevada a vila a 28 de Junho de 1984 e a cidade em 13 de Maio de 1999, através da lei nº 52/99, de 24 de Junho.

Quarteira é uma cidade que tem se desenvolvido desde os anos 61, tem crescido demograficamente, tem crescido a nível de ofertas, essencialmente trabalho (...) Neste sentido teve um crescimento constante. Nos anos 60 inicia-se o princípio do turismo no Algarve, e Quarteira passou desde logo ser uma zona de destino de turismo na Europa (Entrevista Presidente Junta de Freguesia, Sr. José Coelho Mendes).

Com o desenvolvimento turístico ocorreu um aumento demográfico na região, através da criação de emprego, no qual fixou a população local e atraiu outras de freguesias próximas e mesmo de áreas bem mais distantes. Outros factores importantes foram o 25 de Abril de 1974 e a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia em 1986. Após estes acontecimentos, Quarteira viu chegar em suas terras estrangeiros de diferentes nacionalidades, sobretudo de suas ex-colónias, em busca de melhores condições de vida e oportunidades distintas.

3.3 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO/ EVOLUÇÃO URBANA

No Sotavento litoral algarvio, a 11 km do concelho de Loulé (sede concelhia) e a 21 km de Faro (sede do distrito) está localizada a cidade de Quarteira, cidade que possui uma localização central na região algarvia.



Quadro 1: Localização geográfica da cidade

Quadro 2: Evolução Urbana

Fonte: Madeira, Ricardo (2006)¹

No quadro 2 é possível verificar a evolução urbana da cidade; que desde os anos 60 tem vindo a crescer num ritmo alucinante. O projecto do turismo enquanto especialização da economia local fez com que em Quarteira fosse aumentado a capacidade de alojamento com a construção de blocos residenciais, hotéis, edifícios e estruturas de entretenimento. Os quarteirenses sentiram no dia-a-dia as transformações físicas e sociais na freguesia; originada pela forte entrada do sector do turismo, reflectindo um aumento do custo de vida, numa valorização da terra e das propriedades; embora as infra-estruturas públicas só tenham surgido após a entrada de capital privado de nacionais e estrangeiros, que viram na região grande potencial para seus investimentos.

¹ Mapa realizado por Ricardo Madeira (2006) a partir da visualização das ortofomapas de 1970, 1980, 1991 e 2002, carta militar de 1979, fotografias aéreas e conhecimento do ano de construção de alguns edifícios e equipamentos da cidade.

Foi no ano de 1963 que começaram as grandes obras na cidade, tendo sempre a preocupação de um desenvolvimento pautado no turismo de massas. Até este ano, a entidade que impulsionava o desenvolvimento local através do turismo, era a SOTAQUE– Sociedade e Empreendimentos Turísticos de Quarteira, e um organismo dirigido pela junta da freguesia intitulado “Junta de Turismo da Praia de Quarteira”, que projectou um plano de urbanização da cidade que pretendia: fixar zonas de casas em blocos; construir zonas residenciais isoladas com extensas áreas descobertas; construção de edifícios turísticos que respondessem aos problemas da sede local; previa também a construção de estabelecimentos comerciais, balneários públicos, restaurantes, discotecas, uma secretaria de turismo, parque de campismo e um casino.

Neste mesmo período, entre os anos 60-70, havia sérios problemas habitacionais que eram evocados pela comunidade piscatória, e para este efeito foi criado a Comissão Central das Casas dos Pescadores, cujo principal objectivo consistia na construção de dois bairros, o primeiro de habitação pessoal e o segundo de casa desmontáveis. Outra entidade responsável pela concretização de uma série de projectos foi a empresa privada Lusotel; responsável por um dos principais empreendimentos turísticos: o Vale-do-Lobo.

Nos anos 70, notava-se em Quarteira uma multiplicidade de construções de vivendas nacionais e estrangeiras (um verdadeiro surto do sector do turismo); as ruas, parques, hotéis registaram um movimento invulgar. Ao constatar tal estrangulamento a Câmara Municipal de Loulé propôs obras públicas que respondessem a este grande fluxo turístico; foram ampliadas avenidas, foram criadas zonas de estacionamento nas proximidades da orla marítima; a Direcção de Estradas do distrito de Faro viu-se também forçada a proceder aos melhoramentos do traçado da Estrada Nacional 125, que faz a ligação da Patã à Ribeira de Quarteira, o que resultou num aumento ainda maior do tráfego de automóveis na localidade.

Poder-se-ia transformar o povo de pescadores em vila cosmopolita, sem esconder com a floresta de cimento, que se construiu na borda-d'água. Quarteira, pela sua situação, poderia ter sido construída em anfiteatro, sem haver um autêntico divórcio entre zona ribeirinha e os cavacos, como o que, hoje, constatamos. Interesses mesquinhos levaram à construção em altura, com a agravante de ser em banda contínua, em toda marginal. Não houve a intenção de preservar o que quer que fosse, pois até os cavacos estão cheios

de construções incharacterísticas, a que não faltam os alumínio e os azulejos, tipo “casa de banho” nas fronteiras das casas (Relatos de moradores *apud* Pardal, 1996:41).

O desenvolvimento de um turismo fortemente sazonal, trouxe inúmeros problemas a povoação, que foram resolvidos de modo a responder rapidamente as demandas; mas muitas das “resoluções” encontradas para os problemas geraram ainda mais problemas para a população local. O crescimento e “desenvolvimento” da cidade foi acompanhado por medidas de *urbanização e ordenamento* aonde o betão imperava, conjuntamente com uma ausência de regulação nas construções de habitações paralelas, o que fez a antiga povoação de Quarteira, com suas casas caiadas e ruas de areia, pouco ou nada restasse.

A vila de Quarteira ao longo de seus anos nunca teve uma política de planeamento e de ordenamento do seu espaço que fosse eficaz. Foi crescendo e se transformando ao ritmo da especulação das imobiliárias. Foram elas que ditaram as regras de ocupação do solo e do desenho urbano, e não os responsáveis autárquicos, urbanistas e geógrafos. Apesar de existir alguns estudos urbanísticos, nunca foi capaz de os concretizar de uma forma coerente e integrante (Madeira, 2006:22).

A região não estava preparada para aguentar a pressão da população flutuante anual, seria necessário construir infra-estruturas que pudessem responder aos interesses e hábitos, aos modos de vida da população alvo do projecto (os Europeus do Norte), além disto, havia questões essenciais que precisavam ser resolvidas, algumas primárias; tais como: saúde, bem-estar e saneamento.

Foram gastos dezenas de milhões de contos para adoptar estas infra-estruturas; no entanto Quarteira, assim como todo o Algarve, continuou a crescer, o turismo a aumentar e a construção excessiva e desorganizada a tornar-se um problema real (Pardal, 1996).

3.4 QUARTEIRA CONTEMPORÂNEA

Segundo os dados divulgados pela Junta da Freguesia, Quarteira é umas das freguesias mais populosas do concelho de Loulé com aproximadamente 25.000 residentes. De acordo com Plano Operacional de Respostas Integradas (PORI 2008) possui uma taxa de crescimento demográfico superior a 60% (1991- 2001).

Embora seja a terceira freguesia mais pequena do concelho, com uma área de 37,85Km; ou seja, 5% da área total concelhia possui uma densidade populacional de 426,13 hab./Km², o que faz da mesma a 3^o freguesia que mais cresceu no Algarve. Este crescimento tem como causa o desenvolvimento do turismo na região, a maior taxa de natalidade do Algarve e a imigração estrangeira, que representa 33.6% da população residente na freguesia, sobretudo por imigrantes brasileiros (1.547), do leste europeu (1.285), africanos (475 Cabo-verdianos e 414 angolanos) e estrangeiros da Europa Ocidental (1.046). Estes números não contabilizam os estrangeiros em situação irregular, o que indica que o número de residentes seja bem maior do que o registado (PORI, 2008).

Foi no período entre 1970-2001, onde verificou-se o maior crescimento populacional na cidade, período no qual a sua população quintuplicou. Até os anos 80 uma das principais causas de tal crescimento é resultado do grande fluxo migratório de retornados Ultramar. Após os anos 80 seu crescimento deve-se em grande parte ao desenvolvimento das actividades do sector do turismo e da construção civil.

Logicamente, com o crescimento de equipamentos houve um crescimento da população, oferta de trabalho, com o 25 de Abril, dá uma passagem, um marco histórico de Portugal; penso que portanto, um regime democrático e que há uma abertura maior do mundo, a seguir aparece a entrada na CEE, também mais uma abertura para toda a Europa, e os países de expressão portuguesa também; o caso do Brasil, que há acordos especiais horizontais, o que dá possibilidade de entrada e saída nestes dois países; e daí se deu o grande crescimento da cidade de Quarteira (Entrevista Presidente Junta de Freguesia, Sr. José Coelho Mendes).

O desenho urbano da cidade é caracterizado por anos a fio de planos de construção em altura, de uma forma desordenada de construção que privilegiou as habitações de três, quatro andares, destinados à segunda habitação. Em 2001 existiam cerca de 414

alojamentos de uso sazonal/secundário por km², número bem superior a da sede concelhia (Loulé) que é de 30 alojamentos por km².

Desta forma, a cidade é caracterizada por uma grande concentração urbana de prédios com forte densidade populacional, áreas centrais de menor densidade com moradias mais antigas, e áreas periféricas onde estão localizados os bairros sociais e as construções “mais modernas”. Na freguesia existem três bairros sociais considerados problemáticos: Abelheira, IGAPHE e Bloco IGAPHE e alguns prédios degradados que acolhem sobretudo imigrantes (PORI, 2008).

Segundo Madeira (2006), o sector de actividade mais importante da freguesia é o sector terciário (cerca de 75%) relacionado com as actividades do turismo, tanto em termos de número de empresas a laborar como na percentagem da população empregada. Os ramos de actividade mais relevantes são: o comércio (27,6%), a restauração (17,2%) e o alojamento (6,9%).

No que diz respeito a cultura e desporto, segue abaixo algumas iniciativas e equipamentos disponíveis na cidade.

| Cultura e Desporto |
|-------------------------------|
| Galeria de Artes Praça do Mar |
| Teatro Amador de Quarteira |
| Clube Basket “Os tubarões” |
| Marchas de Quarteira |
| Clube Náutico e de Pesca |
| Academia de Judo de Quarteira |
| Eventos de Verão |

Quadro 3 – Cultura e Desporto em Quarteira

- O **Teatro Amador de Quarteira** é uma iniciativa realizada pelo sr. António Alvarinho. O grupo não possui sede e as apresentações são realizadas na Praça do Mar.
- O **Clube Basket Quarteira**, foi criado em 1994 por alguns moradores da cidade, e por dificuldades de instalações e económicas, o funcionamento administrativo e logístico estabeleceu-se inicialmente em casa dos seus dirigentes, sendo a prática da modalidade efectuada no pavilhão da Escola D. Dinis em Quarteira, e mais tarde, no Pavilhão Dra. Laura Ayres onde actualmente se desenvolve toda a actividade e jogos.
- O **Clube Náutico e de Pesca de Quarteira**, fundado em 2000, tem como intuito a promoção cultural, recreativa e desportiva dos associados, defesa do meio ambiente marítimo e zona adjacentes. Este Clube foi criado a partir da extinção da secção de Pesca do Clube Desportivo e Recreativo Quarteirense (Não possui sede).

- **Piscinas Municipais** de Quarteira foram inauguradas em 2008. O complexo possui dois tanques com seis pistas de 25m e duas de 50m e a sua polivalência permite a prática de várias modalidades.
- **Estádio municipal** de Quarteira é composto por: 1 campo relvado, 1 campo pelado, Iluminação, Pista de Atletismo, Polidesportivo, balneários, Posto médico e fisioterapia, Sala de Imprensa e Bar. O estádio possui uma bancada com capacidade para 600 lugares sentados. Está situado entre Quarteira e Vilamoura, local que favorece um aproveitamento turístico-desportivo.
- **Campo de ténis** de Quarteira está localizado numa zona privilegiada da cidade. Possui dois campos de ténis, de medidas regulares.

Fonte: Câmara Municipal de Loulé

Equipamentos Municipais

Piscinas Municipais de Quarteira

Estádio Municipal de Quarteira

Campo de Ténis de Quarteira

Quadro 4 – Equipamentos Municipais

A cidade teve um rápido e acentuado crescimento urbano e vários problemas originaram-se a partir deste facto. As iniciativas de melhoria urbana foram acções dispersas, pontuais, que não obedeceram a qualquer estratégia de desenvolvimento sustentado, carecendo de real e favorável impacto na vida dos seus habitantes e no ambiente urbano da cidade. Ainda hoje o caos urbano, a inexistência de espaços verdes, a forte densidade de ocupação do solo, a insistência na construção de edifícios particulares são factores que marcam a cidade. Por este motivo, moradores reúnem-se em associações locais e reivindicam órgãos autárquicos próprios com poder de decisão municipal. A AQUC (Associação de Quarteira Concelho) reclama a importância em ter equipamentos que melhore as condições de vida dos Quarteirenses, tais como: uma biblioteca pública, cartório notarial e serviços de registo civil e predial, um mercado com melhores condições, um porto de pesca de dimensão e infra-estrutura que satisfaçam as exigências de uma actividade piscatória moderna e um serviço de saúde com atendimento permanente.

Actualmente, está a ser realizado em Quarteira um vasto projecto de reordenamento urbano e reabilitação da imagem da cidade realizado pela Câmara Municipal de Loulé, visto a cidade ser um dos “pontos negros” do Algarve em termos de urbanismo. O projecto de reordenamento urbano conta com um orçamento de 10 milhões de euros destinados a seis projectos estruturantes para a cidade (Quartel de Bombeiros, Criação da Escola EB1, requalificação da Zona Costeira Poente de Quarteira-Vilamoura, Plano de Urbanização Norte-Nordeste, requalificação da rede viária e a requalificação

urbanística das áreas marginais da cidade). Estas intervenções procuram atender as críticas feitas aos projectos anteriores, de modo a responder as carências urbanísticas da cidade. Os equipamentos acima referidos fazem parte deste plano de acções, que inclui também a reabilitação de uma das principais artérias de acesso ao centro de Quarteira que é a Rua 25 de Abril, de forma a melhorar as condições de circulação viária e pedonal.

4– A CIDADE DE QUARTEIRA E A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

4.1 – A CIDADE TRANSFORMADA

O que diríamos aqueles que chegam nas suas cidades e já não as reconhecem; como se nada sobrasse de um passado não muito distante. Poderíamos aqui pensar naqueles que saíram das suas cidades por tempo determinado e que passados 5 ou 6 anos retornam, e os *lugares* já não são os mesmos, as pessoas estão diferentes, há novas “tribos urbanas”, novas maneiras de estar; há novos viadutos, as ruas foram alargadas, privatizadas; as linhas dos transportes públicos foram alteradas e fazem agora novos percursos; aquele terreno baldio utilizado pelas crianças como um campo de futebol improvisado é agora um conjunto habitacional de luxo; as casas foram trocadas por prédios, surgiram bares, discotecas, centros comerciais e, de repente este indivíduo, antes localizado, perde-se na sua própria cidade «A cidade torna-se o “outro” *desconhecido*».

Conhecemos cidades que se transformaram significativamente em poucos anos; seja através de políticas de reabilitação ou revitalização urbana, políticas pautadas no turismo de massas ou especializado, cidades que apostaram em *marketing territorial*, que tiveram de responder a uma série de exigências para possuir uma *marca*, sofrendo na maior parte dos casos alterações morfológicas significativas.

Um antigo morador, que vê a sua cidade transformar-se num ritmo alucinante, muitas vezes sem poder ser actor destas transformações; e que, por vezes, é privado de realizar actividades que antes lhe eram quotidianas (frequentar determinados lugares, realizar um itinerário), vê-se deslocado na sua própria cidade, passando esta a constituir-se como “estranha”, desconhecida. «O local como o *outro*, transformado». Neste sentido, podemos falar da *cidade dos outros*, um mosaico de desconhecidos numa cidade também ela, “outra”.

Há cidades que mudaram de tal maneira, que nada sobrou de sua história física (marcada, impressa) nas suas ruas, esquinas, praças, quarteirões. Como se toda uma memória tivesse sido apagada para que outra pudesse vir ocupar o seu lugar. São cidades descaracterizadas, que se desvincularam do seu passado, reconstruíram-se através da anulação, criadas sob uma tábua rasa; possuem construções recentes e privilegiam o “novo”, o da “última geração”.

Quarteira é uma destas cidades, a sensação de quem transita na cidade é de que foram

privilegiadas características cénicas de uma paisagem desenhada para o turismo de massas (e boa parte deste desenho ficou restringido as áreas circundantes da orla marítima), as características tradicionais e naturais da cidade foram destruídas sem nenhum tipo de precaução. Os espaços para habitar, os equipamentos que dão vida e são inerentes ao urbano (ensino, saúde, cultura) foram deixados para segundo plano em prol das actividades de lazer (campos de golfe, parques aquáticos, casinos) e aos incentivos às construções privadas, que tornaram-se o “atractivo” da cidade.

No mundo moderno, assistimos a apropriações físicas e simbólicas crescentes dos espaços comuns. A amplificação da esfera privada tem resultado em transformações significativas no meio urbano. Há cidades que têm apostado em projectos de desenvolvimento local que privilegiam a vida privada em detrimento da vida pública, favorecendo a iniciativas que recuam as formas de socialidade em espaços públicos e incentivam as realizadas em espaços privados.

Nas entrevistas realizadas aos antigos moradores, os aspectos positivos estavam relacionados aos empreendimentos privados construídos dentro da freguesia.

e8: (...) Quarteira actualmente é a freguesia do concelho de Loulé com mais potencial. Tem pelo menos metade do orçamento das finanças do concelho de Loulé são da freguesia de Quarteira, porque Quarteira não é só Quarteira, Vilamoura é Quarteira, contrariamente daquilo que as pessoas pensam.

E: Mas Vilamoura é um projecto cuja gestão é realizada por uma empresa privada, não é?

e8: É um complexo turístico com o nome de Vilamoura dum empresa que antigamente se chamava Lusotur e hoje é a Lusort.

E: Mas é uma empresa de capital privado?

e8: É uma empresa privada, isto não quer dizer que esta mesma empresa não esteja inserida na freguesia de Quarteira, é precisamente isto, é território da freguesia de Quarteira (Entrevista Locais, e8).

Quando pensamos em qualidade urbanística, qualidade de vida e ambiental, a cidade de Quarteira está aquém dos parâmetros desejáveis. A impressão de quem visita a cidade é que esta não foi planeada para ser habitada de forma qualitativa. Em Quarteira há carências que reflectem no dia-a-dia da cidade, os residentes reclamam a falta de actividades culturais, espaços públicos, de convívio, zonas verdes.

Segundo moradores antigos de Quarteira, a cidade perdeu muito localmente, perdeu a sua cultura local, perdeu seus espaços de convivência, suas zonas verdes, suas praças; até mesmo o mar ficou restrito a vista dos apartamentos construídos como uma grande parede cimentada que cobre a vista daqueles que foram deixados para trás, ou seja, os seus residentes.

Quarteira perdeu muito localmente, embora que Quarteira seja um potencial em termos de finanças. Porque se nós vemos tudo em ponto turístico tentamos aproveitar de maneira a que dê acesso a todas as pessoas; aqui não foi. Aqui fizemos um muro a beira-mar e o resto esqueceu-se, nós temos um muro a beira-mar, fizemos um muro a beira-mar, logo, foi mal aproveitado. E para além disto, em vez de se fazer como faz nos outros países, as partes públicas a beira-mar, para o aproveitamento também dos turistas, fizemos a parte privada. Porque hoje aqui há apartamentos e o que há de público é muito pouco (Entrevista Locais, e).

Em Quarteira é notório a forma como a propriedade privada se expande e apropria-se dos espaços comuns da cidade. Ou melhor, as políticas urbanas adoptadas na cidade favorecem o privado em detrimento do público; os melhores terrenos foram cedidos para as construtoras, a vista para o mar passa a ser privilégio de alguns, na praia há demarcações que delimitam uso e usuários, os equipamentos que dão vida a cidade deixam de estar na cidade real e passam a estar na cidade privada. Um outro exemplo, são os guardadores de carros que fazem das ruas e espaços comuns verdadeiros estacionamento privados. Chegam a colocar barreiras de modo a impedir o cidadão comum de estacionar o seu próprio carro naquele local. Há imensos tipos de apropriação simbólica; desde a propriedade privada que se amplia para além da sua área ocupando uma parte da calçada aos empreendimentos comerciais que utilizam as calçadas como continuação do seu negócio.

Um outro processo desta perda de qualidade urbana e cívica está ligado ao discurso sobre a diferença. As identidades territoriais afirmam a sua presença num espaço que é sempre objecto de conflito. Estas identidades estão sempre em oposição aos “outros” *diferentes*. O espaço fragmenta-se, divisões são impostas por grupos, a imagem da cidade transforma-se num *mosaico de unidades independentes justapostas* (Gomes, 2002). Há vários exemplos de identidades territoriais, podemos citar as gang’s que ocupam simbolicamente locais específicos dentro dos bairros e fazem dali o seu

território, às comunidades localizadas, que de uma forma ou de outra, podem conferir simbolicamente ao espaço um acesso restritivo. Deixaremos este segundo processo para o subcapítulo “Espaço da diferença”.

Podemos ainda encontrar um elo de ligação entre as *ilhas utópicas* (Gomes, 2002) dos condomínios fechados das cidades Latino-Americanas e os aldeamentos e complexos turísticos Europeus. Embora os últimos não possuam estruturas físicas de vigilância que impeçam a entrada do diferente, estes locais são de propriedade privada, direccionados a um público restrito, que são aqueles que podem consumir os seus serviços. Fazem também um simulacro da cidade real, com vias principais de acesso, infra-estruturas, arranjos paisagísticos, praças, áreas de recreação, complexos habitacionais, unidades hoteleiras, possuem serviços especializados, equipamentos desportivos e de lazer.

Por ser um projecto direccionado ao turismo, há uma grande variedade de utilizadores; pessoas de diversos países que vêm gozar das suas férias nestas instâncias, mas há uma fronteira nítida entre aqueles que servem e que são servidos; a diferença que diferencia está para as condições económicas entre indivíduos. Constitui-se como um local de luxo onde podemos encontrar diferentes pessoas de diversas nacionalidades, mas com o mesmo posicionamento social, «de uma classe semelhante a minha, e neste sentido, iguais a mim».

O mais curioso é quando a cidade real favorece a iniciativas dentro da cidade privada em detrimento das realizadas nos espaços públicos da cidade. Em alguns casos, uma parte das acções das cidades privadas são de organismos públicos locais (capital camarário por exemplo), e a cidade real accionista e receptora (porque o complexo está no seu território) faz da cidade privada “slogan” publicitário, de atracção de capital humano, investimento externo, e de projecção turística. Por vezes, quando o cidadão comum precisa de determinados serviços tem que recorrer a cidade privada porque estes não são encontrados ou estão em péssimas condições na cidade real; resta saber se este cidadão comum poderá usufruir deste serviço na cidade privada.

O recuo dos espaços públicos e da vida pública reflecte nas práticas quotidianas, nas convivências sociais entre os habitantes das cidades. Quando privilegiado o privado em detrimento do público as desigualdades de posicionamento entre diferentes tornam-se mais nítidas, são acentuadas. O homem e mulher público transfere sua condição de cidadão para a de consumidor, projectando-se a um meio de recusa a uma sociedade realmente variada e multifacetada.

Neste sentido, cabe aqui distinguir sobre a cidade de Quarteira e os seus aldeamentos, estâncias turísticas (Vila do Sol, Vale do Lobo) e o complexo Vilamoura. Em vários momentos estes empreendimentos são apontados conferindo à Quarteira os seus méritos. É certo que Quarteira tornou-se muito mais atractiva após a construção desses empreendimentos. Porém é necessário recordar que embora estejam situados dentro território de Quarteira e que 51% do capital (no caso de Vilamoura) é camarário, são geridos por organizações privadas e é um empreendimento privado. Em Vilamoura a empresa responsável pela gestão das infra-estruturas é a *Intramuros*, e no momento uma parte da gestão passou a ser de responsabilidade da câmara municipal e está a ser discutido um plano de integração da propriedade de Vilamoura ao município, uma medida que favorece o município. Mas há uma diferença estrutural entre a cidade de Quarteira e os complexos turísticos que estão localizados no seu território, e estas diferenças são visíveis para quem transita nestas localidades dentro da freguesia.

Não se põe em questão os empreendimentos privados que estão no território da freguesia e os benefícios que trouxeram a localidade após suas construções, também não se coloca em causa o facto de o município e a autarquia ter investido capital nestas propriedades, porque agora são seus accionistas. O problema apontado é o das ausências na cidade real (pública) que são constantemente ignoradas pelas autoridades locais. Hoje a cidade de Quarteira está carenciada de espaços verdes públicos, espaços que poderiam propiciar maior convívio entre os diferentes tipos de moradores que a cidade actualmente possui; estes indivíduos ficam condicionados aos espaços privados; cafés, clubes e aos convívios que organizam em suas residências.

O plano urbano adoptado na cidade favoreceu a especulação imobiliária, os empreendedores que entraram fortemente na sua economia e construíram sem nenhum tipo de regulação ou responsabilidade com a história física, com a memória que simbolicamente fica registada nas suas esquinas e praças; destruíram por completo as construções características da localidade, apagaram das suas ruas os seus antigos modos de vida. Actualmente moradores improvisam locais de convívio, levam para as ruas cadeiras e mesas de modo a tentar reproduzir um pouco do que existia.

As condições são estas, é haver mais autoridade na nossa terra, é haver (...) espaços para que todo a gente conviva com os outros, porque Quarteira vive-se muito nos cafés e isto não é saudável, não é saudável viver só nos cafés, a maior parte da comunidade e das pessoas o que é que tem?

Pergunta-se, deveríamos perguntar aos nossos políticos o que é que há para que as pessoas convivam? Mas se ainda se existissem jardins, espaços verdes, como eu tenho visto em certas terras do nosso país e que as pessoas estão numa mesinha na sombra de uma árvore a se distrair um bocado e a passar o seu tempo, aqui nem isto temos, as carências são brutais (Entrevista Locais, e8).

Quarteira é hoje uma cidade que pouco oferece aos seus moradores. Para um visitante esporádico, estas carências podem passar ao lado, porque na época alta a Junta da Freguesia e a Câmara Municipal de Loulé organizam actividades na cidade para torna-la minimamente atractiva, e assim podemos assistir alguns concertos ao ar livre ou actividades desportivas; porém um público mais exigente logo percebe as “falhas” deixadas na cidade; todas as actividades concentram-se a beira-mar, porque para além disto a cidade não possui nenhum outro equipamento atractivo, para além é claro, dos empreendimentos privados que possui em seu território.

4.2- A CIDADE DOS OUTROS

O interesse inicial sobre a cidade de Quarteira estava ligado o facto de ser uma cidade que acolheu nos últimos anos um número significativo de estrangeiros de diferentes nacionalidades. Este facto não é estranho se pensarmos que actualmente muitas cidades, principalmente as capitais mundiais são compostas por uma multiplicidade de indivíduos, e elas são em si, um mosaico de socialidades, de indivíduos que transitam, que criam vínculos (ou não, estão apenas de passagem) traçam percursos, apropriam simbolicamente dos espaços urbanos. Quarteira destacou-se por não ser uma grande cidade no sentido *lato* da sua extensão ou demografia, ou de possuir grande importância económica dentro do território nacional (embora possua um dos principais complexos turísticos do país), é uma cidade que também não está ligada aos circuitos económicos mundiais, impossibilitando qualquer tipo de aproximação ao que se intitula de “cidades globais”.

Embora não seja uma cidade global e os seus méritos estejam mais para o sector privado do que para o público, foi uma cidade que atraiu muitos estrangeiros. A explicação não exige grandes estudos, está relacionada ao facto de ser uma região central dentro do território Algarvio, possuir um custo de vida inferior ao das outras freguesias e de estar próximo aos grandes empreendimentos turísticos do Algarve. Muitos dos residentes migraram para a localidade devido a fins económicos, trabalham no sector do turismo ou da construção.

E: Segundo os dados disponibilizados no PORI 2008, Quarteira foi umas das freguesias que mais cresceu na região, e actualmente mais de 30% dos residentes são estrangeiros, o que considera ser os factores de atracção desta população para a cidade?

e: Eu penso que em primeiro lugar é a oferta de trabalho, penso que está por aí... depois por ser uma zona central, e também pela oferta de alojamento, nós também temos aqui bastante alojamento. Estes três elementos são o suficiente para as pessoas se fixarem (Entrevista Presidente Junta de Freguesia, Sr. José Coelho Mendes).

A princípio, o objectivo era compreender de que forma estas diferentes individualidades vindas de outras culturas, de outras localidades se inseriam na cidade, como entravam neste novo meio social, o que reproduziam das suas antigas experiências, o que

propunham de novo, o que tomavam para si; quais os laços vincados com este novo meio social e com os seus locais? Por outro lado, como os locais reagiam ao contacto com estes “outros” estrangeiros, como se davam as negociações diárias entre estes diferentes actores sociais?

Porém quando se iniciou o trabalho de campo, de observação e entrevistas aos residentes, verificou-se uma dificuldade em encontrar locais naturais de Quarteira; mesmo aqueles que aparentemente eram moradores antigos conhecedores de sua história e possuidores de sua memória, eram na verdade locais de outras freguesias próximas ou distantes; os naturais que foram encontrados haviam retornado à cidade a pouco tempo, porque tinham migrado para outras terras numa época em que Quarteira era vila e sua economia estava estritamente vinculada a pesca e agricultura.

O primeiro facto observado foi que a maioria dos residentes de Quarteira não eram naturais de Quarteira, os que eram, estavam fora da freguesia ou haviam retornado a poucos anos. Havia sim naturais de segunda geração, jovens cujos pais migraram para Quarteira e que experienciaram uma outra Quarteira já sob impacto do sector do turismo.

Os jovens residentes portugueses que foram entrevistados, estavam em Quarteira a trabalhar, e consideravam a sua estadia temporária, transitória, porque a cidade não oferecia condições para permanência. O curioso é que os estrangeiros entrevistados, embora boa parte destes, estivessem desempregados e desejassem um dia retornar à sua terra natal, não pretendiam sair da cidade nos próximos anos.

Hoje um dos principais problemas enfrentados é o desemprego que tem vindo a aumentar com a crise no sistema económico mundial iniciada em 2008, reflectido na localidade através da queda de financiamentos para a construção e diminuição da procura de ofertas no sector do turismo; o que sustenta basicamente a economia local.

A maior parte dos estrangeiros residentes que eram originários dos PALOP estavam desempregados, sobreviviam com auxílio da segurança social (Rendimento de Inserção Social), e no verão aumentavam os seus rendimentos através de trabalhos temporários, seja no sector formal ou informal.

A dificuldade em arranjar trabalho estava relacionada a uma combinação entre crise no emprego sentida em todo país, agravada por uma ausência de qualificação profissional, muitos não possuíam nem mesmo o 1º grau de escolaridade completo. É de conhecimento comum que a crise abalou não apenas sectores de trabalho e emprego que

utilizam mão-de-obra pouco qualificada, mas inclusive aqueles com qualificação profissional especializada. Porém, vivemos num mundo cada vez mais competitivo, que exige que o indivíduo esteja sempre a actualizar os seus conhecimentos e a buscar formações de modo a tornar o seu currículo profissional mais atractivo para o mercado de trabalho. Num mundo competitivo, não possuir a escolaridade básica é anular quase que por completo as possibilidades de emprego.

Um dos entrevistados reclamava o facto de não haver nenhuma iniciativa do governo local de modo a criar condições para uma melhor absorção de mão-de-obra disponibilizada na região, e não possuir também uma instituição na freguesia que desse formação profissional acessível aos mais carenciados.

Quando o presidente da Junta da Freguesia foi questionado sobre esse assunto, admitiu que os residentes tinham que ir a Loulé porque lá existia um centro emprego, mas que havia na freguesia a Associação Apalgar e a Fundação António Aleixo que esporadicamente ofereciam formação a população residente.

Porém quando questionado sobre a situação dos estrangeiros imigrantes que estavam desempregados na freguesia, a resposta obedecia a uma coerência que na realidade não se observava.

E: E no momento actual está a ser sentida muito esta queda?

e: Acho que vamos ter muitos anos aqui de crise (...) E há uma parte da imigração que terá que voltar aos seus países. Também estou convencido que, há alguns países, no caso de Angola que pode começar a crescer e parte da população que está cá de origem angolana possa voltar a sua terra, e deixe mais lugares livres (Entrevista Presidente Junta de Freguesia, idem).

Quarteira é e foi bom exemplo desta saída e entrada de pessoas em busca de melhores condições de vida, visto ter assistido boa parte dos seus naturais migrarem, e por outro lado, num segundo momento de melhoria económica, recebido um fluxo significativo de indivíduos de outras localidades. No mundo globalizado os fluxos migratórios são orientados pelas oportunidades que as localidades oferecem. É compreensível no discurso do senhor presidente da Junta essa lógica de retorno a terra visto esta passar a possuir melhores condições de vida que a localidade receptora, mas não podemos ainda comparar os índices de qualidade de vida e oportunidades destes diferentes países, e ainda pensar que uma queda da qualidade de vida na sociedade receptora é motivo conclusivo para eventual retorno. Há inúmeros factores que contam na decisão de migrar

ou retornar para sua terra de origem; na segunda vale ainda apontar, que boa parte daqueles que emigram desfazem-se dos seus bens e apostam fortemente “nessa mudança de vida”, mas esta aposta não é feita apenas para si mas também para os outros importantes. Retornar nem sempre é tarefa fácil, inclusive quando se volta “de mãos vazias”, admitir um retorno “por um ato falhado” é algo mais complicado do que se imagina, e as vezes, pode condicionar uma decisão. A alternativa de ir para uma outra terra desconhecida, também é algo que exige, principalmente capital inicial, motivação e oportunidades. Uma população carente de capital, formação profissional e estímulo (visto, já ter migrado e não conseguido a melhoria económica que pretendia) terá menos motivação para migrar novamente.

Há contudo aqueles que conseguiram atingir, mesmo que parcialmente, os seus objectivos (conseguiram poupar) e visto uma melhoria das condições de sua vida e do seu país de origem, o retorno pode ser uma opção favorável. Desta forma, assistimos um aumento do refluxo de imigrantes, principalmente os naturais de países como Brasil e Angola.

Sendo assim, acreditar que a conjuntura actual fará por ela própria “o serviço” é uma atitude um tanto inocente. Não acredito que a melhor maneira de tratar a crise do emprego será mandar os seus imigrantes embora, e ainda acreditar que o farão por sua própria conta; mas não cabe a este estudo apontar eventuais “saídas” para este problema. Quarteira é actualmente uma cidade composta de indivíduos vindos de diferentes localidades dentro e fora do país. Quem caminha pela cidade percebe esta diversidade, ouve-se uma sinfonia de línguas: todas as variantes do português, o inglês, francês, alemão, russo, ucraniano e romeno. Se fizermos um exercício de sensibilidade auditiva, no qual os nossos olhos fossem vendados recorrendo apenas a nossa percepção auditiva, seria possível abstrair-se da posição geográfica que a cidade se encontra, e possivelmente a imagem que viria a cabeça seria um *lugar de ninguém*, em qualquer canto cosmopolita, multiétnico e multicultural do mundo.

A cidade dos outros é um mosaico de desconhecidos, de diferentes tipos humanos que carregam consigo traços culturais de suas vivências anteriores, uma variedade de indivíduos que coabitam o mesmo território. Mas a coabitação não pressupõe proximidade.

Quarteira é uma cidade que acolheu indivíduos de terras vizinhas, do centro e norte do país, imigrantes de suas ex-colónias, retornados, refugiados de guerra, estrangeiros do

Norte e Leste Europeu. É uma cidade que vive tendo como base os estrangeiros.

Quarteira é uma vila um pouco complicada, no sentido da comunidade em si. É uma vila que vive muito a base dos estrangeiros, o comércio funciona muito a base dos estrangeiros, então o próprio comércio foi se adaptando, a própria vila foi se adaptando neste sentido. O que eu acho em si, da vila em si... é uma vila de passagem, pura e simplesmente... para mim, para a minha actividade é uma vila de passagem (Entrevista 3, Residente Nuno).

O estrangeiro, em latim «*extraneus*» é aquele que vem de fora, de uma outra nação, grupo, sociedade. No que se refere ao indivíduo «o outro» de um outro grupo, o estrangeiro. Há uma variedade de perspectiva e formas de se tratar o fenómeno: pode ser um grupo político, uma comunidade nacional, uma comunidade religiosa, uma unidade linguística, uma posição social, uma imagem diferenciadora (Gaudemet *apud* Rodrigues, 1999).

O sentido aqui utilizado quando referido “estrangeiro” está para aquele que o relaciona ao “outro”, de outro grupo, vindo “de fora”. Nesta perspectiva mesmo os portugueses vindos de outras localidades poderiam ser considerados estrangeiros.

Quarteira terra de estrangeiros ou terra dos “outros”, que se desenvolveu a base não apenas dos indivíduos que foram para cidade laborar, mas também dos que foram para a consumir. Sendo assim, é possível distinguir pelo menos quatro tipos principais de estrangeiros residentes: um laboral (no caso da imigração extra-europeia, com pouco poder de compra) e um consumidor (Europeus do Norte). Obviamente os trabalhadores de Quarteira também consomem os serviços que a cidade dispõe, mas de maneira diferente daqueles que foram atraídos pelo clima, tranquilidade e actividades/serviços oferecidos na cidade (sobretudo os disponibilizados nas “cidades privadas” de Vilamoura e Vila do Sol).

Há um terceiro tipo de residente estrangeiro que é aquele que é investidor, ou seja, possui algum negócio na cidade (há vínculo laboral) e que como o segundo tipo, usufrui dos serviços e actividades na cidade (possui grande poder de compra).

Mas ainda podemos encontrar um quarto tipo, que seria aquele que está desempregado (não laboral por condição) e que não possui rendimentos que possibilite incluí-lo na categoria de consumidor, chamarei este terceiro tipo de “neutro” (apenas estão na cidade, sobrevivem através da ajuda dos “outros” próximos ou através de subsídios oferecidos pela Segurança Social). Estes quatro tipos de estrangeiros coabitam a cidade.

E como será a relação destes tipos de estrangeiros na cidade? Como imprimem suas presenças nos espaços públicos urbanos? Nesta perspectiva seguiremos para o próximo subcapítulo.

4.3- DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO LOCAL. A INFLUÊNCIA DOS “OUTROS” NOS ESPAÇOS URBANOS

Na cidade emergem as individualidades com enfraquecimento de vínculos aos grupos sociais, mas é também nela que se constituem forças contraditórias em que a participação colectiva é dificultada pela multiplicidade de papéis sócias assumidos pelos indivíduos. Neste sentido, surge a necessidade do associativismo para o entendimento de interesses específicos, que individualmente não poderiam ser alcançados

(Bogus, 2006:116).

A presença no Algarve de vários estrangeiros não passa despercebida aos olhos das populações locais ou daqueles que o visitam. Não se trata apenas de uma presença efectiva que percebemos quando caminhamos por suas ruas, avenidas principais e centros históricos, ficando difícil distinguir quais são os seus residentes ou turistas, porque ambos confundem-se nos espaços públicos urbanos. Há outras maneiras de perceber a presença dos estrangeiros, de que forma “imprimem” simbolicamente na cidade suas marcas e “modos de vida”.

Nos meios urbanos é tendenciosa a criação de comunidades que concentram as diferentes populações estrangeiras. É comum uma pessoa vinda de outra parte do mundo buscar grupos de afinidade, e assim alguns estrangeiros recorrem as comunidades porque elas de certa forma protegem-nos do desconhecido, dos infortúnios que os imigrantes estão sujeitos, proporcionando um certo tipo de conforto. O problema deste tipo de associação de pessoas é que em vez de abrir para o contacto e conhecimento do outro “diferente” tende a “encarcerar” os indivíduos em seus grupos de pertença, a ausência de contacto entre diferentes pode desembocar na formação unidades apartadas, propiciando a formas sociais segregacionistas.

A ideia de busca de uma comunidade de identificação tem a ver com a passagem do actor social (aquele que faz) para um indivíduo voltado para si mesmo, que define-se por

aquilo que se é. Touraine fala-nos sobre essa passagem que seria uma espécie de “desforra do ser sobre fazer, à desforra de Deus, da etnia, da nação e do género, é porque a desmodernização arruinou a identificação dos indivíduos pela cidadania, pela profissão ou até pelo nível de vida” (Touraine, 1997:51).

Por outro lado, os problemas relativos a integração da população estrangeira, deram origem a inúmeras formas que organizações que são porta-vozes dos interesses deste segmento da população, chamadas a assumir uma função de intermediação entre os imigrantes e as autoridades locais ou nacionais que fazem a regulamentação, o enquadramento institucional, e o controle dos fluxos migratórios. Surgem particularmente nas duas últimas décadas do século passado como dispositivos de apoio e sobrevivência das populações privadas das condições sociais mínimas (Marques, 2008).

Os líderes associativos conseguem mobilizar um conjunto de agentes e interlocutores, favorece a criação de redes informais e criam uma ponte de ligação com esferas de acção formal (política, institucionalizada), de modo a articular interesses e agir com “peso” e “força” necessário, reforçando a necessidade de uma acção interventiva que reveja a situação precária dos envolvidos (no caso, a população migrante).

Estas organizações acentuam a marca étnica dos estrangeiros, porque procuram também o reconhecimento dos mesmos, de sua cultura, geralmente não buscam uma integração plena (assimilação) mas o direito de ser diferentes e de poder constituir-se como cidadão em pleno direito na sociedade receptora.

Nós somos diferentes, eu também não quero uma integração plena, não é isto que eu procuro. Não quero, por exemplo, que a minha filha não fale Romeno, e integrar-se tão bem que parece portuguesa um dia e não ter problema nenhum; não é isto que eu quero. Eu quero que ela conserve o sotaque de estrangeira... eu não quero, porque ser diferente é uma mais-valia, para mim ser diferente é bom, não quer dizer que ser diferente é mais fraco, pelo contrário (Entrevista Presidente Associativa DOINA, D. Elizabetta).

As organizações de estrangeiros prestam auxílio jurídico, disponibilizam informações dos mais variados níveis e interesses, organizam eventos e actividades de promoção e divulgação de sua cultura, marcam no espaço “simbólico” a sua presença, exigem o reconhecimento de si perante os outros, diminuindo o estranhamento através do contacto

e conhecimento do outro, mostrando que a diferença nem sempre é sinal de perigo, que pelo contrário, pode ser algo enriquecedor.

4.3.1 OS RESIDENTES DA CIDADE *DOS OUTROS*

Distinguimos pelo menos quatro tipos de estrangeiros na cidade, isso não anula a existência de outros, mas deixaremos estes para outros estudos. Veremos agora como estes residentes inserem-se na cidade, quais os laços vinculados com o local. Começaremos por aqueles que estão na cidade a trabalhar (imigração laboral), que foram para Quarteira atraídos pelas ofertas de trabalho e emprego, oferecidas sobretudo pelo sector do turismo e da construção.

A maioria dos entrevistados que estavam empregados descreviam o seu dia-a-dia tendo o trabalho como ponto-chave do seu dia, não sobrando muito tempo para actividades lúdicas e de convivência. A rotina “trabalho – casa – trabalho” não permitia maior contacto com os “outros” desconhecidos (apenas relações esporádicas laborais), nem mesmo permitia que estes indivíduos desfrutassem de algumas actividades realizadas na cidade no verão. O tempo livre era destinado aos afazeres domésticos e para o descanso; as folgas eram utilizadas para o cumprimento de tarefas que não conseguiam realizar durante a semana de trabalho, tais como: burocracias, saúde, igreja e as relacionadas com a família, e quando sobrava tempo após estas obrigações, recorriam aos cafés como local de convívio.

Os residentes trabalhadores tinham que lidar com um factor de ordem temporal. Sendo Quarteira uma cidade que vive basicamente do turismo de massas (sol/praias), e este tipo de turismo ser fortemente sazonal (primavera/verão), muitos dos que possuem trabalho durante a primavera e verão, no inverno sobrevivem das suas economias, do seguro desemprego ou de rendimentos oferecidos pela segurança social.

No inverno pouco ou nada faziam e aqueles que conseguiam manter o seu emprego mantinham basicamente a estrutura do seu dia-a-dia (trabalho – casa - trabalho). Os que não possuíam trabalho neste período, ocupavam-se com tarefas domésticas e conviviam nos cafés espalhados pela cidade.

As ruas no inverno estavam sempre desertas, era difícil encontrar pessoas porque estas estavam em suas casas ou nas habitações de conhecidos próximos. Os cafés em determinado período do dia tinham uma leve afluência mas nada significativo. O mau

tempo não contribuía para um maior contacto entre pessoas “desconhecidas”. Nesta época do ano boa parte do comércio está fechada, não há actividades culturais ou de lazer, o dinamismo da vida na cidade é limitado ao mínimo.

Desta forma, boa parte dos trabalhadores aproveitavam muito pouco do pouco que a cidade oferece. Durante o verão estavam ocupados com o seu trabalho, alguns faziam dois turnos de modo a maximizar os seus ganhos, e no inverno não havia actividades na cidade, espaços de convivência, as pessoas estavam condicionadas aos espaços privados. Quando questionado sobre os locais de convívio, lugares que costumavam frequentar com os amigos e com a família, apontavam sempre os cafés ou a própria residência como locais de eleição. Em Quarteira não há espaços públicos que incentive o convívio entre os residentes, um dos poucos lugares de encontro e contacto está junto a orla marítima, há em toda a extensão da praia no calçadão de Quarteira, bancos virados para o mar no qual reúnem moradores e turistas que passam ali durante a primavera e o verão algumas horas do seu dia a observar a praia e aqueles que ali passam, a fazer caminhadas e a tomar banho de sol. Falaremos posteriormente sobre este espaço.

Em Quarteira os convívios são realizados sobretudo nos cafés espalhados pela cidade. Há o café do ucraniano, do Angolano, do Brasileiro e etc., que tendem a reunir comunidades imigrantes, sendo muitas vezes ponto de encontro dessas comunidades.

As comunidades estrangeiras em Quarteira vivem numa relativa proximidade, há factores que aproximam algumas e separam outras, a língua é o primeiro factor. Os Romenos, Ucranianos e Moldavos são os que tem mais dificuldades em manter relações com os outros residentes, somente com o passar dos meses e com a fluência que vão ganhando da língua portuguesa e que esta barreira torna-se menos nítida.

Há em Quarteira um café restaurante de propriedade de um romeno, no qual a maioria dos seus clientes são também de nacionalidade romena e ucraniana, é ponto de encontro da comunidade, um local no qual estes estrangeiros podem apreciar a sua culinária, trocar informações sobre o seu país, falar a sua língua, manter algum contacto com a sua cultura de origem. Da mesma forma que há o café do romeno, há outro alguns metros afrente que é de propriedade de uma cabo-verdiana, que nos disse ter uma clientela variada, embora boa parte dos que ali estavam eram de países africanos.

A cidade acolhe uma diversidade de tipos humanos de diferentes nacionalidades, porém os espaços públicos de convivência são escassos, fazendo com que as pessoas recorram aos espaços privados, no caso os cafés. Estes espaços reúnem tipos de indivíduos que

possuem alguma afinidade, e o caso observado é que estes cafés concentravam as diferentes comunidades estrangeiras que a cidade actualmente possui; ou seja; o café do brasileiro é sobretudo frequentado por brasileiros ou angolanos (comunidades com afinidade), o do romeno pela comunidade romena ou ucraniana, o da cabo-verdiana pelos cabo-verdianos e pelos guineenses e assim por diante.

E: Falando em termos de distribuição espacial, você acha que há mais uma mistura entre as comunidades ou estas vivem "mais" isoladamente?

e3: Aqui estão um pouco mais divididas

E: Mas dividem-se entre comunidades estrangeiras e os locais, ou entre essas próprias comunidades estrangeiras, por exemplo, os brasileiros, os africanos, da Europa do Leste?

e3: Sem dúvida, estão divididos por nacionalidades.

E: E isto é visível na cidade?

e3: Eu não vejo um Romeno ou Ucraniano misturado com um Angolano, se calhar eu chego lá a frente e tem 10 angolanos e a mais 10 metros tem mais 10 Ucranianos.

E: E há locais de encontro na cidade que estes grupos costumam frequentar? Poderia me apontar?

e3: Um deles é este que aqui está (estávamos num café). Que frequentam muitos da Europa do Leste, assim como aquele do outro lado da rua... depois há outros sítios como ali mais a frente, bem perto daqui há um café onde tem fama de juntar pessoas africanas, se é bom ou mal eu não sei porque eu nunca lá entrei, mas os vejo sempre a porta... eu não sei se lá vai outro tipo de pessoas, de outras raças, mas é usual vê-los ali. Sim, estão divididos por locais (Entrevista 3, residente Nuno).

«*Se é bom ou mal eu não sei porque nunca lá entrei, mas os vejo sempre a porta*». Este pequeno trecho traduz o universo estudado. Na cidade formam-se grupos que frequentam determinados lugares, estes espaços pertencem a esfera privada, o que contribui ainda mais para que estes raramente tenham contacto efectivo, eles podem cruzar-se mas raramente entrar no “território do outro”; com isto a cidade ganha espaços que chamaremos “da diferença”.

O segundo tipo de residentes é aquele que está na cidade mas não possui nenhum vínculo laboral, são portugueses ou estrangeiros reformados que decidiram usufruir de

sua reforma vivendo na cidade de Quarteira. No caso dos portugueses, são pessoas que vivem em Quarteira há alguns anos e já possuem família na cidade, e ao tornar os vínculos mais acentuados optam por ficar. Como dito anteriormente, estes portugueses serão também aqui reconhecidos como os “de fora” porque vieram de outra localidade do país, constituindo Quarteira a *cidade dos outros*. Há contudo portugueses naturais de Quarteira que migraram para outras localidades numa época que Quarteira vivia essencialmente da pesca e da agricultura, e que retornaram para a cidade a poucos anos para usufruir de sua reforma em sua terra natal. Há também estrangeiros que descontam em Portugal, recebem no país a sua reforma, e que optaram por ficar; ou ainda, estrangeiros que recebem sua reforma de outro país, e que por motivos díspares, resolveram ter em Quarteira sua residência.

Estas pessoas, pelo menos durante a primavera e verão, ocupam simbolicamente uma praça cimentada (Praça do Mar) que está situada na Av. Infante Sagres, levam para as ruas mesas e cadeiras e ali fazem o seu convívio. Alguns ficam horas sentados a apreciar os que passam, a tomar sol e a tirar uma pequena sesta ali mesmo na rua; outros reúnem-se para um momento de confraternização e civilidade, jogam cartas e a debatem assuntos de interesse comum, inclusive aqueles relacionados à cidade, problemas que reflectem no dia-a-dia do cidadão comum. Este espaço ocupado simbolicamente por estes senhores foi o local mais rico em termos de contacto e interacção entre diferentes pessoas vindas de diferentes localidades dentro e fora do país. Os residentes mais antigos diziam que ali era um local onde era realizado os bailaricos, as festas tradicionais que já não existem; este espaço pode também ser analisado como um local de resistência, de contra-uso ao plano urbano adoptado que varreu da cidade zonas de convívio.

Por ser um local público possibilita o encontro, as pessoas ficam curiosas, passam, observam, algumas param para ver o que estão a fazer, sentam, conversam, e assim há a possibilidade de interacção. “Em contraposição à esfera privada, a rua continua a ser um segmento do espaço urbano potencialmente voltado para as experiências públicas” (Leite, 2004:197). O mais curioso é que a Praça do Mar é um vazio, tem ao fundo o centro de informações turísticas e algumas palmeiras plantadas sob o cimento, nem mesmo um banco público possui, há um vão que estende-se das informações turísticas ao cume da praça que é utilizado como assento ou mesa improvisada.

Para que a cidade tenha vida é necessário que ela seja diversificada, que acolha o maior leque possível de diferentes indivíduos, gostos, comércio; que suas áreas públicas tenham como essência a complexidade de usos que serão propostos pelos seus usuários, subvertendo a ideia de limpeza urbana, monótona e com usos delimitados.

O contacto entre diferentes nas vias públicas, é um contacto informal não pressupõe relações íntimas, mas apenas o conhecimento e reconhecimento do outro. Quando as vias e espaços públicos são evitados, ou então, não fomentam o contacto, a vida pública tende a se tornar rudimentar, traduzindo-se numa expansão da esfera privada.

Podemos incluir no segundo tipo de residente, os estrangeiros europeus reformados que possuem segunda residência em Quarteira e passam a maior parte do ano na cidade. Embora se diferenciem consideravelmente dos outros reformados, posicionámo-los no segundo tipo pelo facto de não possuírem nenhum vínculo laboral na cidade. Estima-se que há pelo menos 250 mil “estrangeiros de luxo” em Portugal, que residem maioritariamente no Algarve, são reformados (alguns em regime de reforma antecipada) com grande poder de compra, pessoas oriundas de vários países da Europa, principalmente de Inglaterra e da República Irlanda, mas também da Holanda e da Alemanha. Possuem um poder de compra acima da média nacional, a maioria (52,5 por cento) é reformada.

Estes estrangeiros reformados do Norte da Europa possuem residência nos prédios voltados para o mar na Av. Infante Sagres, local desenhado para o turismo de massas. Ou, nos aldeamentos e condomínios na periferia da cidade, no qual concentra as casas e prédios de luxo. Muitos não falam português, frequentam bares e restaurantes em que o inglês é primeira língua. Consideram como locais de eleição estes bares e restaurantes no qual são público-alvo, costumam frequentar as praias, esplanadas, casinos e campos de golfe; descolam-se por toda região algarvia em busca de serviços e actividades que não encontram na cidade de Quarteira. Embora sejam residentes e não turista, buscam as ofertas do chamado turismo de qualidade, utilizam os serviços privados que na maior parte dos casos são também de propriedade de estrangeiros europeus (centros médicos, supermercados, bares, restaurantes, lojas de roupa e etc.).

O terceiro tipo de residentes são em sua maioria também Europeus do Norte (alemães, britânicos, franceses e holandeses) que possuem investimentos na Região Algarvia ou estão empregados em serviços especializados, constituindo-se como mão-de-obra qualificada. Dentre estes, 37 por cento são de quadros superiores ou empresários e 10,5

por cento são empregados por conta de outrem (Miranda, Adriano/ Público (arquivo), 2006).

Estes estrangeiros diferem consideravelmente dos não Europeus, ou seja, daqueles que vieram de países Africanos, do Leste Europeu ou da América do sul (Brasil). Enquanto os segundos deslocaram-se para a região à procura de trabalho e emprego, os primeiros vieram atraídos pelo clima, tranquilidade, serviços e actividades que a região possui. Viram na região uma boa possibilidade de investimento e estão sobretudo em Quarteira na área do comércio. Assim como os reformados, residem ou na Av. Infante Sagres ou nos condomínios e aldeamentos localizados na periferia da cidade, deslocam-se com maior frequência dentro da região, buscam serviços e actividades em zonas mais ricas dentro do território Algarvio.

Quando realizado o trabalho de observação desta população, verificou-se que tinham poucos conhecimentos sobre a língua e sobre cultura portuguesa; embora fizessem boa referência aos portugueses, considerando-os um povo simpático e acolhedor. Em alguns bares e restaurantes, tanto os proprietários quanto os empregados (que também eram estrangeiros europeus) não falavam, ou falavam muito pouco o português. Por ser estabelecimentos que acolhem um público específico, não havia por parte destes, a necessidade de um conhecimento fluente da língua portuguesa.

O quarto tipo de residente é aquele que não possui vínculos laborais na cidade ou na região Algarvia e que sobrevive através de subsídios oferecidos pelo Estado (Segurança Social) e ou através de ajudas de pessoas próximas. São em sua maioria, imigrantes dos países africanos, retornados, refugiados das ex-colónias, brasileiros, e dos países do leste europeu. Um dos grandes problemas enfrentados é a falta de postos de trabalho e emprego, e foi significativo o número de entrevistados que residiam nos bairros sociais sobrerrepresentados por imigrantes que estavam desempregados. Estes indivíduos usufruem muito pouco dos serviços e equipamentos que a cidade possui. Descrevem o seu dia tendo a casa e as relações próximas como o ponto alto do seu dia, reúnem-se na CHECUL (Cooperativa de Habitação económica e Cultural de Quarteira), nos cafés de imigrantes, igrejas, praças e na avenida da praia. Alguns residentes portugueses, moradores antigos de Quarteira, vinculavam a presença desta população à imagem depreciativa que é constantemente associada a cidade.

O carácter periférico destes bairros, o facto de os imigrantes constituírem boa parte da sua população com uma presença decisiva, e de sobreviverem com auxílio de

rendimentos da segurança social, reflecte na construção de uma imagem mediática genericamente depreciativa, tornando estes espaços (bairros) facilmente identificáveis.

4.3.2 ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES DE ESTRANGEIROS EM QUARTEIRA

As associações e organizações da sociedade civil que estão envolvidas em questões de inclusão e participação dos imigrantes e minorias étnicas, assim como de defesa e apoio a população estrangeira são heterogéneas e actuam de forma diversificada. Geralmente atendem as necessidades de uma realidade social localizada, mas não apenas. A abrangência pode se estender a nível local, nacional ou internacional e as suas acções variam conforme as competências dos seus membros, do âmbito das acções, e de sua abrangência interventiva.

Há duas Associações de imigrantes que actuam em Quarteira, a APALGAR e DOINA, a primeira possui sede na cidade e a segunda, na freguesia vizinha de Almancil.

A APALGAR (Associação de Amizade dos PALOP no Algarve) teve sua fundação no ano de 2000 e desde então, promove acções de formação, apoio jurídico, entrega de donativos e comemorações de efemérides relativas aos países africanos; tais como, o dia do imigrante e a comemoração da independência. Organiza eventos culturais e desportivos, têm como principal evento cultural a FestAfrica (Festival de Musica e Cultura Africana do Algarve). Possui actualmente 800 associados, e foi contemplada em 2009 num protocolo com a Câmara Municipal de Loulé no âmbito do apoio às associações de cariz cultural, social, recreativo e desportivo, a um fundo de apoio às actividades ministradas.

A DOINA (Associação de Romenos e Moldavos do Algarve) nasce em 2007, tem como actual presidente a Sra. Elizabeta Ecaterina Necker. A associação é uma iniciativa realizada por estrangeiros residentes em Almancil, e presta auxílio jurídico aos estrangeiros. Suas acções abrangem desde legalização até problemas laborais, contratos de trabalho e segurança social. Fazem parte da rede social da freguesia e do concelho, promove a divulgação da cultura Romena e Moldava nas escolas e em eventos realizados em todo o país. A associação opta por não fazer divulgação através de meios publicitários, o faz através de suas actividades e contactos próximos, aponta ser bastante discriminaria na adesão de novos associados, passando estes a fazer parte efectiva

somente após a realização de trabalhos na associação. Actualmente conta com mais de 30 pessoas que trabalham activamente sob regime de voluntariado, 7 pessoas que possuem contrato de trabalho e no caderno está registado mais de 300 associados. As fontes de financiamento são as cotas pagas pelos associados e os fundos que recorrem (Programa Escolhas e Câmara Municipal de Loulé), mas o voluntariado é o que permite a continuação do trabalho, visto os fundos ser insuficientes para o pagamento de todas as despesas. Em Quarteira é uma das associações responsáveis pela execução dos eventos “Entreculturas” e “tarde intercultural”.

Há contudo, uma outra associação de estrangeiros que não está sediada em Quarteira (a sede está em Portimão), mas que abrange todo território português que é a AFPOP (Associação de proprietários Estrangeiros em Portugal). A AFPOP presta informação aos mais variados níveis, desde aconselhamento profissional em diversos idiomas à ajuda jurídica e contacto às autoridades portuguesas; seu objectivo é apoiar aos estrangeiros residentes em Portugal. Foi fundada em 1987, uma organização que atende a todas as nacionalidades que vivem e possuem propriedade em Portugal.

A CHECUL (Cooperativa de habitação económica e cultural de Quarteira) não é propriamente uma organização de estrangeiros, mas está sediada em um dos bairros sobrerrepresentados por imigrantes, e é um dos locais de convívio desta população. A cooperativa promove eventos desportivos, competições, festas e convívios aos residentes.

Estas organizações (excluindo a AFPOP), são responsáveis por um conjunto de acções e actividades desenvolvidas na cidade, geralmente com apoio da câmara municipal de Loulé e a Junta da Freguesia de Quarteira; as actividades são realizadas sobretudo no verão. Embora actuem (no caso da APALGAR e DOINA) sobre a população estrangeira, suas actividades e acções de formação abrangem toda a população residente da freguesia e das localidades vizinhas.

4.3.3 ACTIVIDADES CULTURAIS SOB INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

CARNAVAL

O carnaval no município de Loulé é um dos mais antigos do país, desde 1905 a festividade é realizada na região. Não há informações fidedignas sobre o período que o carnaval louletano ganhou traços do carnaval brasileiro, mas sabemos contudo, que a região absorveu muitos dos imigrantes brasileiros que se dirigiram para o sul do país. Hoje, a actividade de maior visibilidade em Quarteira é o carnaval. O evento é uma reprodução mimética do Carnaval do Rio de Janeiro (Brasil). Assim como no Brasil, a cada ano é proposto um tema de enredo, a “escola de samba Abrigada” é quem dá vida ao evento, com centenas de figurantes, sambistas, rainhas de bateria, carros alegóricos, trio eléctrico, musicas carnavalescas brasileiras, trajes típicos do carnaval carioca. O evento é produzido pela câmara municipal de Loulé, que contrata grupos de música brasileira que fazem a animação na Av. Infante de Sagres durante os dias da festividade.



Figura 1

Fonte: Blog Calçado de Quarteira

TARDE INTERCULTURAL: PARA A INCLUSÃO SOCIAL DOS IMIGRANTES

A tarde intercultural é uma actividade desenvolvida pela rede social do Concelho de Loulé (Fundação António Aleixo, projecto Ecos, Doina, Apalgar e Asas para Amanhã), que integra nas comemorações do Ano do Combate à Pobreza e à exclusão Social. O plano de acção destina-se à população imigrante, minorias étnicas, aos beneficiários do

Rendimento Social de Inserção e aos residentes dos bairros sociais de Loulé, Salir e Quarteira. O Evento conta com actividades de dança, mostra de artes e gastronomia.

ENCONTRO MULTICULTURAL

O encontro multicultural “Danças e Cantares” é realizado no mês de Julho na Praça do Mar em Quarteira; uma organização da Agencia de Quarteira do Banco do tempo e da Doina com apoio da Câmara Municipal de Loulé, Junta da Freguesia de Quarteira e Centro comunitário António Aleixo. O evento reúne grupos de música e dança folclóricos, das diversas culturas que a cidade acolhe; dentre os quais estão: Grupo Marisamba (música brasileira), Grupo Batuque de Cabo Verde, Grupo Kwanza (Angola), Grupo folclórico de danças Moldavas e Romanas, Música popular Portuguesa “Rastemenga”, e o Grupo folclórico Internacional de Albufeira.



Figura 2

Fonte: A Voz de Quarteira

ENTRECULTURAS

O agrupamento vertical de São Pedro do Mar realiza todos os anos, no mês de Junho o Entreculturas na escola E.B. 2,3 de Quarteira. O evento é uma festa de convívio que representa as 28 nacionalidades do agrupamento, onde é possível ouvir as músicas destes países, ter contacto com os seus costumes e gastronomia. Reúne a comunidade escolar do agrupamento, amigos, pais e dirigentes associativos e as diversas entidades a nível local e regional, bem como todos os quarteirenses que queriam fazer parte do evento.



Figura 3

Fonte: A Voz de Quarteira

FESTAFRICA

A FestAfrica (Festival de Música e Cultura Africana do Algarve) é um evento geralmente realizado no mês de Julho, organizado pela Associação Apalgar, com apoio da Câmara Municipal de Loulé e a Junta de Freguesia de Quarteira. Teve origem em 2006, numa parceria entre a ETNIA (Organização Não Governamental de Lisboa, que actua nas áreas da cultura, desenvolvimento e cooperação) e a APALGAR, apoiados por parceiros locais e regionais.

A iniciativa tem por objectivo o encontro entre comunidades e culturas, propondo dinâmicas de intercâmbio, de modo a favorecer o diálogo e a valorização das culturas africanas.



Figura 4

Fonte: Calçada de Quarteira.

4.3.4 IMPRENSA E RÁDIOS

É possível encontrar nas principais cidades portuguesas publicações destinadas aos estrangeiros residentes. No Algarve é notório a presença nas bancas de dezenas de publicações destinadas aos estrangeiros, reflectindo sua importância numérica, económica, cultural e linguística (Rodrigues, 1999). São jornais e revistas publicados em língua inglesa, alemã, francesa, italiana e russo, de carácter local, regional, nacional e algumas importadas regularmente destes países.



Figura 5

Fonte: Jornal on-line

Abaixo segue a lista de alguns jornais acessíveis na região Algarvia incluindo Quarteira: **Slovo (Russo)**, publicado semanalmente, Formato: Jornal e online, Nº páginas: 48, Preço: 1,95, Tiragem: 16.000 exemplares em Portugal.

Maiak Portugalli (Russo), publicado semanalmente, Formato: Jornal e online, Preço: 1,95, impresso em Faro.

The Portugal News (Inglês), publicado semanalmente, Formato: Jornal e online, Preço: 1,50, Tiragem: 21.950 exemplares, impresso em Lisboa.

O Anglo Portuguese News (Inglês), publicado semanalmente, Tiragem: 8500 exemplares, impresso no Estoril.

The Weekly News (Portugal's Weekend Newspaper), publicado semanalmente, é um representante da News Inglesa, impresso em Lagoa.

The Portuguese Property's Journal, publicado no Reino Unido, para o mercado imobiliário Inglês.

RÁDIO

É possível ouvir em toda a região Algarvia programas radiofónicos destinados aos estrangeiros e turistas que a região acolhe. A rádio Kiss oferece programação cujo público-alvo são os ingleses, holandeses, alemães e escandinavos, apresenta quatro blocos de notícias em língua inglesa. Há outra rádio, chamada rádio Atlântico que possui um programa destinado aos imigrantes russófonos, com notícias sobre a Rússia, Ucrânia, Roménia e Moldávia, é possível ouvir canções conhecidas pelos estrangeiros.

4.3.5 COMÉRCIO E SERVIÇOS ESPECIALIZADOS

Há em todo Algarve comércio e serviços especializados que atendem a diversidade de gostos e usuários. Em Quarteira há bares, restaurantes e lojas típicas das mais diversas culturas que a cidade acolhe, uma oferta variada que atende não apenas este segmento da população mas também complementam a oferta turística da cidade. Assim é possível encontrar mercearias com produtos típicos do Brasil, dos países Africanos, do Leste Europeu e do Norte da Europa, geralmente os proprietários são também estrangeiros que ao montar uma rede de distribuição, importam para a localidade produtos dos seus países. As ofertas ultrapassam produtos consumíveis, há clínicas de estética e centros de saúde especializado que têm como clientela estrangeiros compatriotas, que optam por ter atendimento personalizado por empresas oriundas de seus países.

4.3.6 IGREJAS

Ao pensar na presença marcada pela população estrangeira, obriga-nos a olhar um pouco mais adiante e observar todos os lugares ocupados simbolicamente por esta população, o que trazem consigo que irão reproduzir neste novo meio social. Uma pessoa quando muda de país geralmente traz consigo suas crenças e credos, dificilmente apaga de sua história de vida os vínculos fortes já enraizados em sua pessoa.

O acentuado fluxo de imigrantes brasileiros que deram entrada em Portugal principalmente depois de 2000, fez com que algumas crenças religiosas que são típicas do povo brasileiro também “inundassem” os quatro cantos de Portugal, começou a ser notado a entrada de missionários que vinham para o país com intuito de proclamar a palavra religiosa da comunidade evangélica. Não se sabe se esta leva de missionários surgiram a partir do contacto de pessoas que imigraram e mantinham contacto com os seus pastores e grupos religiosos, o que se sabe é que as igrejas evangélicas que tiveram

origem no Brasil encontraram uma maneira de estender a sua “palavra” onde quer que houvesse brasileiros evangélicos. Este facto é muito significativo e exige estudos qualitativos aprofundados; o que é certo é que em poucos anos foram fundadas várias igrejas evangélicas em todo o país. Quarteira é também conhecida por uma forte presença da população brasileira que foi para o Algarve, e actualmente possui duas igrejas evangélicas: Assembleia de Deus Missão Transcultural e a Assembleia de Deus Vencendo pela fé. No mesmo percurso há outras igrejas que surgiram na cidade, uma outra população significativa são os Europeus do Leste, e alguns anos atrás foi fundada também em Quarteira a Igreja Ortodoxa Russapatriarcado de Moscovo Sta. Ksenia d S. Petersburgo. Estas entidades religiosas marcam a presença destes estrangeiros na localidade.

4.3.7 ESCOLAS INTERNACIONAIS

A forte presença de estrangeiros, principalmente aqueles que migraram por motivos profissionais e que optaram por transferir o seu núcleo familiar para a localidade, coloca em questão a educação dos seus filhos.

As escolas internacionais são utilizadas por famílias com grande poder económico, trabalhadores especializados, de multinacionais que deslocam os filhos para onde são destacados; possuem rendimentos que permitem custear esse tipo de escola, que oferece facilidade de reconhecimento de diplomas e são reconhecidas por outras escolas internacionais espalhadas por todo o mundo.

As famílias estrangeiras de alto poder económico optam por estas escolas visto a qualidade de ensino e reconhecimento mundial, garantindo aos seus filhos acesso a bons empregos. Algumas destas instituições têm o inglês como primeira língua, sendo optativo a aprendizagem da língua nacional. Há contudo famílias portuguesas que se deslocam no meio internacional que também optam em ter os seus filhos nestas instituições. Há em Quarteira uma escola internacional, que está situada dentro do complexo turístico de Vilamoura (zona rica da cidade) que é o Colégio Internacional de Vilamoura.

4.4 ESPAÇO DA DIFERENÇA

O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada

Henri Lefebvre, *Le droit à la Ville*.

A cidade é composta pela presença colectiva e a interacção de individualidades sob muitos perfis. No “lugar” cidade há concentração de indivíduos, formação de grupos que favorecem a criação de um espaço marcado pela heterogeneidade num cenário complexo e variável. Por outro lado, a cidade contemporânea é um “lugar” onde há percepção e criação das diferenças, das identidades singulares e colectivas.

“Quando falamos de cidade falamos ainda das imagens que se vão edificando em torno desses lugares que identificamos como cidade e que se formam a partir de discursos e práticas distintos, quando não conflituais” (Batista, 2003: 37). O urbano é composto por um conjunto de símbolos associados as estruturas físicas (ruas, esquinas, praças, monumentos), ou ainda, aos modos de vida, rituais, discursos e a imagem da cidade. A dimensão simbólica urbana se dá em duplo sentido, tanto pode condicionar práticas sociais, como as praticas sociais podem re-significar, modificar os símbolos ligados a cidade.

A conotação simbólica da cidade não se pode conceber como uma qualidade abstracta. Pelo contrário, é produzida pela acção concreta dos cidadãos – tanto dos que lá viviam, deixando traços materiais (edifícios, monumentos, infra-estruturas) e imateriais (usos e costumes, conhecimentos, atitudes), como os que lá vivem no presente. Estes últimos não se limitam a receber um património simbólico herdado da tradição, modelando nele a sua própria identidade, mas, ao invés, apoderam-se dele activamente, interpretando-o, modificando-o e, em determinadas circunstâncias, recusando-o totalmente ou em parte (Mela, 1999: 147).

A interacção entre individualidades portadoras de identidades heterogéneas, reproduzem e modificam continuamente os símbolos ligados a cidade. Com dito anteriormente, a identidade é algo que se cria através do contacto com o outro, é uma representação de si próprio que só faz sentido através do reconhecimento dela pelos outros, está dentro de

um contexto social e espacial que possui símbolos, estes símbolos podem ser alterados a qualquer momento quando em contacto com as identidades (Mela, 1999).

Um território (cidade, bairro, casa) pode conferir aos seus habitantes elementos de identificação. Uma pessoa pode ser identificada por morar em um determinado bairro, ou frequentar um determinado “*lugar*”, conferindo a estes indivíduos características generalizantes. Esta identificação realizada através da referência a um âmbito territorial, pode se dar tanto num sentido positivo (moradores de zonas luxuosas: pessoas elegantes, educadas e etc.), como negativo (moradores de favelas, bairros sociais: delinquentes, perigosos, mal-educados); “a identificação negativa transforma-se em verdadeira estigmatização territorial, e a imagem converte-se num factor efectivo de exclusão” (Wacquant *apud* Mela, 1999:145).

A identidade territorial é um processo de racionalização que é interiorizado, o indivíduo incorpora caracteres simbólicos ligados ao contexto urbano de residência, desenvolvendo *sentimentos de pertença territorial*. A imagem construída reforça uma coesão interna do grupo mediante a referência territorial. Alia-se um sentimento de comunidade que envolve o indivíduo passando este a fazer parte e a ser representante deste discurso construído sob o contexto definido. Há contudo, juízos de valor que podem atingi-lo de maneira positiva ou negativa, e o indivíduo pode aceitar ou não os caracteres contidos nesta “imagem julgada”; no caso de estigmatização a vítima pode reagir de maneira conflituosa ou mesmo agressiva.

Os meios de comunicação de massa ajudam a difundir a identificação positiva ou negativa dos territórios (cidade, bairro). A imprensa ao vincular repetidamente características negativas a um bairro social por exemplo, contribui na formação de uma imagem depreciativa e estigmatizante do “lugar” e de seus habitantes. Ao frisarem a incidência de comportamentos desviantes e agressivos localizados, criam a ideia de um território efectivamente violento e inseguro, alimentando (aos outros, de fora) um sentimento de medo vinculativo ao lugar e aos que habitam neste espaço. (Isto pode resultar em exclusão de trabalhadores residentes em bairros sociais estigmatizados).

Rui Pena Pires (2003) ao retratar a integração dos imigrantes na sociedade receptora, descreve o papel dos média enquanto responsáveis pela acentuação do sentimento de insegurança ao desconhecido, acerca dessas pessoas que vêm de outras localidades do globo e que pouco ou nada se sabe sobre elas. Os bairros sociais espalhados por Portugal

são sobrerrepresentados pela população imigrante, e são tratados pelos média como locais que concentram o marginalizado, o excluído.

O território do imigrante, sinónimo de condição de exclusão, impõe-se na medida em que se entende que imigrante é aquele que permanece pobre e incapaz de definir a sua trajectória na sociedade de acolhimento, ao invés dos outros, que, mesmo que tenha percorrido o mesmo percurso de chegada, foram capazes de se libertar de tal adjectivo, desvinculando-se de uma condição que (quando a questão racial não evidencia uma origem) os limita e os condiciona em todo o seu quotidiano (...) As auto-imagens construídas em torno dos colectivos imigrados, tendem a reforçar-se como pratica identitária (Baptista, 2003:38).

Em Quarteira há um discurso sobre a diversidade, de uma terra que acolheu ao longo de sua história pessoas oriundas de várias localidades dentro e fora do país. Segundo o presidente da Junta de Freguesia há 43 nacionalidades diferentes a residir na cidade; um número significativo já que é umas das mais pequenas do concelho de Loulé, representando apenas 5% da área total concelhia.

Ao caminhar pela cidade é possível perceber a diversidade de tipos humanos que concentra em seus espaços urbanos. O calçadão de Quarteira (Av. da Marginal) é um local emblemático onde os diferentes são percebidos e reconhecidos (positiva ou negativamente), local onde os diferentes se encontram e as diferenças podem ser negociadas. A praia, ainda que possua lugares de uso restrito (as cadeiras postas pelos hotéis e restaurantes, de uso exclusivo de seus clientes), é um local onde todos podem estar; e assim, vemos brancos e negros, ricos e pobres, estrangeiros e locais a partilhar o mesmo espaço.

Porém, ao percorrer os quatro cantos da cidade verificou-se a existência de espaços em que a diversidade parece acoplar-se em grupos, separados por nacionalidades ou grupos de afinidade. Assim quando saímos da Av. da marginal e entramos nas vias periféricas há *lugares* em que o *outro estranho* parece não se sentir à vontade, evitando uma maior proximidade.

Na cidade há lugares que são evitados tanto por alguns locais, como por estrangeiros residentes (classe média/alta), e por turistas que são avisados para não percorrerem determinadas zonas da cidade. São locais considerados perigosos, de uso e moradia de marginais e delinquentes. Porém, quem visita estes espaços e possibilita uma maior

aproximação com os seus residentes, logo percebe que são cidadãos comuns em condição de precariedade, a maioria de seus residentes estão desempregados, sobrevivem através de rendimentos oferecidos pela segurança social e possuem fraca qualificação profissional, o que dificulta a absorção de mão-de-obra desta população.

É certo que existe concentração de gang's nestes bairros sociais, que recorrem a ilegalidade como fonte alternativa de rendimentos, e fazem deste espaço o seu território; mas adjectivar negativamente a totalidade da população ali residente é um acto pré-conceituoso que contribui para a exclusão desta população. A urbanização da Abelheira é um destes bairros, um local de má fama, um lugar considerado problemático tanto pela população local quanto pelas autoridades locais.

Quarteira recebeu após 25 de Abril retornados, famílias das ex-colónias e refugiados, que foram viver aproveitando algumas barracas de pescadores que havia na cidade, e assim formou-se o bairro da lata (ou bairro dos pescadores) que cresceu durante algumas décadas sem controlo do governo local. Era um lugar de habitação informal, que segundo moradores “denegriu” a imagem da cidade.

O bairro dos pescadores estava situado junto ao Porto de Pesca de Quarteira; uma zona que, segundo o Plano Director Municipal foi classificada como “área degradada”. Depois da segunda metade da década de 90 começou a ser pensado um plano de intervenção que pretendia acabar com este “ponto negro” da cidade. Cabe aqui recordar, que por estar situado junto ao Porto, era uma zona vislumbrada pela especulação imobiliária, e visto pela autoridade local como uma área propícia para projectos de requalificação com vista ao turismo.

O Bairro dos Pescadores de Quarteira, é hoje associado à marginalidade e delinquência, em que cada habitação que desaba é vista com bons olhos tanto para a população em geral, para o turista, como para possíveis investidores na área do turismo. A população em geral, apesar de alguma angústia, quer ver-se livre do bairro que má fama dá à zona, os turistas que diariamente atravessam a pé o percurso Vilamoura →Quarteira → Vilamoura evitam-no a todo o custo com medo de alguma insegurança sentida pelo mau aspecto do Bairro, os investidores "esfregam as mãos" por ali verem uma oportunidade de investimento devido à sua localização estratégica (BLOG Quarteira, Sr. Cramez Dias).

Em 1997 iniciou-se o plano de intervenção que realojou a população do bairro de

pescadores (ou bairro de lata) para a Urbanização da Abelheira, este plano demoliu os edifícios clandestinos e transferiu seus habitantes para a periferia da cidade (ocultando a área problemática aos olhos dos turistas; embora a urbanização da Abelheira ofereceu melhores condições habitacionais, continua a estar associada as características depreciativas que o bairro dos pescadores era portador).

O grande influxo oriundo de África que se seguiu ao processo de descolonização contribuiu fortemente para o crescimento dos bairros de lata nas periferias (...) Em grande medida, o crescimento e subsistência de alguns destes bairros de lata constitui do influxo de imigrantes económicos com fracas qualificações (...) Se tivermos em conta este padrão de sobre-representação podemos afirmar que existe, sem dúvida, segregação espacial dos imigrantes (Marques, 2008: 62-63).

A urbanização da Abelheira concentra a comunidade africana que se dirigiu para a cidade após o 25 de Abril. É um bairro estigmatizado pela população local, boa parte das informações obtidas pelos média acentuam o seu carácter periférico e marginalizado, marcado pela prostituição, droga, violência, maus-tratos e abandono escolar.

A impressão de quem visita o bairro da Abelheira é que este funciona também como um mecanismo de exclusão social, na medida em que, a população que antes estava “no coração da cidade” é deslocada para a periferia, estão agora separados da cidade (do seu centro, dos equipamentos públicos, das áreas requalificadas), é como se a cidade varresse para a periferia o que não quer associado a sua imagem. Os problemas sociais antes verificados continuam a ser reproduzidos neste novo espaço, porém está oculto aos olhos dos visitantes. Quem vive neste espaço segregado pertence a outro território, é como se fizessem parte de um outro lugar (exterior a cidade), a própria polícia age como se fizesse “incursões em território inimigo”. A verdade é que as pessoas que moram no bairro— os bons, os maus, o cidadão comum — não têm “direito a fala” no panorama da comunicação social, quando referidos servem apenas para pontuar o carácter estigmatizante do lugar como realidades uniformes e indistintas.

Contudo, por mais que a população e as autoridades tentam afastar a todo custo esse “foco problemático”, em vez de, resolver pela raiz a origem de tal problema (oferendo formação profissional e cívica, acções que revejam e reposicionem as condições sociais à que estão condicionados, acções e actividades que ajude a torna-los competitivos para o mercado de trabalho), ainda assim, mesmo que distanciados do coração da cidade, eles

resistem, voltam para o centro da cidade, passam ali horas do seu dia a observar e a ocupar simbolicamente as praças, frequentam a avenida da praia, estão nos espaços públicos da cidade. Suas presenças são, muitas vezes, consideradas incomodativas para a população em geral que acredita que estão nesta situação por opção, e que deveriam voltar para as suas terras porque ali nada fazem; mas esse discurso apenas reforça a resistência.

Esta discussão levanta questões sobre a coexistência nos espaços comuns urbanos de diferentes tipos humanos, pessoas oriundas de outros países (no caso, os extra-europeus). A presença imigratória nas cidades Portuguesas ganhou visibilidade pública e académica originando discussões e estudos sobre esta parcela da população.

Jorge Malheiros (1998) ao estudar a segregação das minorias étnicas nas cidades Europeias, faz uma diferenciação entre a presença dos imigrados nas cidades do mediterrâneo em comparação a outras áreas metropolitanas da Europa Central e do Norte. Enquanto na segunda há uma maior concentração nas áreas centrais das cidades (como no caso de Londres, em cujo centro concentram-se os residentes estrangeiros, e os *locais* transferiram-se para áreas periféricas), na Europa do Sul há menor concentração nas áreas centrais e nas áreas envolventes. “Esta maior periferização dos imigrantes e das minorias foi favorecida pela dinâmica do sector habitacional informal, pela extensão de habitação social nas áreas suburbanas e, ainda, pelos preços competitivos da oferta de habitação em diversas periferias” (Malheiros, 1998:100).

As desvantagens político-sociais dos imigrados, favorece a sua concentração em áreas degradadas, este processo que limita o acesso a determinadas áreas da cidade, pode ser analisado sob a luz do sector privado, mas não apenas, é também promovido pelas políticas urbanas adoptadas nas cidades.

Nos casos em que a segregação é assumida como um problema de privação prossegue-se uma política que associe compensação social e a requalificação urbana, nos casos em que a segregação é vista como um problema espacial, privilegiam-se medidas tendentes a dispersar o grupo problemático (Malheiros, 1998:96).

As cidades são também lugares dotados de poderes que configuram fisicamente os seus espaços. Estes poderes “a percorrem, a sectorizam, a tornam lugar de referência, de conflito e de partilha” (Baptista, 2003:39). A dimensão espacial da desigualdade social,

de poderes e representatividade expressa-se na construção de territórios identitários e em estratificações sociais.

Lucia Bógus em seu texto sobre segregações urbanas relata as reflexões e abordagens dos principais teóricos sobre o assunto. Aponta que a primeira abordagem foi desenvolvida pela Escola de Chicago nos primeiros anos do século XX (Park e Burgess), passa pela Sociologia Urbana Marxista (Lojkine, Harvey, Castell; 1960 e 1970), e finaliza em abordagens mais recentes, tais como a de Sassen (1991), Marcuse (2004), Ribeiro (2003), entre outros (2009:119).

Da Escola de Chicago, a hipótese consistia na concepção que a segregação é resultado de escolhas individuais; os indivíduos localizam-se na cidade através dos grupos por afinidade raciais, étnicas e por posição social (divisão social do espaço, sociabilidades voluntariamente localizadas); propõe a ideia de *distância espacial como resultado da distância social*.

As concepções marxistas vinculavam a segregação a apropriação desigual do território como produto da sociedade capitalista. Diferentemente da primeira concepção que atribui ao indivíduo um papel central na divisão social do espaço, a corrente marxista transpõe este papel para o Estado. O Estado é entendido como representante da classe dominante, e a contradição da sociedade capitalista reflecte em apropriações desiguais do espaço.

Teorias mais recentes relacionam a segregação aos impactos da globalização sobre as cidades. Nesta perspectiva, as ideias liberais geraram mudanças estruturais nas políticas urbanas, aumentando as desigualdades de acesso aos serviços públicos e equipamentos colectivos; reforçou as desigualdades de apropriação do espaço urbano, que passa a possuir um alto grau de homogeneidade social, dividindo áreas ricas e prestigiadas dos locais deteriorados, de concentração de pobreza e excluídos sociais.

Toda essa discussão encaminha-nos a uma outra questão (que a meu ver é fundamental): vivemos numa tensão entre “abertura” do mundo e isolamento social, há um discurso construído que é legitimado como um processo natural, em diz que as distâncias espaciais estão cada vez mais reduzidas, causando uma falsa ideia de aproximação entre diferentes culturas, contextos sociais e tipos humanos.

Doreen Massey (2007) ao analisar as maneiras diferentes de imaginar a relação entre o espaço e a sociedade, argumenta que a narrativa da globalização é uma “fala” que está posicionada geograficamente, ignorando a estruturação de desigualdades, rupturas e

divisões sobre a qual está construída. É um discurso de livre movimento de barreiras realizado pelo neoliberalismo, porém apenas exacerba a desigualdade tanto dentro dos países quanto entre eles, isto porque a incorporação das pessoas no mundo é extremamente desigual, e essa desigualdade é também construída.

A ideia de livre mobilidade ao redor do mundo é apenas um privilégio do capital, sob forma de transacções financeiras, investimentos e comércio de bens (“embora “91% dos investimentos estrangeiros directos são investidos em partes do mundo, onde somente 28% da população vivem. O número do comércio é quase tão alto - 80%” (Massey, 2007:150)), ele move-se onde há melhores oportunidades, porém no que diz respeito ao trabalho e as pessoas a lógica não é a mesma. A ideia de maior mobilidade de pessoas contada pela estória da globalização europeia só é verificada numa pequena parcela da população mundial, como é o caso dos chamados *cosmopolitas*. Os cosmopolitas são os representantes da *World Class*, uma pequena elite global que contribui para a formação de uma suposta cultura universal; são uma espécie de antítese da identidade local assumindo-se como translocais. Já os intitulados migrantes económicos não encontram nessa estória a abertura que tanto se proclama.

O trabalho, as pessoas que desejam vagar pelo mundo em busca de trabalho, são castigadas como “somente” migrantes económicos. Barreiras são criadas contra elas entre as grandes áreas do mundo para que sejam mantidas em seus lugares. Obviamente a migração internacional continua, mas é reduzida, cercada e controlada. Muito diferente da exuberância com que o movimento livre de capital é festejado. Além disso, a migração internacional que permanece é claramente segregada entre os ricos, aqueles com formação e/ou dinheiro para investir e que podem locomover-se com relativa facilidade, e do outro lado, os pobres e sem formação, contra os quais barreiras são constantemente levantadas (Massey, 2007:150).

Em boa parte do mundo (pelo menos nos países ocidentais) é profetizado uma vasta mobilidade não apenas de bens, serviços e informação, mas também de pessoas e mão-de-obra num espaço aberto, sem fronteiras, diverso e multicultural; essa ideia aparece vinculada aos novos meios de comunicação e tecnologias, internet, telemóvel, informação a tempo real, motores de buscas instantâneos; que causa-nos a sensação de um aniquilamento do tempo e do espaço «podemos estar conectados ao mundo a toda hora, em qualquer lugar, com qualquer pessoa».

Essa visão poderosa que nos é inculcada diariamente por diferentes ferramentas informativas e de consumo aliadas a uma ideia de “conscientização global”, é aparentemente confortante e vislumbra encantamento; porém a realidade social indica que há qualquer coisa de estranho e perturbador nessa lógica anunciada. Cada vez mais notamos indícios de fechamento e intolerância com o diferente, cidades ditas multiculturais são detentoras de zonas segregadas, desigualdades que reconfiguram os espaços urbanos (delimitam usos e usuários, que por sua vez são contraditórios, resignificados e reapropriados simbolicamente); ideologias nacionalistas ressurgem com uma força preocupante (novas diretrizes do governo francês de Nicola Sarkozy com a expulsão de Romenos e imigrantes, mas não apenas, um maior proteccionismo e fortificação das fronteiras contra a imigração em países como Itália, Suécia, Dinamarca e Alemanha) «Não é preciso ir muito longe; até mesmo a construção de um espaço europeu, de uma identidade europeia, que propicia intercâmbio e livre circulação dos seus cidadãos parece estar a falhar ou só “funciona” em determinadas situações». Essas histórias que nos são contadas revelam discursos incoerentes, contraditórios e conflituais.

4.5– A CIDADE IMAGINADA. O “NÓS” NO URBANO

*É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeças que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma
outra coisa.*

Ítalo Calvino

A cidade aqui exposta são discursos, inventados e reinventados, construídos e reconstruídos através das relações estabelecidas entre sujeitos e espaço social, memórias e acontecimentos. Não importa se a narrativa corresponde a cidade real, tal como ela é, porque todo o olhar que se debruça sobre a cidade e tenta desvendar os seus segredos capta apenas fragmentos, ela não se deixa apreender por uma só narrativa; não há uma verdade quando falamos de cidade, há visões de mundo, percepções, perspectivas; carregados de paixões, medos, desejos e ideais.

Os discursos revisados (darão contributo para a construção de um outro, o deste narrador) estão carregados de memórias que constituem uma espécie de acervo de lembranças que são partilhadas no presente, mas que contém também passado e futuro, porque na memória o tempo não é linear, está sobreposto.

A memória é condição para imaginação, não conseguimos imaginar se não recordarmos. Essa ideia é bem simples, nós podemos imaginar o que é uma praia paradisíaca sem nunca lá ter estado, mas sabemos que na praia há mar e areia e que o paradisíaco é algo invulgar, semelhante ao paraíso; nós nunca estivemos no paraíso, mas constantemente foi-nos relatado que o paraíso é o lugar mais belo, de paz e sossego, criado por Deus (mito de Adão e Eva), ou que no novo testamento é referenciado como o lugar para onde vão as boas almas; e assim podemos imaginar como seria este espaço. Nesta perspectiva, a imaginação assim como a memória não tem limites, pode ser contraditória, não-racional, incipiente e romantizada, constrói-se através do cruzamento da nossa emoção ou desejo e um acontecimento, facto, lugar (Montenegro 1992, Calvino 1990, Capra 1983). Neste processo onde inter cruzam-se memória e ficção, é possível verificar modos de percepção do mundo, e assim ser percebido por ele.

A cidade é composta por memórias individuais e colectivas, que marcam o seu espaço através dos significados que inscrevemos nas suas ruas, esquinas, praças, edifícios e monumentos. Estes caracteres físicos, por sua vez, contém marcas simbólicas profundas de épocas anteriores, de tal modo que podemos falar “aqui há história”; porém tal como o discurso que contém memória, estas simbologias podem ser redignificadas, reconstruídas no presente, arrastando nesta mudança o seu significado.

O estudo da cidade imaginada é importante porque permite ampliar nossa compreensão do fenómeno urbano a partir da narrativa da memória. O narrador, aquele que descreve com maior exactidão o extraordinário e o miraculoso informa-nos, em última instância, qual o processo reactivo que a realidade provoca no sujeito. Tais reacções interessam-nos na medida em que representam o que está submerso no desejo e na vontade individual e colectiva (Montenegro *apud* Nogueira, 1998:2).

A cidade é nesta perspectiva como um *livro-texto que se deixa desnudar pelo narrador*, que a percorre em pensamentos contando-nos os seus segredos, mas este percurso traçado em pensamento é sempre uma trajectória singular, porque “o que se pode compreender são representações individuais e colectivas plasmadas em conteúdos simbólicos gerais. Isto porque a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente (...) a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (idem, *ibid*:2).

Ao considerar a cidade *lugar* de coexistência de diferentes grupos e individualidades, que negociam simbolicamente a sua presença (condição de *ser* e *estar*) nos espaços urbanos; resta-nos saber, como estas diferentes percepções visualizam a própria cidade, a cidade aonde o “nós” compõe o ambiente urbano.

Nas entrevistas realizadas aos residentes estrangeiros e nacionais de Quarteira, havia três questões centrais que pretendiam aludir este assunto: a primeira era o que achavam da cidade, suas primeiras impressões da vida social nos espaços urbanos, factores que gostavam e desgostavam e se tivessem poder para transformar o que fariam para a melhorar; a segunda dizia respeito as imagens que tinham dos “outros”, o que consideram ser factores de aproximação e distanciamento entre pessoas e grupos; a terceira procurava perceber o que consideravam importante para um bom relacionamento entre *diferentes* na vida social urbana.

Na primeira questão, ou seja, as primeiras impressões da vida social na cidade, muitos apontaram o facto de alguns anos atrás ser mais difícil o relacionamento entre a população imigrante e os locais. Este facto estava relacionado a uma maior dificuldade em obter a legalização, o que causava uma sensação de insegurança perante o outro, “mostrar-se” era algo arriscado, havia um medo generalizado de repreensão por parte população e das autoridades locais, não havia tantas organizações e associações de defesa dos direitos desta parcela da população, o que reforçava o sentimento de insegurança. Para os imigrantes dos PALOP a integração era ainda mais difícil, pois havia mais situações em que se sentiam discriminados, a sua “cor” era motivo de diferenciação e subjugação.

Isto não quer dizer que actualmente este sentimento deixou de existir, porém agora, no que se refere a imigração laboral, sentem-se mais protegidos e organizados; para além disto, relataram uma mudança de postura e posicionamento desta ultima geração, que parece estar “mais aberta” ao diálogo e troca cultural. A nova geração cresceu com a intensificação do contacto entre diferentes culturas, e isto possibilitou um “maior” conhecimento sobre o *outro* e as outras culturas, embora isso não tenha resultado numa aproximação efectiva.

Por outro lado, disseram que antes a cidade apresentava melhores condições de vida. A crise mundial (iniciada em 2008) foi sentida localmente através do agravamento de situações de risco, precariedade laboral e aumento do desemprego. Embora essa conjugação tenha sido sentida por toda a população, os imigrantes começam a sentir novamente um aumento de represálias, a população começa a vê-los novamente com uma certa apreensão, agora não pelo facto de serem *desconhecidos* no sentido lato da expressão, mas por imagens que estão a ser construídas que vinculam o agravamento de anomalias sociais, tais como crime, delinquência e prostituição à figura do imigrante.

Quando referidos os aspectos que mais gostam ou que desgostam na vida social da cidade, ao mesmo tempo que referenciam um carácter “bairrista”, propiciando formas de estar típicas de cidades pequenas, era contrabalançado com uma ausência de espaços públicos de convivência que permitem maior troca e intercambio cultural. A cidade apenas oferecia actividades culturais em épocas específicas do ano (verão), e estas eram sobretudo realizadas com vista ao turismo e para a manutenção de uma imagem de cidade multicultural, porém abrangência e efectividade de tais acções ainda eram diminutas.

Para lidar com essas carências propunham a criação de espaços verdes públicos, equipamentos urbanos, espaços e actividades que contribuíssem efectivamente para o encontro e troca cultural, mas não apenas no verão, porque nesta época muitos estão ocupados com tarefas laborais, mas que estas actividades fossem também praticadas na época baixa que é quando têm disponibilidade para a participação e a cidade está realmente carente de vida social. Muitos expunham que os convívios eram realizados entre pessoas da mesma comunidade ou com alguma afinidade, porque eram realizados sobretudo em espaços privados (cafés, e na própria residência), ter espaços públicos era um factor decisivo para a possibilidade de aproximação entre *diferentes*. Estas carências eram também tidas como responsáveis por um distanciamento social entre pessoas e grupos, agravadas por uma identificação negativa (estigmatizada) do imigrante, que tanto tem sido explicitada pelos meios de comunicação de massa.

E o que é fundamental para que todos possam “viver bem juntos”? A palavra nomeada foi: respeito. Segundo os entrevistados o fundamental é que todos sejam respeitados enquanto sujeitos de sua própria história, cada qual com a sua diferença, porque todos somos diferentes uns dos outros, não importa nossa cor, classe social, opção sexual, grupo de identificação ou identidade cultural.

«*Mas para receber também é preciso dar*» Um outro critério importante é a nossa postura e atitude perante o outro; a forma como elucidamos um problema e o resolvemos, devemos ter em atenção as nossas acções para que não sejam reanimadoras daquilo que pretendemos combater; as vezes a possibilidade de aproximação é travada por posturas incoerentes com o discurso, que ao procurar acabar com um “mito” e acabam por criar outro em profundidade. Esta postura as vezes é feita inconsciente, mas devemos chama-la a consciência e propor novas formas de estar que favoreçam um melhor entendimento entre as diferenças. Um exemplo, foi mencionado pela representante da DOINA em uma das suas actividades:

Isto depende de nós, depende da nossa atitude, da forma de enfrentar, de falar com as pessoas, encarar situações (...) Vou te falar um exemplo, num evento que tivemos aqui entre as comunidades estrangeiras havia cadeiras de um lado e do outro; de um lado era os africanos e do outro os brancos. Isto num dia para debater a discriminação, fizemos nós a discriminação. É que nós não nos sentamos no lado deles e eles não sentaram do nosso lado.

Mas isto foi inconsciente, sem pensar (Presidente Associativa DOINA, D. Elizabetta).

Mas será que estes factores (respeito, espaços públicos, posturas e atitudes) são suficientes para a garantia de que todos possamos viver “bem” juntos?

Proponho a inclusão de um outro critério, que é o direito de *ser e estar* na cidade, que deve ser para todos os que habitam os seus espaços, sem subjugações, relações hierarquizadas e “hierarquizantes”, já que o direito a cidade “não é mais apenas o direito a aceder e a instalar-se nela, mas a garantia de poder usufruir dos equipamentos, serviços e direitos que a cidade oferece, designadamente a condição de cidadania política e cultural” (Fortuna, 2009:86).

Talvez estes critérios ainda não sejam suficientes para a criação de um espaço que propicie melhor entendimento e proximidade entre *diferentes*, mas talvez com eles possamos estar mais próximos desse ideal. É necessário pensar em formas e alternativas que possibilitem a construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e efectivamente multicultural, porque a diversidade é condição para a existência da própria humanidade. Somente através da compreensão das acções, representações, perspectivas, das imagens que os actores têm de si e dos outros, num ambiente que embora possa ser conflituoso é também compartilhado, porque este espaço comum (de cruzamento e usos variados) ainda possibilita o encontro; ao entender as inter-relações e inter-ligações entre sujeitos e espaço urbano, é possível problematizar e buscar soluções satisfatórias para a construção de um melhor ambiente para todos.

5- SÍNTESE CONCLUSIVA - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou reflectir sobre a presença estrangeira na cidade de Quarteira, de que forma contribuiu para a dinâmica social urbana; a questão que desde o início causava inquietude era se a forte presença dos estrangeiros de diferentes nacionalidades favorecia a um melhor entendimento e aproximação entre *diferentes*.

Numa tentativa de elucidação deste questionamento, foi preciso inicialmente rever elementos característicos da modernidade em contraposição aos evidenciados na pós-modernidade; ou seja, efeitos que o projecto da modernidade trouxe a luz, que minaram a sua própria narrativa.

A globalização trás a tona a discussão entre o *local* e o *global*, evidencia incoerências entre o discurso que narram a construção de uma estória da humanidade (que está posicionada, numa visão eurocêntrica de ideal de humanidade) que reivindicou uma organização da sociedade e do espaço de maneira universalista e generalizada; uma perspectiva que imagina culturas e sociedades como possuidoras de uma relação integral com espaços relativamente conectados (Massey, 2007).

Porém, teorias contemporâneas deslocam esta narrativa da estória da modernidade capitalista para as periferias que estão dispersas, demonstrando as diferentes maneiras como actua e é imaginada pelas (e nas) localidades. Essa possibilidade de expor narrativas que antes eram, ocultadas (favorecendo um poder/conhecimento eurocêntrico), ajudou a abalar este discurso hegemónico (Massey, 2007).

Desta forma, as cidades contemporâneas “nunca são globalmente globais, nem para dentro nem para fora, porquanto a globalização virtuosa ou hegemonização de um ou vários de seus fragmentos projecta-se sempre na localização ou na subordinação de outros, sejam eles grupos ou movimentos sociais, espaços ou monumentos, linguagens, artes ou saberes, actividades ou acontecimentos” (Fortuna, 2002:132).

Chegamos a um ponto fundamental, se acreditarmos que para além desta *geometria do poder* proposta por Massey que é realizada num eixo vertical; consideramos que na cidade há desigualdades de poder e representatividade, mas que também se expressa num eixo horizontal (concepção proposta por Fortuna, 2002); ou seja, do centro para periferia, onde os indivíduos se localizam dentro deste espaço fragmentado, é possível verificar a existência de desigualdades sociais e culturais, do direito de *ser* e *estar* na cidade.

Porém, ao tomar emprestado esta concepção defendida por Fortuna, no qual fala-nos de uma cidadania disputada, negociada; em que estar a margem nem sempre significa uma condição, mas também um acto de resistência que é consciente; coloca em questão as perspectivas “dualizantes” que situa os indivíduos ora dentro ou ora fora de seu centro, delimitado por fronteiras rígidas, inflexíveis.

Ao desconstruir este argumento, recorrendo a necessidade de revisão dos instrumentos teóricos que orientam-se através de leituras binárias, e reconhecendo que as fronteiras não são tão rígidas como se imaginou em estudos anteriores, mas que são flexíveis e porosas; é possível falar de zonas de intermediação, de contacto (Fortuna, Canclini, Leite, Arantes), onde as diferenças são quotidianamente negociadas.

O estudo de caso – A cidade de Quarteira- demonstrou a existência de algumas fronteiras físicas e simbólicas que foram assentes, ora pelas políticas urbanas adoptadas, pelo sector privado (especulação imobiliária e apropriações do sector privado nos espaços que antes eram de usufruto comum), ora por discursos intolerantes aos diferentes, principalmente quando estes estavam em situação de precariedade.

Observou-se que as diferenças socioeconómicas e culturais fundamentavam as delimitações de acessos, usos e usuários na cidade; porém as intervenções realizadas não conseguiram efectivamente a “limpeza” almejada.

O primeiro tipo de fronteira simbólica averiguada (extensão do sector privado em detrimento do público, realizada sobretudo pelas políticas urbanas adoptadas), retirou da cidade espaços de convivência, apartou diferenças sócio-culturais para locais de pouca visibilidade pública, privilegiou a construção de equipamentos públicos na “cidade privada” (Vilamoura) em desfavor da “cidade real”, tentou varrer da cidade o que acreditava não ser favorável à imagem que pretendia criar de cidade.

Porém houve resistência, tanto dos locais que viram seus espaços de convivência serem convertidos em espaços de lazer para o turismo, e que recorreram ao que sobrou de público e ali recriaram seus antigos “modos de vida”, a sua *zona* de convívio (como exemplo, temos os senhores e senhoras que levam para as ruas e praças bancos, mesas e cadeiras e passam a sua tarde a conversar, a jogar cartas, a discutir assuntos comuns e a observar os que ali passam); quanto pelos imigrantes extra-europeus (Principalmente os do PALOP) que embora realojados na periferia retornam diariamente ao centro e ocupam simbolicamente alguns locais no coração da cidade.

Há uma outra fronteira simbólica que aparta os diversos tipos de estrangeiros que a cidade acolheu nas últimas décadas. A impressão é de que alguns são bem aceites pela comunidade em geral, enquanto outros são acusados dos infortúnios sentidos e vividos na cidade e a vida da cidade. O primeiro factor esbarra na questão cultural, há hábitos e modos de vida que são *estranhos* aos locais, e que ao serem reproduzidos na sociedade de acolhimento são vistos como incompatíveis a cultura local. Desta forma, não são bem aceites, contudo continuam a ser reproduzidos por estes estrangeiros, há uma negociação diária entre as diversas culturas que habitam a cidade.

Mas há um outro factor que tem a ver com as desigualdades sociais entre os estrangeiros (os que vieram atraídos pelas características da região (temperatura, sol, praia) e pelas actividades e ofertas proporcionadas pelo sector do turismo (ou seja, possuem grande poder de compra e investem na cidade), são estrangeiros europeus do Norte e Centro da Europa; e os que foram atraídos pelas ofertas de trabalho e emprego, os imigrantes laborais extra-europeus e europeus do Leste (com pouco poder de compra).

Foi notória a diferenciação de acesso aos serviços e equipamentos, e dos discursos de aceitação e recusa entre estes tipos de estrangeiros residentes. A conjuntura económica actual contribuiu, sem dúvida nenhuma, a recusa dos imigrantes laborais, já que as ofertas de emprego e trabalho são actualmente reduzidas, e alguns postos de trabalho que antes eram ocupados pela imigração laboral passam a ser requisitados pelos locais. Um segundo ponto diz respeito ao aumento da pobreza e da violência. Visto que boa parte da imigração laboral de Quarteira ficou sem emprego, houve um aumento na procura de subsídios estatais (muitos imigrantes vivem destes subsídios, e este facto começa a deteriorar a imagem destes imigrantes, que passam a serem vistos como “pessoas que não querem trabalhar”).

A situação agrava-se ainda mais, quando referido os que estão em situação de extrema precariedade e que recorrem a fontes alternativas de rendimentos para “garantir a sua sobrevivência”. Houve um aumento da criminalidade e da prostituição, e isto passou a estar associado directamente a esta parcela da população.

Assim sendo, por mais que a intensificação do contacto entre diferentes não tenha resultado na criação de uma cultura democrática das diferenças, porque a forma como os actores sociais estão posicionados e são reconhecidos na cidade tenha evidenciado desigualdades de representatividade e poder, nem por isto podemos aludir que estes se encontram condicionalmente separados, fechados em seus grupos culturais,

socioeconómico e (ou) de afinidade; os espaços públicos ainda que deficitários continuam a promover o encontro entre os *diferentes*, por mais que o direito de *estar* na cidade não seja equitativo, há resistência por parte daqueles que foram postos a margem ou que decidiram por assim estar. Os usos delimitados, ora por políticas urbanas, pela extensão do sector privado, ou por apropriações simbólicas, são revistos e resignificados diariamente por todos os actores sociais que compõe o ambiente urbano da cidade.

A cidade é polissémica, possui um leque infinito de discursos e narrativas que estão constantemente reformulando a sua imagem, re combinando referências, alterando simbologias, ela é diversa e é composta pela diversidade, essa é a sua condição de existência.

Os factores que aproximam ou distanciam *diferentes*, também está relacionado com a nossa forma de pensar e imaginar a cidade, a maneira como nós nos posicionamos dentro dela, as nossas práticas, atitudes e resistência em relação as delimitações impostas que não anulam as contravenções e re-significações das mesmas.

É notório a influência de factores externos que tentam reforçar um sentido único, propondo uma ordem hegemónica; porém há a possibilidade de emergência de uma outra, que produz novos significados, que propõe outros relacionamentos entre grupos sociais, entre estes e o espaço social. Mas para isto é fundamental o encontro de *narrativas dissonantes*, e que este encontro propicie o diálogo entre a diversidade cultural e a alteridade.

O estranho poderá alimentar formas novas de sociabilidades e associação cívica desde que alicerçado numa noção nova de tolerância social, que supere a tolerância negativa, sinónimo de descomprometimento e de “indiferença civil”, segregadora e subordinante. Ao contrário de uma tolerância positiva que promova o (re)conhecimento do estranho poderá brotar a disponibilidade dos sujeitos e grupos para negociarem, de modo autónomo e no respeito por aquilo que os diferencia, as condições de maior equidade social e de juízo sobre a sua condição e a sua individualidade (Fortuna, 2002:136).

Esta investigação defende a ideia de *sujeito pessoal* proposta por Touraine (1997), uma condição que permite o indivíduo ser actor de sua própria história. Este actor está desprendido das imposições da comunidade e de uma instrumentalidade condicionada, ele é liberdade, libertação e recusa; é criador de um sentido de mudança, ele enfrenta as

relações sociais e políticas que tentam encarcera-lo, oprimi-lo e exclui-lo. Ele é condição indispensável para a comunicação intercultural, para uma sociedade efectivamente múltipla, e neste sentido, condição para uma cultura democrática das diferenças.

BIBLIOGRAFIA

- Appadurai**, Arjun (2004), “Disjunturas e diferenças na economia cultural global” in idem (org.), *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa: Teorema, pp. 43-93
- Arantes**, António (1997), “A guerra dos lugares”, in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras: Celta, 259-270
- Baptista**, Luís (2003), “Territórios, Imagens e Poderes”, in Graça Cordeiro, Luís Baptista, António Costa, *Etnografias Urbanas*, Oeiras: celta, 35-41
- Barreira**, Irllys Alencar (2007), “ Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro” in *Análise Social*, vol. 182, 163-180
- Bauman**, Zygmunt (2006), *Confiança e Medo na Cidade*, Lisboa: Antropos
- Bógus**, Lucia Maria Machado (2009), “ Segregações Urbanas” in **Fortuna**, Carlos; **Leite**, Rogério (orgs.), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Coimbra: CES, Almedina
- Brito**, Joaquim (2003), “A cidade exposta” in Graça Cordeiro, Luís Baptista, António Costa, *Etnografias Urbanas*, Oeiras: celta, 43-51
- Calvino**, Ítalo (1990), *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Capra**, Fritjof (1983), *O Tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo, Cultrix.
- Cavaco**, Carminda (1979), *Turismo e demografia no Algarve*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- Coriolano**, Luzia (2006), “Turismo: Prática Social de apropriação e de dominação de territórios” in *América Latina: Cidade, campo e turismo*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo, Diciembre 2006.
- Costa**, António Firmino (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras: celta
- Costa**, António Firmino (2003), “Estilos de sociabilidade”, in Graça Coredeiro, Luís Baptista, António Costa, *Etnografias Urbanas*, Oeiras: celta, 122-141
- Delegação Regional do Algarve** (2008), “Plano Operacional de Resposta Integradas (PORI). Diagnóstico de Quarteira”, disponível em: <http://www.idt.pt/PT/DelegacoesRegionais/Algarve/Documents/Caracterizacao2009/DiagResumoPoriQuarteira.pdf> , pesquisado no dia 25 de Janeiro de 2010.

Direcção Regional do Algarve & Projecto Boa Onda (2007), “Contributo do Agrupamento S. Pedro do Mar de Quarteira no projecto Boa Onda”.

Disponível: <http://www.miguelneta.com/boaonda-resumo.pdf>, pesquisado 24 de Janeiro de 2010.

Duarte, Rui; **Barbosa**, Adriana e **Manuel**, Lobo (2006), “O Turismo como factor integrante no desenvolvimento do território: O caso de Vilamoura, Algarve, em Portugal, e S. Sebastião, Costa do Alcatrazes, no Brasil”, in *Revista Minerva*, 5(2), 111-119.

Featherstone, Mike (1997), “Culturas Globais e Culturas Locais” in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras: Celta (cap.4)

Fernandes, Luís (2003), “A Imagem predatória da cidade”, in Graça Coredeiro, Luís Baptista, António Costa, *Etnografias Urbanas*, Oeiras: Celta, 53-62

Fortuna, Carlos (2002), “Culturas Urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº63, Outubro 2002, pp. 123-148

Fortuna, Carlos (org.) (1997), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras: Celta

Fortuna, Carlos; **Leite**, Rogério (orgs.), (2009), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Coimbra: CES, Almedina.

Frehse, Fraya (2009), “Usos da Rua”, in Carlos Fortuna; Rogério Leite (orgs.), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Coimbra: CES, Almedina.

Freitag, Barbara (2002), “Cidade e Cidadania” in *A cidade do Homens*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 207-283

Frúgoli, Heitor, (2007), *Sociabilidade Urbana*, Rio de Janeiro: Zahar

Gadanho, Pedro (coord.) (2009), *Habitar Portugal 2006/2008*, Selecção MAPEI/Ordem dos Arquitectos

Gomes, Paulo César (2002), “O espaço público e as manifestações do recuo da cidadania” in *A Condição Urbana*, São Paulo: Bertrand

Hall, Stuart (2006), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A

Horner, Susan; **Swarbrooke**, John (2002), *O comportamento do consumidor no turismo*, São Paulo: Aleph

Instituto Nacional de Estatística (2005), *Anuário Estatístico da Região do Algarve*. INE

Lefebvre, Henri (2008), *Espaço e Política*, Belo Horizonte: Ed. da UFMG

- Leite**, Rogerio Proença (2004), *Contra-Usos da cidade*, Campinas: UNICAMP
- Leite**, Rogerio Proença (org.) (2008), *Cultura e Vida Urbana. Ensaios sobre a Cidade*, São Cristóvão: UFS
- Lynch**, Kevin (1960), “A imagem do meio ambiente” in *A imagem da cidade*, Lisboa: 70
- Madeira**, Rogério (2006), “A cidade de Quarteira – expansão urbana nos últimos 50 anos”, *Monografia em Geografia*. Braga: Departamento de Geografia da Universidade do Minho
- Magnani**, José Guilherme Cantor (2002), “De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, nº 49 - São Paulo, Junho de 2002
- Malheiros, Jorge Mecaísta** (1998), “Memórias étnicas e segregação nas cidades. Uma aproximação do caso de Lisboa no contexto da Europa Mediterrânica” in *Finisterra XXXIII*, nº 66, 91-118
- Malheiros, Jorge Mecaísta** (1998), “Minorias Étnicas e a segregação nas cidades. Uma aproximação ao caso de Lisboa no contexto da Europa Mediterrânica” in *Finisterra XXXIII*, nº 66, pp. 91-118
- Malheiros, Jorge Mecaísta** (org.) (2007), *A imigração brasileira em Portugal*, Lisboa: Observatório da Imigração
- Marques, M. Margarida**, (2008), *Migrações e participação Social*, Lisboa: Fim de Século
- Marques, Margarida; Santos, Rui e Leitão, José** (2008), *Migrações e Participação Social. As associações e a construção da cidadania em contexto de diversidade – O Caso de Oeiras*”, Lisboa: Fim de Século.
- Martins**, Emanuel (2008), “Estudo de Caracterização da população estrangeira, com estatuto legal, residente na freguesia de Almancil”, *VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, Universidade Nova de Lisboa, 25-28 de Junho (CDROM)
- Massey**, Dorren (2007), “Imaginando a globalização: Geometrias de poder de tempo-espaço” in *Revista Discente Expressões Geográficas*, Florianópolis, nº 03, pp. 142-155, Maio de 2007.
- Mela**, Alfredo (1999), “A cidade, os símbolos, as culturas” in *A sociologia das cidades*, Lisboa: Estampa

- Montenegro**, Antonio T. (1992), *História oral e memória - a cultura popular revisitada*. São Paulo, Contexto. Caminhos da História.
- Nogueira**, Maria Aparecida Lopes (1998), “A cidade imaginada ou o imaginário da cidade” in *História Ciência e Saúde – Maguinhos*, vol. 5, n 1, pp. 115-123
- Pardal**, Daniel (1996), “Quarteira: A Urbanização na década de 60”, *Monografia em Turismo*. Faro: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve.
- Pimpão**, Adriano (1991), “Economia do Algarve. Preparar o terceiro milénio, in *Revista Sociedade e Território*, 13, 17-21.
- Pires**, Rui Pena (2003), “Processos de integração na imigração”, in Graça Coredeiro, Luís Baptista, António Costa, *Etnografias Urbanas*, Oeiras:Celta, 63-76
- Plano Operacional de Respostas Integradas** (2008), *Diagnóstico de Quarteira*, Faro: Delegação Regional do Algarve
- Rodriguês**, Cecília Maria Correia (1999), “ Portugal e os portugueses no olhar de estrangeiros europeus e norte americanos, residentes no Algarve”, *Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais*, Lisboa: Universidade Aberta
- Seabra**, Hugo; **Rosa**, Maria e **Santos**, Tiago (2003), *Contributos dos imigrantes na demografia portuguesa. O Papel das populações de nacionalidade estrangeira*, Lisboa: ACIME.
- Silva**, João e **Silva**, José (1991), “Algarve. Crescimento turístico e estruturação de um espaço regional”, *Revista Sociedade e Território*, 13, 22-32.
- Simmel**, Georg (1983), “O Estrangeiro” in F. Evaristo (org.), *Sociologia*, São Paulo: Ática
- Taylor**, Charles (org.) (1994), *Multiculturalismo*, Lisboa: Piaget
- Touraine**, Alain, (1997), *Iguais e diferentes. Poderemos viver juntos?*, Lisboa: Intituto Piaget
- Verás**, Maura Pardini (1999), “Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo” in *Cadernos MetrÓpole. Desigualdade e governança*, São Paulo: Pronex EDUC, pp. 233-292
- Verás**, Maura Pardini (2000), *Trocando Olhares. Uma introdução à construção sociológica da cidade*, São Paulo: Nobel EDUC, pp. 60-76
- Wacquant**, Loic, (2008), *As duas faces do gueto*, São Paulo:Boitempo
- Wieviorka**, Michel, (2002), *A Diferença*, Lisboa: Fenda Tema.

Wirth, Louis (1997) “ O Urbanismo como modo de vida”, in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras: Celta editora.

Sites Pesquisados:

Câmara Municipal de Loulé - <http://www.cm-loule.pt/>

Direcção Regional do Algarve – <http://www.ccdr-alg.pt>

INE- Instituto Nacional de Estatística – <http://www.ine.pt>

Junta de Freguesia de Quarteira – <http://www.jf-quarteira.pt/PT/default.asp>

Observatório do Algarve – <http://www.observatorioalgarve.com>

SEF – Serviço Estrangeiros e Fronteira – <http://www.sef.pt>

Jornais On-line:

Algarve Digital - <http://www.algarvedigital.pt/algarve/index.php>

Algarve Identitário (2006), “Os outros Imigrantes do Algarve” , *17 de Maio*, página consultada 16 de Outubro de 2009

Comunidade Lusa (2009), “Nascem mais bebés no Algarve que no resto do país”, *27 de Agosto*, página consultada 16 de Outubro de 2009

Disponível: <http://algarve-identitario.blogspot.com/2006/05/os-outros-imigrantes-do-algarve.html>

Disponível: http://www.observatorioalgarve.com/cna/noticias_ver.asp?noticia=6345

Disponível: <http://www.planetalgarve.net/quarteira.php?id=52599>

Disponível: <http://www.regiao-sul.pt/noticia.php?refnoticia=35088>

Miranda, Ariano/ Público (2006), “Portugal tem 25 mil “imigrantes de luxo”, *24 de Janeiro*, página consultada 20 de Agosto de 2010

Observatório do Algarve (2005), “Imigrantes residentes aumentam no Algarve”, *02 de Dezembro*, página consultada 16 de Outubro de 2009

Planet Algarve (2008), “Exposição “Novos Olhares Sobre Quarteira” mostra Obras Estruturantes para a Cidade”, *17 de Abril* , página consultada 27 de Agosto de 2010

Região Sul (2005), “Imigrantes Contribuem em 17% para a riqueza algarvia”, página consultada 16 de Outubro de 2009

Jornais Impressos:

A Voz de Quarteira

Carteia

Público

Fóruns e BLOG´s Pesquisados:

Blogar na Abelheira – <http://blogarnaabelheira.blogspot.com/>

Calçada de Quarteira – <http://calcadaodequarteira.blogspot.com/>

Club Basket Quarteira - <http://www.cbqtubaro.es.pt/>

O café da Avózinha – <http://cafedaavozinha.blogspot.com/>

Portal Regional. A cidade Quarteira - <http://www.cidade-quarteira.com/>

ANEXOS 1

ENTREVISTAS RESIDENTES PORTUGUESES

(Locais)

E: Qual o seu nome?

e: Joaquim José

E: E o nome do senhor?

e2: Francisco

E: O senhor (e) vive em Quarteira a quantos anos?

e: 47 anos

E: O senhor é natural de qual cidade? (e)

e: Você quer saber o que é Quarteira eu digo já... quer gravar?

E: Já estou a gravar...

e: *Quarteira terra encantada*

Bem juntinho ao pé do mar

Que tem sido mal tratada

Por aqueles que andam a enganar

Eles só querem explorar

Levam de cá milhões

Mas quando tocam a dar

Dão apenas cinco tostões

Já não tens cultura,

Tiraram a nossa beleza

Corre-se de ponta a ponta

É uma grande tristeza

O teatro que tu tens

Fica instalado em Loulé

A biblioteca fica mais ou menos ali ao pé

Deram-nos bares e discotecas brincos com muita abundância

Mas tiraram-te a cultura, muitos bailados e danças

Tiraram a esplanada que era logo ali

E construíram belos estacionamento

E assim vivem abandonados com maus pensamentos

Oh linda a terra encantada

Enquanto não fores concelho nunca mais serás nada.

E: Para ti, quais foram as principais mudanças na cidade, o que mudou em Quarteira nestes 40 anos?

e: A 30 anos para cá isto passou a ser um atraso de vida, veio para cá os retornados, Quarteira perdeu tudo. Perdeu até isto...

e2: Já estás tu a estragar tudo

E: Mas como era Quarteira?

e: Quarteira estava a desenvolver bastante... muito, um grande desenvolvimento, antes. Depois quando estourou o 25 de Abril Quarteira perdeu tudo, perdeu hotéis...

e2: Perdeu hotéis coisa nenhuma

e: não, perdeu hotéis.

E: Mas qual foi o motivo?

e: Os retornados, os retornados depois deram mau ambiente, vieram arruinar Quarteira. Porque os concelhos não queriam isso na terra deles. Loulé não levou nada para lá... deu tudo para Quarteira, qualquer um deles vem tudo para Quarteira.

e2: Não acredites nisto, cada vez há mais hotéis em Quarteira, cada vez constroem mais. Isso não é verdade, não se perderam hotéis, quais os hotéis que se perderam?

e: Não, já estava aqui, perderam-se foi aquele ali de trás, o D. José, perdeu-se.

e2: Não, faliu simplesmente.

e: Faliu por causa disso. Agente tinha ali a maior boate da Europa, fechou com o 25 de Abril

e2: Fechou porque aquilo ali faliu.

e: Faliu porque o 25 de Abril não tinha clientela pá... aquilo só estava com estrangeirada, a estrangeirada deixou de vir para cá pá.

e2: Pronto, não tinha nada a ver com os homens que...

e: Os estrangeiros, os estrangeiros... ficaram foi os retornados, os pretos, essa gente toda que não existia cá. Os estrangeiros fugiram pá... os turistas desapareceram.

e2: Como é que desapareceram por causa do pessoal?

e: Sim, e tal...

E: Mas nota-se que ainda há muitos estrangeiros a fazer turismo aqui, ou achas que não?

e: Agora não, as coisas começou a retornar aos poucos, depois começou a recuperar, agora tem estado a recuperar né...

e2: Não há estrangeiros? Agora é que há estrangeiros...

e: Agora já há, mas perdeu muito a seguir ao 25 de Abril Quarteira

E: Mas foi após 25 de Abril que começou a vir os estrangeiros para cá?

e: Não, vieram os retornados arruinaram Quarteira, depois é que começou a reparar um bocado né, recuperar porque já estava forte.

E: Mas quando falas que arruinaram Quarteira, arruinaram em que sentido?

e: Porque havia menos turismos, havia casas que fechavam porque não tinha clientela.

e2: Não tinha turistas? Isto não tem nada a ver. Este é que é de Quarteira não é este. Este senhor também é de Quarteira e pode te explicar.

e3: Este não é daqui este é do interior.

E: E o que o senhor, o que pensa das transformações que Quarteira sofreu nestas últimas décadas?

e4: Eu não sou de Quarteira, eu sou de Angola

E: De Angola?

E: E a quantos anos o senhor está aqui?

e4: Este é poeta, é artista... esse.

E: O senhor veio de Angola a quanto tempo?

e4: A 35 anos. Eu não conheço nada disto hum...

e5: Este é que é, este senhor não tem nada...

e3: Há 50 anos... nós estivemos em Angola também muitos anos, e que não é de cá... Opa, os de cá foram todos, migraram todos, só agora é que começaram a voltar.

E: E desde quando estão a voltar?

e3: Nos últimos anos, a maior parte deles nos últimos anos... Já quase na reforma, pronto vieram para cá. E portanto, um ou outro que vivia cá (pausa) Isto é quase tudo reformados. Este senhor esta cá há uns anos mais não é de cá, não é daqui. Agora este senhor sim.

e: Olha estão aqui 3 ou 4 só, o resto é tudo de fora.

e5: Ele não conhece nada de Quarteira este senhor... ele é da Serra e não conhece...

e2: Não liga a nada que ele está a dizer... que havia muitos hotéis a 30 anos

e5: Ele não conhece nada de Quarteira este senhor...

e: Agora é que há menos, que há menos que os retornados destruíram isto.

e6: É verdade... é verdade...

e: E Quarteira só faliu por causa dos retornados

e6: os turistas deixaram de vir

e7: Deixaram de vir por causa do custo de vida

e6: Ai meu Deus, ai hmm...

e8: Isto é para televisão é?

E: Não é apenas um estudo para a Universidade

e7: Cala-te... isto não se diz

e6: Ai... não.

e2: Antigamente iam todos para o Norte né, isso era uma terra de pescadores. Então, quase todos iam trabalhar para o Norte. O pessoal antigo daqui, ligado a pesca trabalhavam no Norte, Matosinhos, Nazaré, por aí. Portanto, a viver cá são muito poucos e... (Pausa) Isto era meia dúzia de casas, isto era pequenino; por exemplo, daqui para lá não existia nada.

e: Discotecas havia, foi o 25 de Abril que partiu, agora o que há?

e2: Ele só quer discotecas...

e3: Este sim, este pode dar uma ideia

E: (risos) Então me diz, como era Quarteira?

e8: Isto é para quê?

E: É um estudo para a universidade, eu sou estudante de mestrado da Universidade de Coimbra, e estou a estudar a cidade de Quarteira

e8: A evolução de cada terra não é?

E: Sim, eu estou a estudar as transformações nos últimos anos na cidade de Quarteira, de 40 anos para cá.

e8: Bem de 40 anos para cá Quarteira começou a evoluir em 70, após 1970 Quarteira começou a evoluir.

e7: de 75... foi depois de 75

e8: Ou falo eu ou fala você (risos). A partir de 1970 Quarteira evoluiu consideravelmente, nomeadamente com a abertura de Vilamoura e com a marina de Vilamoura, começou a haver uma grande evolução. Até aí, se quiser também posso explicar; mas pronto, ficamos por aí. Depois houve uma estagnação, uma estagnação após 25 de Abril; passado 3 anos arrancou para o que é hoje actualmente. Que não havia mais isto ou mais aquilo, podemos dizer, do ponto de vista social e recreativo nós tínhamos 3 salas de convívio e recreativo; para dança e para aquilo...nomeadamente, estas aqui era uma delas, e tudo isto se perdeu.

E: Mas isto havia antes de 1970?

e8: Exactamente.

E: Então achas que Quarteira perdeu convívio, perdeu um pouco de suas manifestações culturais locais?

e8: Precisamente, Quarteira perdeu muito localmente, embora que Quarteira seja um potencial em termos de finanças. Quarteira actualmente é a freguesia do concelho de Loulé com mais potencial. Tem pelo menos metade do orçamento das finanças do concelho de Loulé são da freguesia de Quarteira, porque Quarteira não é só Quarteira, Vilamoura é Quarteira, contrariamente daquilo que as pessoas pensam.

E: Mas Vilamoura é um projecto cuja gestão é realizada por uma empresa privada, não é?

e8: É um complexo turístico com o nome de Vilamoura numa empresa que antigamente se chamava Lusotur e hoje é a Lusort.

E: Mas é uma empresa de capital privado?

e8: É uma empresa privada, isto não quer dizer que esta mesma empresa não esteja inserida na freguesia de Quarteira, é precisamente isto, é território da freguesia de Quarteira.

e3: Foi criada por Miranda...

E: Então considera Vilamoura fundamental para o desenvolvimento de Quarteira?

e8: Em parte, mas não deixa de Quarteira ter os seus méritos mesmo na altura da pesca, nós contribuíamos consideravelmente em Quarteira com a pesca, porque nesta altura os pescadores descontavam para a câmara municipal de Loulé 3% da venda do pescado aqui em Quarteira, hoje isto já não existe, no entanto existia neste tempo, contrariamente o que as pessoas dizem que Quarteira não contribuía para o concelho de Loulé. Isto era um grande potencial e continua a ser. E hoje, actualmente, pois evidentemente no ramo do turismo somos um potencial do Algarve, mal aproveitado.

E: Então, achas que o projecto de cidade focada num desenvolvimento através do turismo, aqui executado, foi um bom plano para a cidade? Pensando mesmo... nas construções e nas alterações que a cidade sofreu?

e8: No meu ponto de vista, eu não posso me referir de um ponto de vista global, das outras pessoas, no meu ponto de vista foi mal aproveitado.

E: Por quê?

e8: Porque se nós vemos tudo em ponto turístico tentamos aproveitar de maneira a que dê acesso a todas as pessoas; aqui não foi. Aqui fizemos um muro a beira-mar e o resto esqueceu-se, nós temos um muro a beira-mar, fizemos um muro a beira-mar, logo, foi mal aproveitado. E para além disto, em vez do que se fazer como faz os outros países, as partes públicas, a beira-mar, para o aproveitamento também dos turistas, fizemos a parte privada. Porque hoje aqui há apartamentos e o que há de público é muito pouco, contrariamente como já visitei o sul de Espanha e Vês que no sul de Espanha com muito menos área, com muito menos condições do que nós estão muito melhor aproveitados, porque têm a parte pública, são os hotéis, são os grandes empreendimentos hoteleiros que estão a beira-mar, aqui não.

E: Estás a me dizer que foi privilegiado a sector privado em detrimento do público?

e8: Foi privilegiado os oportunistas que apareceram aqui, chamamos nós cá em Quarteira os Quarteirenses de pára-quedistas.

E: Os pára-quedistas?

e8: Os pára-quedistas que caíram em Quarteira e que... não posso dizer as verdades todas (risos) considero os pára-quedistas. Costumamos a dizer que os pára-quedistas as únicas coisas que deixaram cá foram as moscas. Pronto, agora tire as relações que quiser.

E: E quem são os pára-quedistas? são os estrangeiros, ou são outros, quem são?

e8: Não, foram os empreendedores da zona Norte. E não digo mais, isto há uma fita e depois...isto é gravado e depois é escrito, n digo mais nada.

E: Mas segundo dados que tenho Quarteira recebeu muitos estrangeiros, mais de 30% da população residente advém de outro país, o que pensa sobre este facto?

e8: Não é estrangeira, isto é, talvez seja mais do que isto. Grande parte da população de Quarteira foram pessoas derivada da evolução que Quarteira esteve nestes anos, vieram para cá trabalhar, e encontraram em Quarteira um posto de trabalho, como muitos daqui foram para o estrangeiro outros vieram para aqui. Foi isso que levou a que grande parte da população Quarteirense seja hoje originada de outras terras. Mas isto sempre existiu, não se esqueça... Quarteira foi sempre uma terra que recebeu muitas outras pessoas vindas de outros sítios.

E: Mas mesmo antes de 1970?

e8: Mesmo antes dos anos 70, eu sou Quarteirense e meus avós paternos são de Vale Gama e maternos são de Vale de Deus.

E: E onde fica Vale de Deus?

e8: Fica aqui, fica no concelho de Loulé também, eu estou a falar dentro do concelho de Loulé, eu sou da parte do meu pai, sou originário de Loulé.

E: E o que considera ser os principais problemas da cidade de Quarteira hoje?

e8: O ordenamento de trânsito, uma das coisas yah... jardins para que haja convívio, há falhas no interior da Quarteira que deveriam ser muito mais vistas e não são, hoje actualmente só visitamos a beira-mar, os turistas que cá vêm... esquecemos do interior, e há um bocadinho de falhas no interior; e são estas as grandes falhas que existem, e muito mais investimento em Quarteira.

E: Mais investimento no sector público?

e8: Precisamente, muito mais investimento relativamente a que os impostos que a freguesia de Quarteira contribui as finanças devia de ser muito mais contemplado, de longe muito mais contemplado e melhores autoridades políticas porque não olham de maneira... olham para a sede do concelho e não olham para Quarteira que é a árvore que dá frutos, eles esquecem que um dia, os frutos, a árvore seca e não há alimento.

E: Se tivesse poder para transformar a cidade, o que faria, o que mudaria?

e8: Bem, eu sou um Quarteirense de corpo e alma, fiz 20 anos parte do sistema político de Quarteira passando por ser... inclusivamente membro de mesa, 1º e 2º secretário e presidente da assembleia, nunca quis dói fazer parte da junta de freguesia porque a minha vida não permitia. Haveria muita coisa a fazer, não vale a pena citar, digo, maiores investimentos no sector público em Quarteira.

E: Agora é verão, mas também estive a vir cá no inverno, e no inverno boa parte das pessoas que entrevistei estavam desempregadas, porque não há muito trabalho na época baixa, como os Quarteirenses se orientam nas épocas baixas?

e8: Exactamente, isto o turismo é hoje base fundamental da Quarteira, porque a pesca está um bocado mal. Agora, todas as pessoas que vêm para cá Quarteira, vem num sentido de ter um emprego na Quarteira, emprego este nomeadamente ligado ao turismo, mas há outro lado que é a clientela é muito menos... sabe-se que Quarteira mete aproximadamente mais do que o dobro dos habitantes normais durante o verão, e na outra época as pessoas ficam desempregadas e procuram o fundo desemprego, é essa a razão... há isto em todas as terras turísticas que passam isto, não é só em Quarteira, é precisamente isto. Mas porque há muitas pessoas que não só estrangeiras de outros países como pessoas de outras partes do norte que vêm para aqui viver, eu conheço pessoas que estão a 20 e 30 anos que hoje tem raízes aqui, que vieram para cá com 20 anos e hoje tem 50, já tem os filhos todos cá, já são todos Quarteirenses embora eles não sejam.

E: Então estás a me dizer que Quarteira é uma cidade composta por pessoas que vieram de todos os lados?

e8: Precisamente, precisamente.

E: E essas pessoas que vieram de todos os lados, acredita que vivem bem juntas? A relação entre diversos habitantes vindos de fora é "mais" pacífica ou há conflitos?

e8: Eu posso lhe dizer que a Quarteira foi sempre uma terra acolhedora de todas as pessoas que vieram para cá. Não fazemos entre A e B, agora temos que distinguir as classes sociais, há pessoas que querem se inserir numa classe social e com um regime daquilo que é imposto pelos índices sociais, e sem perturbar publicamente... no entanto temos pessoas mesmo cá, nascidas cá, que embora descendentes de outros e outros de cá que fazem perturbações públicas. Porque antigamente, posso te dizer que, antigamente não havia fechadura nas portas, isto no meu tempo de rapaz, já a bastante crescido; e hoje temos que ter algumas janelas um bocadinho mais fechadas. Isto não invalida que não é só em Quarteira, é por todo o nosso país, é essa a razão. Agora, que existe em Quarteira um mal ambiente, não existe um mal ambiente, se nós vemos que em Quarteira temos um posto da GNR munido, e nas praças os postos, não temos uma no serviço público, logo, uma terra como esta que não tem uma autoridade, que não tem praças suficientes para andar a vigiar o público, e não perturbar como a menina vê, logo, é uma terra pacífica, que se pode viver.

e3: A maior tristeza de Quarteira está aqui, não tem lugar para conviver

e8: Já disse que faltam unidades públicas, já disse, que faltam unidades públicas na nossa terra. E isto que ainda hoje não nos olham com bons olhos, mas enfim... Isto não são problemas nossos, são das autoridades

E: E vocês não reivindicam junto a câmara mais espaços públicos para convívio?

e8: Eu podia ir muito mais além, mas não vou me abrir muito mais. Poderia e podem fazer muito mais, Quarteira ainda hoje ainda é uma terra que está um bocadinho esquecida, que só é lembrada pelas finanças, pelo poder monetário.

E: Gostaria que me falasse um bocadinho dessa imagem que é construída em torno de Quarteira como uma das regiões mais problemáticas do Algarve, sobretudo, pelo bairro que possui que é a Urbanização da Abelheira

e8: Não é, pode ser que... o chamado bairro de pescadores que nunca foi bairro dos pescadores.

E: Como era o bairro dos pescadores?

e8: Isto foi a vinda de várias pessoas do nosso país, acompanhada da evolução que existia em nossa terra e misturaram-se com alguns retornados. E não foram os retornados que vieram fazer este bairro da lata ou de pescadores como se costuma chamar. Ouve certos problemas acerca dito porque aonde se forma gueto a sempre problemas, não é só aqui

E: Mas queria entender como se formou esse gueto

e8: Vou atrás para explicar o bairro da Abelheira (risos). Ouve certos problemas lá e enfim, e resolveram fazer estes prédios na avenida. Ali já haviam problemas porque os jovens hoje tem 8 anos mas amanhã tem 18, e quando eles tem problemas aos 8 anos porque os pais não cuidam bem deles aos 18 anos tem muito mais, foi o que aconteceu em Quarteira. Juntaram esse mesmo bairro que não existia lá, e juntaram na Abelheira, e hoje há certos problemas na Abelheira e as autoridades sabem perfeitamente quem eles são. Sabem eles perfeitamente o Algarve da Abelheira, mas não tanto como se diz falar, há certos problemas aqui ou acolá, mas pontuais. Por exemplo, se nos formos para a Avenida da Liberdade e para a Avenida Almirante Reis e para alguns lugares em Lisboa nós somos assaltados e o fiador vai embora, aqui não aparece tanto disto, pronto, pontualmente aparece. E com a vinda do verão, todos estes ou alguns destes que estão lá vêm para cá, colaborar com os outros é isto que existe, mais ilusões para haver mais problemas.

E: Mas as pessoas que vivem em Quarteira vivem mais fechadas?

e8: Não, estão abertamente, inclusive há lá o centro de saúde é ali a 30 metros, não existe tanto como por aí se diz, diz se muito do bairro da Abelheira por isto e aquilo, há meia dúzia de jovens que se autoridades quisessem acabavam com eles todos, há meia dúzia pois há, jovens que saíram daqui a 7, 8, 9 ou 10 anos do bairro chamado bairro dos pescadores, que como bairro de pescadores só tinha o nome, essa coisa do bairro dos pescadores é um bocado... não é nada pescadores, claro que não... embora houvessem alguns que fossem pescadores. Isto é um nome muito carregado para a nossa terra, e estes que formam assim um bocadinho daquilo que se diz aqui em Quarteira, ainda a dois dias conheci um tipo que finalmente, há uma seitazinha que se juntam aqui, hora lá causam problemas e não só aqui em Quarteira. Quarteira não tem problemas de maior que se diga que é uma terra perigosa, confirmo que não, se as autoridades quisessem acabavam com isto hoje, mas não há vontade e falta de efectivos, a falta de GNR em Quarteira para se guardar um bocadinho mais, isto do ponto de vista de segurança, e a senhora pode andar aí a vontade, eu por acaso vivo aí perto da Abelheira e não, nunca tive problemas, estás a ver. Praticamente tínhamos em 1970 3 mil habitantes e passamos a 30 mil, e nesta altura é a cidade que mais existiu evolução no nosso país estes últimos anos. Posso dizer que em Quarteira existia unicamente uma farmácia e não podia estar aberta, na altura com o presidente da Junta Walter Espanhinho andávamos quase em porta em porta para que as pessoas se licenciassem

para conseguir atingir os 10 mil habitantes para que tivesse 3 farmácias e houvesse uma de serviço permanente durante todo tempo, e conseguimos, conseguimos; hoje temos farmácia aberta 24 horas, há uma farmácia sempre aberta e nestes anos mais recentes. Agora, o turismo evidentemente é a base fundamental desta terra, a pesca fracassou um bocadinho, embora ainda tenhamos bastante, um volume de pesca bastante significativo no Algarve, mas não como aquilo que permite já uma vida normal numa povoação de 30 mil habitantes. Se não é a maior, Quarteira é a segunda freguesia do concelho de Loulé. Volto a dizer que Quarteira, Vilamoura e Vila do sol é tudo freguesia de Quarteira, não separamos o trigo do jardim, Vilamoura hoje, actualmente é território de Quarteira.

E: E em termos de equipamentos, achas foi privilegiado os equipamentos dentro do complexo em vista da cidade?

e8: Primeiro, Quarteira falta mais autoridade, segunda tem falta de um serviço de saúde em condições, terceiro tem falta de espaços públicos e recreativos na nossa terra para que o povo de Quarteira e não só os Quarteirenses como as pessoas que nos visitam se sintam bem. Há lugar para toda gente de todas as comunidades desde que queiram entrar de bem, agora se marginais evidentemente não aceitamos. Há de se distinguir, eu hoje não distingo nem branco, nem preto nem azul, distingo sociedade. As pessoas são distinguidas pela sociedade pelo aquilo que se comportam e da maneira de como querem se posicionar no ponto de vista social, nós temos que viver em sociedade e em comunidade, logo se assim não for, se não forem marginais, e os marginais não são aceites, o meu conceito de estar na vida é assim. Agora se a pessoa é mais evoluída ou não, isto não vem por acaso, nem todos podemos ser evoluídos, nem todos podemos estudar, nem todos podemos chegar mais além. Há uma maneira de estar na vida.

E: E o que é preciso, na sua perspectiva, para que todos possam viver bem juntos?

e8: As condições são estas, é haver mais autoridade na nossa terra, é haver um sistema de saúde, e espaços para que todo a gente conviva com os outros, porque Quarteira vive-se muito nos cafés e isto não é saudável, não é saudável viver só nos cafés, a maior parte da comunidade e das pessoas o que é que tem? Pergunta-se, é deveríamos perguntar aos nossos políticos o que é que há para que as pessoas convivam? Nem todas as pessoas gostam de estar na praia, há diversas pessoas, diversas opiniões e diferentes formas que gostam de passar o seu tempo, e isto faz falta; os espaços de convívio para a população mais idosa sobretudo, porque as outras já estão muito ocupadas quem tem trabalho, marido e mulher e ainda tem os filhos para cuidar, estes já estão ocupados, as pessoas mais de idade evidentemente deveria ter mais espaços e que não existem como a menina vê. Mas se ainda se existissem jardins, espaços verdes, como eu tenho visto em certas terras do nosso país e que as pessoas estão numa mesinha na sombra de uma árvore a se distrair um bocado e a passar o seu tempo, aqui nem isto temos, as carências são brutais.

E: Ok, eu finalizo aqui a entrevista, muito obrigada pela vossa colaboração.

(Entrevista 3, Nuno)

E: Qual o seu nome?

e3: Nuno

E: Quantos anos tens?

e3: Tenho 37

E: Qual a sua ocupação?

e3: Trabalho essencialmente com tribunais

E: És mesmo de Quarteira ou vieste para cá viver?

e3: Não, vim para cá viver. Sou da zona centro do país, estou aqui a cerca de 10 anos.

E: E quando chegaste aqui em Quarteira, qual foi a sua primeira impressão, o seu primeiro contacto com a cidade?

e3: Não vim propriamente directo para a vila... Quarteira é uma vila um pouco...complicada, no sentido da comunidade em si. É uma vila que vive muito a base dos estrangeiros, o comercio funciona muito a base dos estrangeiros, então o próprio comércio foi se adaptando, a própria vila foi se adaptando neste sentido. O que eu acho em si, da vila em si... é uma vila de passagem, pura e simplesmente... para mim, para a minha actividade é uma vila de passagem.

E: Estás cá a 10 anos, e disse-me a vila foi se adaptando a entrada dos estrangeiros... e as actividades realizadas na vila, também está direccionada aos estrangeiros... há aqui uma imigração laboral e estrangeiros de "luxo" que são "residentes flutuantes" que possuem cá segunda propriedade... acredita que as actividades realizadas, o próprio comércio atende estes dois "tipos" de estrangeiros?

e3: Agente quando se dirige e falamos de imigração, não falamos apenas de imigração laboral, também falamos de imigração de um outro nível, que é a imigração de por exemplo duas zonas aqui das mais ricas do Algarve, que é a Quinta do Lago e o Vale do Lobo e Vilamoura; depois temos vale do Garrao e Ancão, nestas 4 áreas é onde residem o chamado turismo de qualidade. Ao fim ao cabo, são também imigrantes, mas são pessoas que portanto, procuram um outro tipo de serviço né. A vila de Quarteira desenvolveu-se não só no que tinha falado a pouco, da imigração laboral, como também da imigração de luxo, que são também residentes locais destas áreas que eu falei...mais ricas. O que acontece? Isso obriga a que a vila se desenvolva em certos e determinados factores. Se me perguntares, de a 10 anos para cá, se houve uma evolução.. claro que sim, em todos os aspectos: em vias de comunicação, em locais de comércio, em grandes superfícies comerciais, em tudo desenvolveu, claro que sim.

E:Em termos de equipamentos, e actividades realizadas por órgãos públicos, pela câmara, junta da freguesia... estas actividades estão direccionadas para um público específico... para esses estrangeiros residentes ou turistas sazonais, ou mais para os "outros" estrangeiros imigrantes laborais e locais portugueses?

e3: Não, eu acho que estas actividades são mais direccionadas para os locais residentes, também não há muito... se falarmos por exemplo na cidade de Loulé, que é uma cidade do concelho, é a principal cidade do concelho... aí sim, aí já promovem actividades também direccionadas a estes determinado público e a um outro público, que é o público que eu falei da Quinta do Lago. Quando falamos em actividades, falamos em actividades culturais, desde as igrejas com um certo tipo determinado de religião, tudo isso começou a preparar-se e hoje em dia existe...

E: Assim como as escolas internacionais?

e3: As escolas internacionais também começaram a desenvolver... portanto aqui em Quarteira fica em Vilamoura, mas há outra em Almancil que é aqui ao pé, e está neste momento a estruturar a abertura de uma nova escola, aliás ela já existe ali no caminho para o Vale do Lobo...

E: É para esse público-alvo?

e3: Exactamente, é para esse público da quinta do Lago e Vale do Lobo.

E: O que acha da entrada da população estrangeira em Quarteira? Acha que contribuiu de alguma forma para o desenvolvimento da cidade, quais as problemáticas que surgiram após essas entradas?

e3: Olha Denise, aí... essa pergunta é um bocadinho complexa e a resposta mais complexa que a pergunta... porque a verdade é que... como se sabe, sobretudo a Europa está a passar uma grave crise económica, principalmente notável de três anos para cá, e a 2 anos para cá foi notória neste concelho... em todos num modo geral, mas mais aqui... O que é que acontece, se fizesse essa pergunta há 5 ou 6 anos atrás, eu dizia que sim, que foi compensatório, porque esse tipo de imigração tinha automaticamente colocação, neste momento não tem. E portanto, devido a grave crise económica, quer dizer, as pessoas tem que continuar a comer, a viver não é, é isto que se nota... tem um agravamento do crime, eu próprio estou ligado a uma actividade que trabalha neste sentido, um agravamento de processos de (?), que as pessoas não tem capacidade de pagamento das dívidas que contraíram quando podiam contrai-las; ninguém estava a espera de uma recessão tão forte e espontânea, que neste momento existe... e neste momento não é positivo porque algumas destas pessoas também recorrem aos subsídios mínimos, e que viciam-se nestas situações e depois não querem voltar ao trabalho e nem sequer procurar trabalho. Portanto não vejo ponto positivo neste aspecto, quer dizer... Eles estão cá e ninguém os pode expulsar.

E: Então com a crise a relação está a ficar conflituosa?

e3: Está conflituosa... aliás é público, se lermos os jornais diários e semanários, vemos que principalmente neste concelho, cada vez a mais crime, cada vez há mais roubo, os crimes aumentam né. Não estou a dizer com isto que seja só da comunidade estrangeira, atenção... o português também, também tem que viver.

E: Falando em termos de distribuição espacial, você acha que há mais uma mistura entre as comunidades ou estas vivem "mais" isoladamente?

e3: Há várias áreas no Algarve que tem mais tendência a formação de grupos... grupos por etnias, mas há outras, que posso dizer, como Faro e Olhão em que as pessoas se misturam, em que... há uma socialização de todas as etnias, em que as pessoas convivem na sociedade...

E: E aqui em Quarteira?

e3: Aqui estão um pouco mais divididas

E: Mas dividem-se entre comunidades estrangeiras e os locais, ou entre essas próprias comunidades estrangeiras, por exemplo, os brasileiros, os africanos, da Europa do Leste?

e3: Sem dúvida, estão divididos por nacionalidades.

E: E isto é visível na cidade?

e3: Eu não vejo um Romeno ou Ucrâniano misturado com um Angolano, se calhar eu chego lá a frente e tem 10 angolanos e a mais 10 metros tem mais 10 Ucrânianos.

E: E há locais de encontro na cidade que estes grupos costumam frequentar? Poderia me apontar?

e3: Um deles é este que aqui está... que frequentam muitos da Europa do Leste, assim como aquele do outro lado da rua... depois há outros sítios como ali mais a frente, bem perto daqui há um café onde tem fama de juntar pessoas africanas, se é bom ou mal eu não sei porque eu nunca lá entrei, mas os vejo sempre a porta... eu não sei se lá vai outro tipo de pessoas, de outras raças, mas é usual vê-los ali. Sim, estão divididos por locais.

E: Esta última questão também é um bocado complexa. Numa perspectiva geral, no seu ponto de vista, hoje, você acha que esta intensificação do contacto entre as culturas e pessoas de diferentes nacionalidades... neste caso, no caso de Quarteira, tem contribuído para uma maior e melhor "tolerância", "conhecimento" e "convivência" entre pessoas de culturas distintas?

e3: Tentando responder a esta pergunta da melhor forma, eu vou satirizar um bocadinho... costuma se dizer: "numa casa onde não há pão toda gente berra e nenhum tem razão". Hora bem, quando as coisas correm bem, como lhe disse a pouco, as pessoas são absorvidas pela sociedade e interagem em comunidade, em uma só comunidade. Quando as coisas correm mal, que é o caso neste momento, corre mal em termos de mercado de trabalho... tende a surgir uma menção do português residente em relação a este tipo de pessoas... Não se trata se são boas ou más pessoas, porque em Portugal também há boas e más pessoas, há em todo lado e é óbvio que quando as coisas não correm bem... há uma tendência de agudizar um bocadinho as relações pessoais entre as pessoas...de género de... posso utilizar um exemplo bem concreto: imagine que numa empresa que trabalham 10 pessoas, e que esta empresa tem necessidade de desistir de algumas delas, imagine que são 5 portugueses e 5 ucranianos, há sempre a tendência de dispensar as pessoas que não são portuguesas... Não posso chamar de racismo, não é isto... porque ao fim ao cabo, se os portugueses estiverem no Brasil ou um Romeno no Brasil, se calhar há esta tendência... primeiro os outros e depois as pessoas de cá, o que as vezes, desculpe a expressão, é uma estupidez... porque pelo facto de uma pessoa ser estrangeira não quer dizer que não possa ser um melhor trabalhador, um melhor funcionário em todos os aspectos. Eu pessoalmente não...não lido com esse tipo de parâmetros... eu vou pelas pessoas que eu...que melhor me servem, que mais confiança me dão no trabalho...aliás, o caso dele, já trabalha comigo vários anos em vários serviços, e estou satisfeito com ele... e já me passaram muitos portugueses pela mão...e se me permite a expressão, e foram ficando para trás. Agora a verdade é esta, também não o vê aqui misturado em grupos, sentado aqui toda tarde a beber cerveja. As pessoas também têm que mostrar um bocadinho para que a aceitação delas próprias, pela comunidade... também seja mais evidente né... e mais fácil, e acho que já respondi a pergunta.

E: Ok, eu finalizo por aqui. Muito obrigada pela sua colaboração.

ENTREVISTA PRESIDENTE JUNTA DE FREGUESIA QUARTEIRA

(Sr. José Coelho Mendes)

E: Bom dia Sr. José Coelho Mendes, actual Presidente da Junta de Quarteira. Gostaria que o Sr. Presidente me falasse sobre a história da cidade de Quarteira, seu desenvolvimento e crescimento nas últimas décadas?

e: Bom, Quarteira é uma cidade que tem se desenvolvido desde os anos 61, tem crescido demograficamente, tem crescido a nível de ofertas, essencialmente trabalho... neste sentido teve um crescimento constante. Nos anos 60 inicia-se o princípio do turismo no Algarve, e Quarteira passou desde logo ser uma zona de destino de turismo na Europa.

E: Quarteira foi então uma das cidades pioneiras na implementação do turismo em Portugal?

e: Nesta altura era uma aldeia que foi crescendo, criou primeiro restaurantes, depois hotéis. Nos anos 70 começa o plano de urbanização de Vilamoura, e a partir daí não parou mais de crescer, e tem crescido constantemente. Logicamente, com o crescimento de equipamentos houve um crescimento da população, oferta de trabalho, com o 25 de Abril, dá uma passagem, um marco histórico de Portugal; penso que portanto, um regime democrático e que há uma abertura maior do mundo, a seguir aparece a entrada na CEE, também mais uma abertura para toda a Europa, e os países de expressão portuguesa também; o caso do Brasil, que há acordos especiais horizontais, o que dá possibilidade de entrada e saída nestes dois países; e daí se deu o grande crescimento da cidade de Quarteira. Nós passamos a vila e a cidade a poucos anos.

E: Acreditas então, que a entrada do sector do turismo como especialização da economia, combinado com as conjunturas políticas; foram factores de atracção de capital humano para a localidade?

e: Com certeza, quer dizer, o turismo é no momento é aquele que mais pode destacar aqui. Porque o turismo acaba por ser a indústria que move todas as indústrias; a indústria da construção, a indústria da hotelaria... portanto acaba por desenvolver tudo. Não pode haver turismo se não há bons restaurantes, se não há hotelaria, se não houver transportes, se não houver uma série de serviços, comércio; porque tudo isto faz parte do turismo. Porque uma pessoa não vai fazer turismo só por ir a praia e prescindir de todo o resto. Tem que haver um aeroporto em condições como há aqui a 17 km, tem que haver uma boa marina, e nos temos umas das melhores da Europa; tem que acessibilidades (de estradas), mas tem que haver hotéis, tem que haver zonas de lazer, tem que haver tudo isto. Portanto, e tudo isto emprega pessoas, ao empregar pessoas as pessoas procuram outros destinos aonde há mais oferta de trabalho. Basicamente não vão a procura de emprego no meio do Alentejo onde não se produz praticamente nada. Procuram estas zonas do turismo, Quarteira, Albufeira, Portimão, Tavira que neste momento também está com algum crescimento; mas aí o coração do Algarve, portando... Quarteira, Albufeira, é as zonas de maior crescimento.

E: A respeito do Complexo de Vilamoura, é uma propriedade estritamente privada, ou a freguesia possui algum tipo de cotas??

e: Vilamoura é uma estância turística; portanto, é uma propriedade privada, neste momento há praticamente tudo vendido e está integrada na freguesia de Quarteira; ela faz parte da freguesia de Quarteira, o seu território... o território de Vilamoura é parte da freguesia de Quarteira. Só que é uma organização privada, neste momento esta com capitais de 51% que é da Câmara, municipais... Portanto, parte da gestão daquela jurisdição já é camarária. Há uma empresa chamada Intramuros que está a gerir as infra-estruturas daquela jurisdição, há uma "partagem" para a integração do município.

E: Então há um plano para essa integração?

e: Sim...Sim

E: Os equipamentos urbanos construídos em Vilamoura, são financiados com capital municipal?

e: Também com capital da autarquia, como no caso de Vilamoura, Vila do Sol... que faz parte da junta da freguesia.

E: Segundo os dados disponibilizados no PORI 2008, Quarteira foi umas das freguesias que mais cresceu na região, e actualmente mais de 30% dos residentes são estrangeiros, o que considera ser os factores de atracção desta população para a cidade?

e: Eu penso que em primeiro lugar é a oferta de trabalho, penso que está por aí... depois por ser uma zona central, e também pela oferta de alojamento, nós também temos aqui bastante alojamento. Estes três elementos são o suficiente para as pessoas se fixarem. Por outro lado, é já um hábito da população de Quarteira receber bem as pessoas, qualquer outra população. Nós temos... uma pesquisa que fizemos, um inquérito para saber quantos países estavam cá, que tinham passado por Quarteira, e há 43 países a residir em Quarteira, 43 nacionalidades diferentes. Isto é algo fora do normal. Nas escolas chegam a ter 23 países diferentes. A pouco falávamos que efeitos isto tem, da imigração numa cidade como Quarteira? Eu penso que tem trazido grandes efeitos, e no meu ponto de vista positivos; a partes negativas, mas acho que no contexto geral há partes positivas: culturas diferentes e que tem se associado. Nos temos no verão aqui uma festinha que chama "Entrecomunidades", e vê-se o esforço que é feito da comunidade estrangeira para mostrar o trabalho deles, a ligação que existe com a comunidade Portuguesa e tudo isto... portanto, isto é positivo. Por outro lado, no aproveitamento das escolas, nós de vez em quando procuramos saber como está a avaliação dos alunos estrangeiros em comparação com os alunos portugueses; e eles têm um comportamento excelente, tem avaliações muito boas dentro das escolas portuguesas. Isto é um sinal que trás nota positiva, acabamos por ser um povo multicultural, em que conseguimos conviver com outros povos, e sem qualquer problema. E penso que as pessoas se integram com facilidade em Quarteira.

E: Então você acredita que essa intensificação do contacto entre diferentes culturas, de uma cultura a favor da diversidade?

e: No meu ponto de vista é uma cultura favorável, em que torna-se positiva. São hábitos que cada região tem, e nós quando nos juntamos com outras regiões vamos apanhar os hábitos, conhecer hábitos diferentes... e tudo isto é positivo. Amizades que geram entre pessoas de Quarteira, com pessoas que são do Brasil, ou que são da Ucrânia... Moldávia, Bélgica... qualquer um destes países. A amizade é sempre positiva, e é isto que torna-se a cultura dos países; é uma maneira da cultura brasileira se integrar, da cultura do leste se integrar

E: Mas nota-se em Quarteira uma mistura destas diferentes comunidades? porque viver no mesmo território não quer necessariamente dizer que há uma proximidade, ou não? Você nota em Quarteira, um cruzamento, relacionamento, proximidade entre as comunidades incluindo a comunidade local?

e: Penso que em parte, que não se relacionam todas mas em parte sim; há sempre umas que se relacionam com outras. Vê-se o trabalho, há portugueses, brasileiros, africanos; vão ao café juntos, tem amizades juntos, acabam por ir de férias juntos... portanto, já há uma ligação. Sei de pessoas portuguesas que vão ao Brasil visitar pessoas que conheceram cá, e vão lá passear com eles. Acho que é positivo, é sempre positivo. Aliás, o povo português tem uma experiencia muito grande nisto. O povo português foi um povo colonialista, passou pelo Brasil, deixou lá muita família brasileira, há uma amizade com o Brasil que nunca se rompeu. Passou por Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé... estes países todos. Há uma ligação, continuamos a ser bem recebidos lá; é um sinal que o povo português tem sabido cultivar aquilo que é dele, e se

integrar também com os outros países. Eu quando vou de férias gosto de ir para lugares com expressão portuguesa, porque tenho dificuldade com a língua estrangeira, e o que é certo é que somos sempre bem recebidos; e isto é uma nota positiva... 500 anos de colonização nós continuamos a ser bem recebidos; portanto, isto é positivo. A relação que existe aqui tem haver talvez, eu penso que seja isto... os hábitos dos portugueses, de agente tentar agradar sempre o outro, nós tentamos ser disponíveis para ajudar o próximo, prestar sempre um auxílio...

E: Com relação aos portugueses, aos locais daqui de Quarteira. Eu fiz algumas entrevistas, aos estrangeiros e a alguns portugueses de Quarteira; e nos discursos... muitos falam sim da diversidade e do lado positivo disto, mas também houve discursos corriqueiros que diziam que esta intensificação, ou seja, como ocorreu um fluxo grande de entrada de estrangeiros/imigrantes... com o agravante da crise, da falta de trabalho, começa a haver muitas pessoas digamos... "desocupadas", e começam a falar dos imigrantes com uma "carga pejorativa". Há um discurso que acentua o aumento da criminalidade, dos "novos problemas sociais" que supostamente originaram com estas entradas. Fora isto, me apontaram alguns bairros sociais ditos problemáticos, como o Abelheira e Ighape. Queria que você me falasse um pouco mais sobre isto, deixando de lado apenas os aspectos positivos mas também de modo a incluir os possíveis problemas que podem surgir com a intensificação, se é que realmente acontece.

e: O caso de Abelheira tem haver com o 25 de Abril, com a disponibilização que foi feita... não quero dizer que foi mal... bem, se calhar não fica bem, mas penso que não foi a melhor forma, as coisas não foram feitas como deve ser. E acabaram por tirar as pessoas do seu país, dos seus hábitos normais, da sua tradição e enfiaram num país que é muito diferente. E foram famílias que não conseguiram integrarem-se na cidade. E então daí, estas pessoas tem vivido numa situação económica difícil, o que bastou para as famílias e seus filhos que nasceram cá e foram cá criados, também não tivessem hábitos de vida normais. Depois de estarem todos juntos dentro de um bairro único.

E: Desculpa interromper... mas antes de viverem na Abelheira viviam aonde?

e: No bairro de pescadores, no bairro da lata...que era bem pior. Portanto, isto tem a ver com a educação que eles levaram, os hábitos, e que não foram acompanhados devidamente durante uma época. E então, criaram hábitos que hoje são muito difíceis de alterar. Estamos a trabalhar com os mais pequenos, os mais jovens... mas os mais velhos, foram criadas famílias sem sustentabilidade, e aonde há insustentabilidade aparecem os vícios.

E: E há algum tipo de trabalho que a junta faz com esta população?

e: Não, não é a junta que faz... quem faz é a "sucursal", é a câmara que está a trabalhar nisto. Há um projecto que está a trabalhar, que é do programa escolhas, que terminou mas agora há um programa financiado pela câmara através de uma associação que é a Dinâmica, que estará lá para trabalhar mais um ano, e depois quer conseguir novamente uma candidatura no Escolhas. E o que eu posso dizer é que começa a ser uma nota positiva a estes jovens que estão a ser beneficiados. Mas isto aconteceu aqui em Quarteira por esta razão que eu expliquei, mas temos isto em todo mundo. Vamos ao rio e está lá população nos guetos e são brasileiros, não estão lá os portugueses e nem os ucranianos. Há aqui, em Setúbal, em Lisboa, há no Porto... em todas as zonas há.

E: Quando é que saíram do bairro de pescadores para a urbanização?

e: Saiu em 97, era em frente aqui a praia... era uma praia que estava ali, não estava vedado, não estava tratado e as pessoas começaram a fazer barracas ali... após o 25 de Abril... isto é tudo nosso, e começaram a fazer barracas, barracas, barracas... uma do lado da outra, e pronto; criou-se um problema.

E: E havia conflitos entre a população local e estes que chegavam e ocupavam?

e: Não, não há conflitos... muito poucos conflitos... conflitos normais, não vamos por este ponto, este não é o problema. Foi apontado ainda a pouco, o facto da integração...

dos vários grupos, de uns darem com os outros... Há sempre pessoas que gostam de viver isoladas, e que não convivem com outras; isto há em todos os lados, no próprio cidadão local isto acontece, há pessoas que gostam de viver sozinhas... não conviver com outras, isto com pessoas que vem do Brasil, da Ucrânia, da Roménia ou de qualquer outro país. Gostam de viver com os seus amigos, os seus grupos restritos. Pronto... mas eu acho que elas se integram no trabalho e fazem a sua vida... e nas escolas, na educação, que eles começam a ter amigos... um sai com o outro. Há um convívio no trabalho, mas depois chegam em casa e cada um toma o seu caminho. A outro caso que falou que foi a questão da criminalidade... é... é certo que quando as pessoas que entraram num país, de portas abertas como o nosso, foi muito complicado principalmente as do Leste... e que... o factor social contava muito, trabalhavam para a sobrevivência, com situações muito complicadas, muito pior do que a nossa... Hoje, vem para cá, não trem trabalho... ou estão habituados a trabalhar em sistemas deles... e vão continuar a trabalhar: roubos, assaltos e por aí dentro; tal como os que vem do Brasil ou mesmo de Portugal. Nós sabemos que existem pessoas que trabalham em esquemas e que há outros que pensam no dia de amanhã; pensam em estudar, isto faz parte da vida de uma pessoa, da maneira de ser da pessoa e a educação que teve, que tem hábitos familiares correctos, há uma grande parte que não tem esse hábito correcto. Portanto daí que eu digo, ser branco ou ser preto, não é isto que conta. Portanto, onde há uma grande população, está mais sujeito a vandalismo do que uma pequena cidade, certo? Comparar Quarteira com uma aldeia aqui de perto, não dá comparação. Quarteira é uma cidade que tem aqui 30.000 habitantes (dados demográficos incompatíveis ??), é lógico, 30.000 habitantes, de quarenta países diferentes, é lógico que de vez em quando aparece uma cena de pancadaria, e por aí além... Portanto...

E: Portanto, no que diz respeito a actividades, que tentam buscar algum tipo de aproximação seria apenas este projecto "entreculturas"?

e: Entreculturas sim, este projecto que os está ligando mais... e... nas escolas, nas escolas todos os anos o tema é justamente este entre culturas, onde se vê desde a etnia cigana até as outras etnias todas, isto a serem representadas... é muito engraçado.

E: E é participado por todas...

e: É participado por tudo, por todos os grupos, os pais... portanto, toda agente se reúne... vê-se coisas fabulosas feito por imigrantes. O melhor aluno da nossa escola não é um português... é um chinês. (risos)

E: Ao falar das marcas, das influências trazidas pelos estrangeiros... Supondo que os estrangeiros carregam traços identitários, e quando num outro ambiente de uma certa forma, podem apropriar-se dos lugares, e jogarem sobre este novo lugar as suas marcas... você saberia me apontar alguma influência ou marca destes estrangeiros que seja visível na cidade?

e: Eu não posso apontar nada mas eu acho que sim, acho que... isso é uma mais-valia. Repara, o mundo é feito concorrência hoje, é global e há uma concorrência brutal... e há uma concorrência em todos os sentidos, é uma concorrência no trabalho, na maneira das pessoas se apresentarem, no vestido, na maneira de se compor... há uma concorrência... e quando alguém nota numa outra pessoa, por exemplo: a população brasileira é uma população muito expressiva, gosta de falar, gosta de festa, gosta do churrasquinho...gosta disto, gosta daquilo. Impõe uma dinâmica comercial... uma dinâmica...na actualidade que é positiva, o convívio. O pessoal do Leste, tem outra maneira de se apresentar, um pouco diferente, são um pouco mais isolados, mas também teu o seu ritmo... já tem cargos cá, empresas cá e... são concorrentes com os portugueses, são concorrentes com os brasileiros. Isto obriga que o povo português, que estava acomodado também... chega o povo brasileiro com uma actividade diferente, o povo do leste também com uma força diferente... e o português é puxado, ter que se habituar a situação e ter que se impor aquilo. Portanto, neste sentido acho que portanto é

positivo... há quem conte como negativo, mas eu não conto como negativo... eu conto como positivo.

E: Não necessariamente uma actividade cultural, deixando um pouco de lado o entre culturas; há alguma política local de apoio ou incentivo a diversidade? Ou que trabalhe com a população estrangeira?

e: A nível autárquico não temos nada que trabalhe neste sentido. Não temos nenhum programa nem nada disso. Geralmente é feito pelas escolas, há uma associação aí... a Apalgar, que dá apoio, faz uma festa de encontro entre as comunidades e por aí adiante. Há uma outra associação que é a Doina, que faz várias actividades aqui em Quarteira e com o banco do tempo também... portanto, há aqui uma ligação... que faz qualquer coisa... e neste sentido, estamos a passar por esta crise toda, se calhar é altura de começar a conviver mais... (pausa longa), o problema é que o turismo está em queda, não é.

E: E no momento actual está a ser sentido muito esta queda?

e: Acho que vamos ter muitos anos aqui de crise. Vamos porque o sistema económico mundial está em baixa, e estando o sistema económico em baixa há outros destinos. O destino de Portugal começa a ser um destino um bocado (pausa), e então daí que, é natural que aquela grande fluência que havia para as obras, mais construção, mais construção, está parado. E há uma parte da imigração que terá que voltar aos seus países. Também estou convencido que, há alguns países, no caso de Angola que pode começar a crescer e parte da população que está cá de origem angolana possa voltar a sua terra, e deixe mais lugares livres. Também estou convencido que a economia brasileira possa também começar a dar muitos frutos, e que comece a desenvolver-se também que há uma zona turística muito grande, e que possa começar a ter atractivos turísticos e começa a desenvolver toda aquela costa. É um mundo, o Brasil é um mundo, é um continente...portanto...é capaz também de começar a fazer muita coisa lá, e ser um destino turístico concorrente com a Europa, e é neste momento um destino turístico. mas que se possa fazer muito mais coisa bem, e parte da população que está cá a viver brasileira possa voltar a sua terra e... tornar-se lá independente, e puxando aquele país para a frente. Por outro lado há também os países do Leste, no qual também temos cá muita imigração, que também estão a atingir já um sistema normal, na segurança, que é o que interessa mais, é haver estabilidade... estabilidade política e que também parte deste imigrantes que estão cá possam divertir-se, até que isto fique estabilizado... portanto, para os portugueses que estão cá vivam bem, e alguns imigrantes que também ficam cá vivam bem.

E: E caso isso não acontece de forma tão "coerente" assim? Acredita que possa aumentar os conflitos entre população local e os estrangeiros imigrados? Muitos dos discursos que ouvi durante as entrevistas que fiz referia que não tinha trabalho.

e: Exactamente, se não temos trabalho temos que regressar a terra não é, porque...

E: Mas estava a referir-me aos portugueses...

e: Exactamente, se há oferta de 100 postos de trabalho, mas se há a procura de 500 postos de trabalho, só dá para 100 os outros 400 ficam de fora. Mas se houver só 150, fica só 50 fora.

E: Mas o governo local começa então a pensar em alternativas caso os imigrantes não voltem?

e: Eu penso que é um sistema que se faz por ele próprio, não é o próprio governo que tem que fazer isto. Hoje, portanto...a concorrência é uma correnteia aberta, todos os países. Hoje... nós temos uma rapariga que está a trabalhar aqui, que procura trabalho em outros países... em Albufeira, em Lisboa, em outro sítio. Hoje quem está a procura de trabalho tem que circular, acabou aquela história que "eu vou trabalhar em Quarteira e vou ficar aqui o resto da vida"...não dá; o sistema não funciona assim... e é mau, é mau para as famílias, porque repara; você tirou o seu curso, ou vai acabar o seu curso, e vai

querer formar vida, ter uma família, ter a sua casa, e agora vou ter um emprego, vou ganhar x, e aí vou ter uma receita que me dá para comprar um apartamento ou uma casa e vou instaurar. O problema que eu vejo aqui é que hoje ninguém tem um emprego garantido, e você compra uma casa e no mês seguinte e vai a borda do seu patrão e ele diz que você nem tem mais emprego, tem que procurar outro sítio, e o outro sítio você tem que ir para o Porto, e no Porto você vai comprar outra casa? Portanto, esta é a parte negativa daquilo que se está a passar neste momento. Esta é a parte negativa que está a prejudicar as famílias.

E: Então agora é a minha última pergunta, só para finalizar, se pudesse me apontar alguns pontos, do que considera necessário para todos nós vivermos bem juntos no mesmo sítio?

e: É muito complicado, muito complicado porque em primeiro lugar... o que seria bom, para se viver em comunidade seria todos terem direito a educação, e no final terem o emprego garantido; portanto, formar uma vida, uma família e garantia de trabalho. Mas no sistema que estamos neste momento, este caso fica cada vez mais difícil. Portanto... voltando uns passos atrás, e pensando bem no futuro... na estabilidade das famílias, porque isto tem que haver uma estabilidade, enquanto não houver uma estabilidade, não há... não se gera mais empregos, não gerar empregos tem haver com muita coisa; tem a ver com aquilo que disse a pouco, que era você poder acabar o seu curso, arranjar um emprego, comprar uma casa e poder pagar, comprar um carro e saber que pode pagar... tas a ver. Portanto isto está gerando empregos, cada casa que se vender é um trabalho que foi arranjado... muitos trabalhos, uma casa leva algum tempo para ser construída e há desenvolvimento, há desenvolvimento económico, excepto quando isto chega num limite n; é, se nós somos 10 milhões não precisamos de 20 milhões de carros, certo? Tem um limite, mas ah... meu ponto de vista seria isto, haver uma estabilidade social, e uma estabilidade na vida e no emprego; sem isto é muito difícil.

E: Ok, muito obrigada pela sua disponibilidade.

ENTREVISTA ASSOCIAÇÃO DE ESTRANGEIROS

(Entrevista DOINA – D. Elizabetta)

E: Qual o seu nome?

e: Elizabetta

E: E quanto tempo está aqui em Portugal?

e: 10 anos, desde 2000

E: E como é que foi a sua vinda para cá? Por que deixaste o teu país, o que te motivou?

e: Não foi realmente a minha vontade, tinha acabado de casar e o meu marido sempre trabalhador fora da Roménia, neste caso, então, a minha mãe disse: casas-te e agora vais atrás do teu marido, então viemos os dois. Estava aqui um amigo do meu pai, que tinha uma empresa de construção e então viemos para a casa dele

E: E vieram directamente para Almancil?

e: Sim, viemos para Almancil... aqui perto, mas pertence a freguesia

E: E esse primeiro contacto, como foi chegar na cidade, na vila?

e: Para quem nunca tinha saído do pé da família, da mãe... foi um impacto um bastante forte, muita confusão, muito medo...mas acabou por passar, pouco-a-pouco o tempo foi atenuando.

E: E teve dificuldades com a língua, você já sabia português, aprendeste aqui?

e: Não, não sabia nada, nem pensar... eu aprendi enquanto estava a trabalhar e tirei dois cursos, no centro de emprego e formação profissional... de dia trabalhar e noite a frequentar o curso.

E: E quando chegou aqui em Almancil, como foi o primeiro contacto?

e: Aquele tempo ainda era difícil, a legalização não era como tem hoje, quando qualquer romeno pode se legalizar sem problemas... naquele tempo era mais escondidos...Mesmo que eu fiz o pedido de residência não tinha ainda resposta... não, naquele tempo não se podia dar a cara.

E: Mas nem com as pessoas?

e: Raramente, a integração não era grande coisa

E: E como surgiu a associação, o que motivou?

e: Era a vontade de ajudar, é sempre, através da experiencia que eu ganhei durante os anos, sempre ajudei os outros; então claro, eles ajudaram a sua vez, então comecei.

E: Então quando chegaste conhecia outras pessoas que te ajudaram?

e: Não, foi somente o amigo do meu pai... foi com o tempo que eu ganhei amizades... e o resto, mas não foi só com romenos, foi com outros imigrantes de outras nacionalidades. Era o grupo de mulheres com quem eu estava a trabalhar, era da Moldávia e da Ucrânia... então, para conseguir falar com a mulher da Ucrânia era português; aprendemos as duas, porque nem ela sabia a minha língua nem eu sabia a dela.

E: A associação então nasce da vontade de ajudar os outros imigrantes?

e: Sim, mas já era um trabalho que já estava a ser feito, porque tanto os meu amigos estávamos sempre a apoiar os outros que chegavam... e acho que isto acontece sempre, porque o mais antigo e mais velho na cidade que sabe mais, e encaminhamos e tudo. Foi só uma questão de legalizar aquilo que já existia não é... dar um nome.

E: E quem trabalha na associação, quais são os activos e militantes?

e: Isto... já são muitos mais do que no inicio. Foram 3 os fundadores, foi eu, a actual vice-presidente, e também um jovem que é o Dudas que naquele tempo era empresário de prestação de serviços...ainda é mais pronto.

E: E são todos da mesma nacionalidade?

e: Não, a Mariana é Moldava, o Duda é Romeno. Então, éramos amigos e foi entre nós que se criou, e depois foi a família atrás e os amigos...ao fim ao cabo, a amizade que mais tem, os laços que unem a nossa associação são os de amizade.

E: Eu estive a falar com a Sandra e ela me disse que a associação não tinha um espaço físico...

e: Agora já temos, não e aqui em Almancil, é a 4 quilómetros daqui. É uma casinha com dois quartos, é o que temos.

E: E vocês fazem publicações, tem algum site, blog? Como vocês chegam às pessoas?

e: Nós não chegamos, são eles que chegam a nós...isto sabe, que a boa publicidade é o nosso trabalho, não faço mais publicidade porque não temos capacidade logística de dar mais apoio. Estou a falar das pessoas que trabalham diariamente para a associação. Mas não estou preocupada com a publicidade, porque as pessoas chegam a saber de nós de boca-a-boca.

E: E quais são as actividades, quais são os apoios que vocês dão as pessoas?

e: As actividades... agora, neste ano por acaso, isto é como uma bola de neve... está sempre, sempre a chegar cada vez mais... temos um plano de actividades que é apoiado pela ACID, depois temos um outro apoio, tivemos duas mas agora temos uma empregada que é com o Fundo Europeu, e também temos um outro projecto onde a Doina explora com o programa Escolhas; eles têm um consórcio aqui em Almancil. Então são três grandes caminhos seguir, a trabalhar e a controlar tudo isto.

E: Mas os projectos, qual o alcance destes projectos?

e: Alcança tudo, social, cultural e educativo...tudo, tudo que tem a ver com a comunidade.

E: Mas é para a comunidade Romena?

e: Não, é para toda a comunidade...o programa escolhas tem a ver com as crianças, os jovens e quer combater o abandono e o insucesso escolar, foi daqui que se partiu. E também a falta em Almancil de actividades extra-escolares, não há nada para uma criança fazer depois de sair da escola... foi daqui que saiu o projecto, a nossa candidatura... mas não tem nada a ver com a nossa comunidade... a comunidade de Almancil, não é só os imigrantes... porque a fim ao cabo estamos cá, estamos bem integrados e isto notasse.

E: E agora, estás bem integrada?

e: Sim, agora já sim.

E: Bem, este é um projecto do programa Escolhas, e os outros projectos também incluem as diversas comunidades de Almancil?

e: As outras actividades também incluem. É muito diversificado, vamos responder as escolas que nos pedem apoio na divulgação da nossa cultura... vamos dar apoio com espectáculos, temos um grupo folclórico criado por nós com jovens, com danças e cantares tradicionais; depois temos o apoio jurídico, tem a ver com legalização...com problemas laborais, contratos de trabalho e tudo isto, segurança social... envolve tudo...também fazemos parte da rede social, e da comissão social da freguesia como o da rede social do concelho e de Faro também.

E: Nas questões jurídicas, como está hoje a situação dos romenos, ucranianos e moldavos?

e: Para os Romenos é fácil porque fazem parte da União Europeia, para um Moldavo não é assim tão fácil porque é um país do Leste que não faz parte nem do espaço Schengen nem da União Europeia... e sempre temos... temos aqui a Mariana que é mediadora e vice-presidente trabalha no Centro Nacional de apoio ao imigrante, então isto é a rede nacional de apoios... nós fazemos parte disto, e são caminho para conseguir aquilo, conseguimos... e depende também, cada caso é um caso. Tem muito a ver com o facto que muitas vezes os patrões não declaram, então o respectivo trabalhador não pode justificar a remuneração que ele ganha, então não se pode legalizar como é o caso dos

moldavos... não se pode ser mais fácil, trabalhador independente já todos legalizamos... mas não... mas consegue-se, leva-se muito mais tempo mais consegue-se, muita mais fácil do que no tempo que eu cheguei.

E: Você me disse que a associação tem um grupo de danças tradicionais, como é esse grupo, quem são os componentes... as apresentações são feitas em festas típicas aqui na vila?

e: Normalmente não, são convidados, na maioria das vezes eles são convidados...onde há uma festa eles são convidados... já foram ao Alentejo, vamos a Lisboa no próximo mês, estamos a sair de Almancil e já saímos muito mais, pelo menos na região aqui do Algarve, não sei se faltou alguma cidade. Tem espectáculos que podem chegar a 1 hora a vontade com músicas cantadas.

E: Normalmente são festas das culturas?

e: Sim

E: E em Almancil há incentivo para a realização de actividades, que de uma certa forma, "divulguem", ou melhor, abra espaço para um maior conhecimento das diversas culturas das comunidades estrangeiras residentes? Isto porque estive a ver no site da junta da freguesia e tem todo um discurso do presidente da junta de apoio a diversidade, porque aqui há pessoas de todo o mundo... e sentes esse incentivo? sim, porque pelos dados que eu tenho 41% da população é estrangeira... pode me falar um bocado sobre isto?

e: Por acaso sente-se. Mas isso depende também de nós, da nossa atitude, do nosso comportamento. Eu digo isto porque eu, sempre antes de pedir gosto de oferecer e tentar; o que no dia de hoje na nossa comunidade não é muito normal. E por isto que não se recebe mais, porque não se dá. Por que eu vou fazer isto? O que eu tenho a ganhar? Por exemplo aqui em Almancil antes do ano passado, foi no ano passado que começamos a ficar em Almancil, era só fora. A Doina mal estava conhecida aqui em Almancil, era tudo fora, era em Loulé, Faro, Vila Real, Lagos, mas depois pouco-a-pouco começamos a ficar por cá, e conseguimos junto com a Junta da Freguesia e também com outras associações, organizar as festas de Almancil, 5 dias.

E: E como são estas festas de Almancil?

e: São 5 dias de festas, cada comunidade tem 1 dia. A comunidade Romena tem 1 dia para organizar, a comunidade africana tem 1 dia, a portuguesa tem 1 dia, a Venezuela teve 1 dia, e depois foi o dia da juventude.

E: E quando é mais ou menos estas festas?

e: É no início de Agosto, nosso dia este ano vai se no dia 1 de Agosto.

E: E uma pessoa que queira se associar, como faz?

e: Há uma ficha de inscrição, neste caso... não sei se é um ponto bom ou não, mas não fazemos muita publicidade em angariar novos sócios. Até agora tivemos muita sorte com outros fundos, e somos bastantes discriminativos vamos dizer, não é qualquer um que é aceite na associação.

E: O que é preciso então para ser aceite dentro da associação?

e: Ter uma boa referencia pelo menos, se for algum sócio que já o conhece e diz que é uma boa pessoa, é suficiente.

E: E se não, se não tem ninguém que o possa indicar?

e: Pois neste caso é através do trabalho que ele mostra na associação.

E: Então começa primeiro a fazer parte das actividades?

e: Exacto. De preferência é assim... não é só atrair sócios para ter um número. Também isto vale, mas para nós... preferimos aqueles que gostam e acreditam mesmo em nós.

E: E quantas pessoas estão associadas ou fazem parte activamente da associação?

e: Activamente, aqueles que trabalham mesmo são 30 e tal, no caderno 300 e tal pessoas. Já temos 7 pessoas, das quais uma pessoa é uma rapariga de Angola que

recebem ordenado através da Doina com contrato de trabalho, com recibo verde, depende do caso. E estes pronto, trabalham para a Doina, e depois são os outros que têm outros benefícios.

E: E tem portugueses também a trabalhar ou são só estrangeiros?

e: Não, não...também portugueses

E: As fontes de financiamento da associação, quais são?

e: Basicamente são os programas, as cotas não dá para sobreviver... e é o voluntariado, ao fim ao cabo aquilo que mais importa é o voluntariado...é o nosso trabalho.

E: E a Junta da freguesia ajuda de alguma forma, ou contactam apenas para actividades pontuais?

e: Não, quando se pede eles geralmente apoiam, mas não, não gosto de pedir se não tem realmente necessidade, e se eu consigo fazer um evento com voluntariado e com poucos fundos, poucos recursos... é aquilo que eu escolho.

E: E tens conhecimento sobre as políticas de integração a nível local?

e: No concelho de Loulé não tem... por acaso neste aspecto é um concelho bastante fraco, não tem nenhum gabinete de apoio ao imigrante em comparação com outros concelhos. Mas sempre que batemos a porta deles, abrem e ajudam... mas vir eles a nossa procura não, isto não... conseguimos, mesmo assim sempre conseguimos.

E: Bem, agora deixando um bocadinho a Associação e indo em direcção as histórias de vidas, e falo das histórias que deve ter conhecimento...problemas comuns...e o teu próprio percurso; Hoje, não com relação as políticas e estes órgãos institucionais... eu queria falar sobre as pessoas, as relações quotidianas na vila, da relação entre os portugueses locais e as comunidades estrangeiras; como se dá essa relação... considera ser uma relação "mais porosa" e mesmo próxima, ou há uma separação um distanciamento? Sentes de alguma forma discriminada?

e: A discriminação existe e sempre existiu e vai existir isto, para acabar tem que acabar o mundo. Mas isto depende de nós, depende da nossa atitude... da forma de enfrentar, da forma de falar com as pessoas, de encarar situações. Eu própria, acho que nunca tive problemas de discriminação e quando tive ignorei simplesmente; não quero saber, aqueles que não estão cá não fazem parte, se alguém não gosta de mim não quero saber. É a minha atitude que eu tenho com eles, e se me dão valor por aquilo que eu sou tudo bem, se não também. Mas não é por isto que eu vou deixar de tentar, e é tudo através daquilo que eu sou, do meu trabalho, da minha experiência e de tudo, e é assim que eu vejo as coisas. Tenho muitas vezes, estou convidada para sessões de quebrar mitos sobre imigração... e claro que há aquela barreira, "e então vieram para cá tirar o nosso trabalho e...", mas depois eu estou a expor o meu trabalho que faço realmente... que ao fim ao cabo não apoio só a minha comunidade mas também os outros, e... também faço a comparação entre a minha comunidade e a comunidade, como é por exemplo, a comunidade inglesa, porque não tem a mesma atitude a frente deles como tem com os romenos, ou ucraniano ou seja lá quem for.

E: Mas sentes que há uma diferença de tratamento entre as comunidades estrangeiras?

e: Sim, claro. Há diferença... e agora, eu cheguei a saber numa sessão de esclarecimento sobre imigração que, nem sequer somos imigrantes os romenos... é estrangeiros.

E: Sim, é como falar de qualquer estrangeiro pertencente a União, já não são considerados imigrantes... Sim, mas mesmo assim já não sendo imigrantes sentes as diferenças nas formas de tratamento?

e: Nós somos diferentes, eu também não quero uma integração plena, não é isto que eu procuro... não quero, por exemplo, que a minha filha não fale Romeno, e integrar-se tão bem que parece portuguesa um dia e não ter problema nenhum. Não é isto que eu quero. Eu quero que ela conserve o sotaque de estrangeira... eu não quero, porque ser diferente é uma mais-valia, por mim ser diferente é bom, não quer dizer que ser diferente é mais fraco, pelo contrário. A multicultural idade... eu venho de uma família multicultural, o

meu marido é Alemão, a minha mãe é Húngara, eu e o meu pai somos Romenos, o meu cunhado é Jugoslavo... então a minha família sempre foi assim multinacional, e nós nos sentimos bem, por isto que a sociedade perfeita é assim como é a minha família... e porque na mesa vem tudo, vem uma comida doce pelos alemães, uma comida com natas que são os húngaros; e isto, tens escolha.

E: Só para fechar, falando então desta diversidade que convive junto na mesma mesa... Achas que em Almancil isto acontece?

e: Existe, já existe cada vez mais... há Quarteira por exemplo, em Quarteira não há tantas barreiras como há em Almancil, não sei por quê, qual é a razão... mas em Quarteira sempre foi mais fácil.

E: Mas mais fácil como?

e: As pessoas, aceitam com mais facilidade os estrangeiros.

E: Mas aqui achas que os locais têm mais receio?

e: Sim, receio, tem mais receio. Mas depois disto, quando te aceitam, aceitam e tudo bem. Em Quarteira foi mais fácil, começamos sempre a ir a Quarteira fazer eventos em Quarteira... era tudo em Quarteira, porque também temos várias organizações e instituições...são muito mais organizados. Se calhar também pelo facto de que aqui as pessoas vêm e vão, aquele movimento contínuo e não dá para ganhar raízes.

E: Mas em Quarteira eu só tenho conhecimento de 1 Associação que é a Alpagar?

e: Também, mas eu também estou a falar dos outros que são mesmo os locais portugueses

E: Mas em termos de organizações existentes em Quarteira, só há mesmo a Alpagar?

e: sim, sim... exacto, mas depois trabalhamos com a fundação Aleixo e o Banco de tempo de Quarteira, são com elas que trabalhamos... com a junta da freguesia

E: E há mais actividades culturais das diversas culturas em Quarteira?

e: Sim, porque no verão tem muita animação e precisam de nós. Em Almancil é mais silencioso.

E: Almancil seria então mais residencial?

e: Sim, é administrativo, mas pouco a pouco vamos criar os nossos eventos.

E: E há na vila uma separação visível entre as comunidades, ou achas que elas se misturam?

e: Vou te falar um exemplo, num evento que tivemos aqui entre as comunidades estrangeiras... havia as cadeiras de um lado e do outro. De um lado era os africanos e do outro era os brancos... Isto num dia para debater a discriminação, fizemos nós a discriminação... é que nós não nos sentamos no lado deles e eles não sentaram do nosso lado...mas isto foi inconsciente, sem pensar. Mas depois de fazer a observação em publico misturamos e pronto.

E: Então achas que as actividades realizadas pela comunidade africana, romena ou outra são participadas por pessoas da mesma comunidade?

e: Normalmente sim, mas isto pouco a pouco começa a mudar... tudo depende das comunidades locais, das autarcas... porque são eles que podem nos juntar, e isto nunca acontece em Quarteira ou Almancil.

E: E com relação a cidade, aos espaços urbanos nota-se esta separação? Se há lugares dentro da vila onde são frequentados por determinadas comunidades estrangeiras?

e: Sim, nota-se, também existe. Há pastelarias só para Romenos... vai lá e é só romenos... sim, sim, sem dúvida. Mas isto é também comodidade, sei lá... e também quem não conhece bem a língua prefere ir a um sítio onde tem uma conversa na língua que ele conhece; não vai a um sítio onde só há locais e ele não pode dizer uma palavra.

E: E com relação aos equipamentos e serviços?

e: Aquilo que eles têm nós também temos. Só que Almancil tem pouco, com relação a infra-estrutura é baixa... é básica... quase inexistente. Fora a associação cultural (ASCA) não existe mais nada... e a escola, não existe mais nada. Vamos esperar que no futuro

isto vai mudar... a pouca, pouca resposta aos problemas culturais desta vila. Não existe cultura, não existe, por acaso isto é uma coisa que me faz muita falta cá. Se vem de uma cidade como eu era, com um teatro, um cinema, era espectáculos, era diferente... aqui não.

E: Tens que ir para Quarteira ou outra localidade?

e: Exacto, ou então inventas ou convidas quem sabe fazer. É isto que fazemos agora, andamos a procura para trazer para cá.

E: A cidade, a vila... em termos de distribuição residencial, por exemplo, em Quarteira há bairros onde concentram-se a população estrangeira, como o bairro da Abelheira que vive sobretudo Africanos... aqui em Almancil, em termos de distribuição residencial...também estão concentrados?

e: Não, está tudo espalhado... não há nenhum bairro.

E: Pronto é isto. Muito obrigada pela sua colaboração.

ESTRANGEIROS RESIDENTES

(Entrevista 1, Anakuty)

E: Qual o seu nome?

e1: Anakuty

E: E quantos anos tens?

e1: 19 anos

E: E qual a sua nacionalidade?

e1: Romena.

E: Por que você deixou o seu país e veio para Portugal?

e1: Trabalhar, precisei de dinheiro, casei, precisei de dinheiro.

E: Quando você veio para Quarteira?

e1: Em 2007

E: E quando você chegou já sabia falar português?

e1: Não, não sabia nada...nada

E: E como aprendeste, fizeste um curso?

e1: Aprendi a falar com os colegas do trabalho, com brasileiros

E: E quando você chegou, como foi o seu primeiro contacto com a cidade?

e1: Meu contacto foi horrível, não gostei de nada. Não sabia falar, não entendia nada, não gostei de nada. Mas depois que o tempo passou...passou, econtrei trabalho, comecei a trabalhar, comecei a conhecer pessoal daqui, portugueses, brasileiros... e depois habituei-me um bocadinho. Agora gosto, agora já não quero voltar para a minha terra

E: E como foi conseguir trabalho?

e1: Foi fácil

E: E habitação, tiveste alguma dificuldade para arrendar casa, como foi?

e1: Muito fácil

E: E como é o seu dia-a-dia?

e1: O meu dia-a-dia é trabalho e casa... trabalho e casa.

E: E o que fazes para se divertir?

e1: Nada, fico em casa. Quando não trabalho fico em casa a descansar; fazer limpeza, comida e descanso... mais nada. Trabalho muito e não há tempo para sair.

E: Você se relaciona mais com portugueses, romenos ou pessoas de outras nacionalidades?

e1: É misturado.

E: Você já teve problemas, já se sentiu discriminada?

e1: não.

E: Pensando na sua cultura, você mantém algum tipo de vínculo com a sua cultura de origem aqui na cidade?

e1: Não tenho, vim para cá e deixei tudo para trás.

E: E mantém contacto com pessoas no seu país?

e1: Sim, pais, irmãos...

E: Eles vêm te visitar?

e1: Não, a viagem é muito longa e tem medo. Mas eu estive lá no mês de Dezembro, fiquei 1 mês, vi a família toda e depois voltei. Tive férias 1 mês e fui lá

E: Você me disse não tinha gostado de nada quando chegou, porque não entendia nada, haveria algum outro motivo para não gostar?

e1: É por isto, ficava o dia todo enfiada em casa, não sabia falar, não conhecia a cidade, nada. Depois com tempo, sai de casa conheci as pessoas, falava, mostrava com as mãos que era aquela... para entender.

E: E gostas mais da cidade por causa das pessoas ou pelo que a cidade pode oferecer?

e1: Pela cidade, as pessoas... há bons e maus, porque não há sempre boas pessoas... há boas e más. Pois... agora estou aqui, tenho muitos amigos portugueses. Me agrada muito.

E: E falando agora dos portugueses, o que acha dos portugueses?

e1: o que eu acho dos portugueses... são um bocadinho esquisitos. Não posso falar nada mal, ninguém fez nada mal. Os portugueses que gosto, trataram tudo bem.

E: Se pudesse diferenciar os portugueses dos romenos, o que diria?

e1: Ah tem muita diferença, os portugueses sabem dar mais respeito do que os romenos. Os romenos não dão tanto respeito a uma mulher que os portugueses. Os portugueses explicam mais, sabem dar melhor respeito e tudo... os romenos também é... mas os portugueses são mais diferentes.

E: E com relação aos outros estrangeiros, se relaciona bem?

e1: Não tenho nenhum problema, quando posso ajudo, se alguém precisar de ajuda e se precisar ajuda...se posso ajudo; eu gosto de ajudar as pessoas... que também me lembro que quando cheguei aqui não sabia nada, me ajudaram também e também gosto de ajudar, eu sou assim, nao sou má.

E: E pretende um dia voltar?

e1: Pode ser um dia, mas no momento não.

E: Ok, eu finalizo aqui a entrevista. Muito obrigada pela sua colaboração.

(Entrevista 4, Sr. Andrevan)

E: O seu nome, pode ser só o primeiro nome?

e: Andrevan

E: Qual a sua idade?

e: 48 anos

E: E o seu país de origem?

e: Guiné-Bissau

E: Actualmente qual a sua ocupação, estás a trabalhar?

e: Neste momento não, neste momento estou com problema de saúde, tive operado já a 2 anos e tal, e estou base de seguro, processo no tribunal de trabalho. Neste momento não estou a fazer nada.

E: E Quando tempo faz que vieste da Guiné para Portugal?

e: Já estou aqui há 10 anos

E: E quais foram os motivos para deixar a Guiné e vir para cá?

e: Deixei Guiné Bissau por causa de... Pronto, procura de uma vida melhor, procura de uma vida melhor que me obrigou a vir para cá, de maneira que tenho família para trás né... para ver se podia alcançar alguma coisa melhor para ajudar a minha família

E: E a tua família veio para cá ou ficou em Guiné?

e: Não, tenho aqui a minha filha e já chegou a minha esposa também já a 2 semanas

E: E a 10 anos veio directo para Quarteira ou foi primeiro para outra cidade?

e: Não veio directamente para a Quinta do Lago, de Quinta do Lago para Quarteira.

E: E quando você chegou em Quarteira, qual foi a sua primeira impressão da cidade?

e: Gostei, gostei pronto. Gostei e fiquei. Tenho já muitos amigos aqui, e pronto; fiquei com aquela coisa de trabalho né, vai trabalhar, tinha uma pessoa que trabalhava directamente com ele e pronto, fiquei aqui.

E: Mas quando vieste para cá já conhecia alguém aqui?

e: Não, não conhecia ninguém, ninguém.

E: Mas quando chegou procurou ajuda de outras pessoas para conseguir trabalho, para te orientar na cidade?

e: Não, não. Cheguei aqui a procura de trabalho, cheguei e encontrei a pessoa e pronto, encontrei emprego, fiquei garantido no emprego e pronto, fiquei aí.

E: E o senhor faz parte de alguma associação, ou organização de imigrantes?

e: Não, não tenho nenhuma associação de imigrantes, nada. Sempre meus problemas resolvi sozinho.

E: E nunca procurou nenhuma ajuda, de nenhuma instituição?

e: Não, nunca.

E: E você mantém contacto com o seu país?

e: Tenho lá família, todos dias... a bocadinho recebi mais uma chamada, tento falar com eles dia-a-dia, falo com eles dia-a-dia.

E: E aqui na cidade, quais lugares costumas frequentar?

e: Minha parada aqui em Quarteira é aqui e minha casa (estávamos num café), arco íris (nome do café) e minha casa (risos). Actividade nocturna nada, nunca gostei... nada, nada, nada.

E: E aqui que costuma frequentar com os seus amigos?

e: Pois, aqui que costumamos encontrar com os amigos e minha casa, aqui, mais nada

E: E como é que foi a sua relação com os Portugueses quando você chegou?

e: Foi péssimo, péssimo porque na altura é... pronto, havia, até agora existe racismo. Houve muitas coisas, mas nunca interessei de ter, fazer de conta... seguir minha vida, o resto não contava para nada. Chamar de nomes, "o que é capaz, o que é fazer, vai para a tua terra"; isto é normal, isto é normal. Qualquer ser humano, chegar num país que não é

o teu, tem que ouvir alguma coisa né... mas e pronto, o pessoal que quer ter, tem que ignorar tudo, tem que ignorar tudo.

E: Mas o senhor acha que está melhor ou pior?

e: Agora está melhor, agora está melhor. Em termos de pessoal agora está melhor, não é como antigamente, agora mundo também já é outro, mundo está aberto, porta aberta para todo mundo né... e antigamente havia aquele racismo, acho que diminuiu muito.

E: E o senhor se relaciona mais com pessoas da mesma nacionalidade ou com outras nacionalidades, portugueses?

e: Eu relaciona com todo tipo de nacionalidade, seja que o respeito está na frente, com toda nacionalidade eu convivo; seja Portugueses, angolanos, moçambicanos, seja toda raça que há no mundo, basta é entendimento... o essencial é respeito.

E: Quarteira é uma cidade que recebeu muitos estrangeiros de vários países. Você acha que o facto de ter pessoas de diferentes países convivendo na mesma cidade, propicia um maior conhecimento sobre estas diferentes culturas, como se dão as relações quotidianas entre estas diferentes pessoas?

e: Eu acho que pronto, naquela sociedade as pessoas aproveitam muito do conhecimento das pessoas, porque aquilo que tu sabes eu não sei. Agora, se faz as pessoas estar em comunidade, é uma outra experiência né. Nós aqui estamos a ganhar experiência de um e doutro, aquilo que esse senhor sabe eu não sei. Pode me dar mais um explicação "olha isto faz assim", dá me apoio né, de maneira que todos estamos aqui naquela convivência.

E: E a cidade, o que o senhor pensa sobre a cidade de Quarteira?

e: A cidade de Quarteira é muito melhor do que antigamente, antigamente isso não era nada, agora está muito mais melhor. Temos mais comunidades, temos mais relação com as pessoas, e temos mais conhecimento de um e de outro, e pronto. Quarteira é uma cidade que mais está desenvolvida, como antigamente não estava muito. Não tinha mais aquele movimento, agora Quarteira está a desenvolver a cada dia.

E: O que mais gosta na cidade, e o que menos gosta?

e: Eu não tenho nada contra isto, gosto disso. Porque deste que cheguei cá nunca tive problema com ninguém, isto é essencial, nunca teve problema com ninguém e quer que lhe digo; eu respeito, principalmente, o mais fundamental é o respeito. Quando me falta respeito eu tenho medo dessa pessoa. Portanto, a cidade de Quarteira desde quando eu entrei aqui há 10 anos, nunca teve problema com ninguém, principalmente, é muito fundamental. Tenho mais amigos agora, tenho mais amizade com as pessoas e as pessoas me conhecem, isto para mim é um passaporte.

E: Mas se pudesse fazer qualquer coisa para melhorar a cidade, o que faria?

e: Melhorava em termos de... ter mais sítios para pessoas se encontrar. Falta, falta aqui, não há nada aqui, não há nada para agente de perfil, e isto é só assim. É só nos cafés e se cada um quiser fazer, tem que fazer em suas casas.

E: Mas não há actividades aqui em Quarteira?

e: Não, não, é difícil. Actividade para fazer aqui é muito difícil, porque é uma cidade que não tem movimento de actividades culturais, estas coisas assim; nada, nada, nada absolutamente.

E: Falando um pouco da Guiné, de sua cultura... como o senhor caracterizaria a sua cultura?

e: Adoro, adoro a cultura de minha terra... a cultura africana, a cultura de Guiné-Bissau, é uma cultura que eu adoro, adoro. Nós temos várias etnias, e cada etnia tem a cultura dele, convivemos tudo comum. Cultura são muito diferentes porque nós temos várias etnias, a minha cultura é África continental... adoro, adoro muito.

E: E se pudesse diferenciar ou aproximar a cultura guineense da portuguesa, que traços apontaria?

e: É... foram os portugueses que colonizaram aquilo né, temos língua comum. Mas como na minha terra temos várias etnias; o crioulo é língua principal, português é língua nacional. Um pouco lá para apreender como português, as vezes muito deles lá para dar as aulas, escolas, essa coisa assim. Mas temos, pronto, crioulo que é língua oficial que nós falamos lá, então o que acontece, naquela etnia que nós temos lá: cada etnia tem língua dele, que pode apresentar a cultura dele diferente. Minha cultura é diferente que *cultura mandinga*, cultura de mandinga é diferente que a cultura de manjaco, cultura de manjaco é diferente da cultura de manken, e isto apresenta como, como base de etnias que temos. Temos 17 etnias, e cada etnias apresenta a cultura deles; e agora os portugueses tem cultura comum, portanto tem cultura, como há de dizer... o fado, para já, o fado é cultura principalmente dos portugueses... e olhamos e pronto, não é nada né (risos), mas para o Portugues é muito bom, tas a perceber? É uma coisa que eles se comparam... mas nós não, para nós é muito fraco, é uma cultura muito...pronto, como há de dizer... mas são bons, são muitos amigos... agora somos todos amigos.

E: E o que acha da convivência entre os nacionais e estrangeiros?

e: É, vivemos todos bem, como em família. Porque eu passei por uma situação um bocado difícil, tinha uns amigos de portugueses que nunca me deram as costas, ajudame muito em muitas coisas, até alimentação. Portanto, isso considera como o que? Como família, na hora mal na hora bom.

E: E se pensarmos nas comunidades que vivem aqui em Quarteira, sabemos que há a comunidade brasileira, angolana, moçambicana, guineense, dos países do leste; o que o senhor nota, eles misturam-se ou vivem em grupos?

e: É assim, eles vivem em comunidade por causa da língua, tas a perceber? Estamos a falar na mesma língua, agora se tem aqui um ucraniano não está a perceber o que agente esta a dizer, e quando agente está com um ucraniano eles tão a falar a língua deles que é a língua russa né. Portanto nós não percebemos o que eles estão a dizer, eles não percebem o que estamos a dizer. Estão ligados a mesma língua, tas a perceber? Mas somos o mesmo, todos iguais. Normalmente até podemos encontrar um emprego e trabalharmos juntos e agente se dá como irmãos, como família.

E: Minha ultima pergunta, o que o senhor considera importante para todos possamos viver bem juntos?

e: Paz, que falta muito para não haver guerra, para não haver nada de terrorismo, estas coisas, podemos viver tudo em paz em comunidade em comum, tudo próximo sem problema nenhum. Agora se haver desavença, se Quarteira tem desavença é difícil para agente viver em comum, é difícil para agente entrarmos naquela fase de viver juntos. Agora eu penso que se não haver problema de guerra, essa coisa, podemos viver tudo em paz e podemos viver tudo em comum. Vamos para o Brasil, gozo das minhas férias sem problema nenhum; ninguém me chateia e eu não chateia ninguém, podemos voltar amanhã aqui sem problema nenhum.

E: Ok, muito obrigada pela sua disponibilidade e pela sua atenção.

(Entrevista 5, Nelo Dias)

E: Qual o seu nome?

e: Nelo Dias

E: Sua idade Nelo?

e: 35 anos

E: Seu país de origem?

e: Angola

E: Sua ocupação, você está trabalhando?

e: Olha, estou desempregado, é mesmo isto que você tem que saber... desempregado.

E: E qual a sua escolaridade?

e: 9º ano

E: E por que você deixou Angola?

e: Dificuldade, e vim encontrar outra.

E: Então veio em busca de melhores condições de vida?

e: É como todo imigrante né.

E: E quando é que você veio aqui para Quarteira?

e: Em Quarteira... um tempo já, uns 10 anos por aí... vivo aqui uns 10 anos.

E: E quando você chegou aqui em Quarteira, o que você achou, qual foi a sua primeiro contacto com a cidade?

e: Para mim eu gostei porque encontrei um bom ambiente, principalmente este que está aqui, meu amigo... Quarteira era bom porque havia trabalho com fatura naquela altura... mas agora, as coisas complicaram-se um bocadinho.

E: E quando você chegou, conhecia alguém aqui em Quarteira?

e: Já, já... já viviam cá há mais anos.

E: E você também buscou alguma associação, organização de imigrante?

e: Sim, por exemplo, sou sócio ali dos PALOP, da Apalgar.

E: E actualmente continua sócio da Apalgar?

e: Sim, sim.

E: E participa das actividades?

e: Sim, muitas das vezes, mas nem sempre. Porque sabe como é a vida de imigrante, nessa correria aí.

E: E a associação, ela costuma fazer periodicamente actividades?

e: Porque essa associação é capaz de ajudar muitos imigrantes, porque ela dá facilidade de cursos dá umas palestras... facilita muito, e é bom essa associação.

E: Você mantém contacto com Angola, com a sua cultura de origem?

e: Constantemente, diariamente, ligo para lá, tem família.

E: E com a cultura de Angola, consegue manter vinculo aqui?

e: Para ser sincero, a cultura de Angola é muito diferente com a cultura portuguesa.

E: Mas você acha que os angolanos trouxeram um pouco da cultura deles para cá ou não?

e: Sim, porque quando uma pessoas imigra nunca deve deixar 100 % as suas raízes, tas haver? e o angolano dificilmente deixa isso, é difícil... olha, você é brasileira, e a cultura Angola acho que se assemelha mais com a cultura brasileira, mas português não, português já é um pouco... meio acanhado, até posso explicar como é que é a cultura do pimba né (risos), eh...não, não tem nada... se bem que fomos colonizados por eles mas... não tem nada haver.

E: Mas aqui, tem mais amigos angolanos?

e: Demais.

E: E vocês fazem as vossas festas?

e: O especialista é este aqui. O realizador de todas as festas, não procura mais ninguém (risos).

E: E onde é que vocês costumam fazer as vossas actividades?

e: Em pontos recreativos né, por exemplo... a Checul é uma associação, é uma associação antiga dos imigrantes angolanos que já vem há décadas, uma cooperativa dos imigrantes angolanos.

E: E vocês fazem as festas lá?

e: Geralmente, por exemplo, no dia da mãe.

E: Então são em datas específicas que vocês fazem as festas?

e: Datas específicas... 11 de Novembro, exactamente.

E: E lá é também um ponto de encontro?

e: Ponto de encontro quando há futebol, cafés, casa de amigos, prontos... e também na checul

E: Mas a comunidade brasileira e angolana encontram-se no mesmo lugar?

e: Sim, no mesmo sítio. Aquilo que eu te disse atrás, é mais fácil angolano e brasileiros. Porque aqui Angolanos e brasileiros estão sempre juntos, no mesmo sítio, jogam futebol juntos.

E: E vocês costumam frequentar mais lugares públicos ou privados aqui na cidade?

e: Mais lugares fechados, mais em cafés, praças não é para nós, praças é para os outros, os guineenses (risos). Os guineenses é que gostam disto, de ficar numa praça e tal, mas a gente não.

E: Então você se relaciona mais com os angolanos e brasileiros é isto?

e: É mais, são as culturas mais abertas. Se tu entrevistares agora um guineense, eu te garanto que a comunidade guineense é muito fechado, tas a entender? digamos, o cabo-verdiano é um pouco mais aberto, mas não é assim... aquela simpatia que tem o brasileiro e angolano.

E: O que você acha de Quarteira, o que você acha da cidade hoje?

e: Quarteira me apaixonou no primeiro dia que cheguei, gostei da cidade...muito, muito. Primeiro, cidade plana, segundo da amizade que eu encontrei. Quarteira é uma boa cidade sim senhor.

E: Me aponte então o que gosta menos, e o que gosta mais?

e: Gosto menos, o que gosto menos de Quarteira? de quando não tenho dinheiro (risos).Olha, Quarteira tem uma coisa boa, principalmente no verão... é a noite.

E: Quarteira tem muitas actividades culturais?

e: Noite principalmente.

E: Mas seria só no verão ou todo o ano?

e: Digamos assim, 60% do ano.

E: E estas actividades são mais em espaços abertos públicos ou fechados?

e: mais em espaços fechados.

E: E há um tipo específico de público para estas actividades?

e: Ali está todo mundo misturado... porque já estamos a falar da noite né

E: Mas por quê, quando não é na noite não está todo mundo misturado?

e: Aí é diferente, cada um tem o seu sítio.

E: O que faria para melhorar a cidade?

e: Vou fazer tipo Sócrates, vou prometer mas não vou cumprir (risos). Primeira coisa é o trabalho né, o que estabiliza digamos uma cidade? o trabalho...quer dizer, uma cidade sem actividades não é nada; mas primeiro vem o trabalho, depois vem o resto...para mim, agora para os outros já não sei. Porque não se vive nada sem trabalhar né, não se faz nada... a pessoa fica completamente desorientada. Agora como está nesta situação é que eu vejo, desemprego que está no país... desta vez é uma calamidade que não imaginas.

e1: Os imigrantes quando tem uma coisa aberta, não fica em paz... é a polícia, não sei o que, os vizinhos, as vezes chamam a polícia porque estes gajos são assim, por isto os

imigrantes não podem ter aqui quase nada aberto, eles aparecem e... o pá não são ladroes, não são drogados...são pessoas normais.

E: você acha que há uma má imagem dos imigrantes aqui?

e1: Eu penso que sim.

E: Mas um tipo de imigrante, de uma determinada cultura, ou para todos?

e1: Isto é para todos, se tiver bar de brasileiro, angolano, guineense...as pessoas, os próprios portugueses evitam de passar lá. Eles, os portugueses tem uma má imagem dos países dos PALOP, mas o problema, os que tão a causar mais problema aqui em Quarteira não são os PALOP, são os imigrantes Europeus. Por exemplo, os homens do Leste, eles confiaram muito neles, e isto é que dá problema. O que tu vês, por exemplo, a maior parte dos assaltos, bancos e não sei o que...

E: E você acha que a mídia pode influenciar a imagem criada do imigrante?

e: Não, pelo contrário... se fomos a ver, a mídia só favorece os portugueses, mas eles sabem muito bem quem são.

E: Mas que tipo de notícias são publicadas no jornal?

e: Para ser sincero, nem que você entrevista agora um português, ele não vai te dizer que é um homem do Leste, sinceramente ele não vai te dizer isto, ele só vai te dizer são imigrantes.Mas agora se for, digamos assim, uma pessoa de cor, na mídia sai estampando logo no primeiro jornal, logo... se for um africano, ou um brasileiro é logo notícia de primeira mão, agora do leste eles já não fazem isto.

e1: Eu vou lhe dar um exemplo, toda a sexta-feira aí, nós faz num bar brasileiro, ao lado tem um bar de angolano; todos, quase todos as semanas aparece lá uns 5 carros da polícia, 5 carros do que... e todos os outros bares tem os portugueses e eles nunca entram, só entra no bar que estão os imigrantes; eu já perguntei mas ninguém sabe explicar. No princípio eles estragam o negócio das pessoas, que as pessoas não estão para ir lá sempre para ser incomodados, são pessoas de família, são pessoas de bem... saem do trabalho vão se distrair um bocadinho, tem um Karaoke e vão fazer o karaoke e depois vão para casa, mas eles estão lá constantemente... ah porque aqui...não sei o que, mas temos bares jogados que são dos portugueses eles nem passam, nem entram lá...

e: Mesmo sabendo que naqueles bares dos portugueses também tem lá gatunos, mas eles não incomodam

e1: Por que eles fazem isto neste sítio? Ah.. só eles é que podem responder, porque eu acho isso injusto.

e: Um português maltratado fora, é logo notícia... de todos os canais, não é? agora os português trata muito mal os seus imigrantes, muito mal.

E: Voltaremos depois a falar sobre a relação com os Portugueses. Você me disse que a cultura que tinhas mais afinidade era com os brasileiros, e qual seria a que tens menos afinidade, e por quê?

e: Se fomos a ver são os Ucrânicos, não se entrosa... são muito fechados

E: E o que vocês pensam então sobre os portugueses, e sobre a cultura portuguesa?

e1: A cultura portuguesa tem os seus convívio, as suas convivência... por isto que nós respeitamos, nós temos a nossa, talvez eles não gostam da nossa, porque acha que a nossa é muito mais...

e: Muito mais aberta...

e1: Muito mais aberta... eles são muito mais fechados, e por isto mesmo é que faz uma confusão; por exemplo, se tu... nós estamos aqui a conversar com um carro a ouvir musica num CD, passado um bocadinho a polícia está aqui... não estava a fazer maldade mas a polícia está aqui; mas se eles estiverem do outro lado, fica a fazer barulho e a polícia passa, não diz nada.

e: E de certeza no Brasil também é assim né, há forro, há pagodes... sim são culturas praticamente quase semelhantes né, só que a cultura portuguesa é mais afastada, mais fechada... e causa qualquer incomodozinho né...isto tem que se ultrapassar.

E: Mas achas que isto é preconceito?

e: acho que sim, acho que sim... mas pela nova geração né, essa nova geração está já um entrosamento um pouco diferente né... espero bem que seja assim, mas se fomos voltar o tempo atrás... nem imagines, está muito longe, muito longe; a nova geração é mais moderna.

e1: A nova geração aprendeu muito com os estrangeiros que está aqui, porque nós quando chegamos aqui...

E: Estás aqui a quanto tempo?

e1: Estou aqui a 19 anos, nós quando chegamos aqui em Portugal, em termos de... recreatividade não tinha nada.

e1: Hoje por exemplo, já são um bocadinho mais alegres, já são... isso... dependendo de nós... começou a evoluir; o carnaval por exemplo, aqui em Quarteira... vejo musica portuguesa? Não vejo nenhuma, é só música brasileira. Isso aí evoluiu muito, o carnaval aqui é samba, é no sei...

E: Então você acha que há muitas influências destas culturas, acha que é visível na cidade?

e1: Tem muita, eu vou lhe dizer uma coisa...

e: É por falar em gastronomia, eles são especializados, isso é verdade. Eles tem grandes e grandes cozinheiros sim senhor; mas falta...falta...algum toque de alegria, entendes? qualquer coisa que você tem que puxar para eles ser um pouco alegres

e1: E por exemplo, tu vês aqui o carnaval conforme estava a dizer. O carnaval, sem os grupos brasileiros desfilando aqui na avenida, não vale a pena, morre...as pessoas não aparecem. E vai, com mais animação, não sei. Agora se não tiver estes grupo, te garanto que eu não saia de casa para ir ver, abro a janela vejo os gajo a passar então vou dar uma volta... mas eles não respeitam isso; quer dizer eles só aceitam. Aqui a comunidade Portuguesa, não vou falar em geral; o presidente da câmara, os vereadores não sei o que... eles só aceitam os imigrantes, quando há esses eventos, para sair no jornal, para fazer publicidade. Porque Quarteira é bom, porque não é bom; eles aceitam isso, mas depois no outro lado eles fecham a porta, e isto é que não pode acontecer. Conforme eles aceitam, eles vão participar ali, fazem convite... eles também em que lidar nos outros sítios.

E: Mas falta onde esse colaboração?

e1: Eu penso que essa colaboração... quer dizer, quem pode explicar isto é o presidente da câmara. O ponto de vista dele... tu tens que perguntar a ele, por que quando é altura do carnaval os imigrantes são bons, mas quando é altura, não tem evento nenhum os imigrantes é uma... pergunta. Porque nos bairros dos imigrantes a polícia está sempre lá?

E: E quais são os bares dos imigrantes?

e1: Tem a Checul, tem a tango, aqui o Albino... ali no São Sebastião, ali do Boi o brasileiro, Sabor e saúde, tropical...

e: aquilo é dos imigrantes mesmo só né, e.. pá, aquilo está praticamente a ir ao zero, porque quando a polícia está sempre por cima então quem está a perder é a própria pessoa, o proprietário daquele estabelecimento... eles pagam né

e1: Por exemplo, eu sai do Cais né... vou beber um copo, chego no primeiro dia há polícia, chego no segundo dia há polícia... eu não estou para ser incomodado, eu venho para me divertir. Imagina eu sair de casa sem documento, chego lá e depois tenho que ir para Faro, para Loulé... depois me deixa lá e se não tiver dinheiro tenho que voltar a pé.

E: Mas eles abordam sem um motivo aparente?

e1: Eles aparecem, lá diz que é o trabalho deles, trabalho de rotina.

e: Mas trabalho de rotina não é tudo, não é diariamente né? Agora se tu veres, em bares portugueses também fica cheio, e você sabe que aquele português que está ali rouba, mas ele não vai lá. Ele sabe onde estão os assaltos, mas não vão, só em sítios de

imigrantes porque os imigrantes não, não. Isso de assaltos não, não é só porque os imigrantes chegou aqui... porque há portugueses que assaltam que é uma coisa doida, e eles sabem onde é que eles passam, tas a ver? É mesmo só incomodar os imigrantes, mais nada, só incómoda. A única diferença é que português tem é uma imagem negativa dos imigrantes, mas nenhum país desenvolve sem imigrantes, e se nós fomos a ver... ouvi uma entrevista, a 3 anos atrás, fizeram uma pesquisa... o português nasce pouco, a taxa de natalidade é muito baixa e se não fosse pelos imigrantes eles estavam em situação muito complicada.

e1: mas mesmo assim não aceitam.

e: um país sem imigrantes não tem um... outro leque... o país tem que ter imigrante. As pessoas tem que saber respeitar, o português em Angola... o Português em Angola é como se fosse...tratam como se fosse ouro

e1: Na história do mundo o Portugal é um país de imigrantes, Portugal é um dos países que inventou a imigração.

e: Há portugueses em todo canto do mundo.

e1: Eles foram tratados bem nos sítios onde eles foram, mas eles tratam mal os imigrantes que estão aqui. Está a falar contigo agora, falam contigo "está tudo bem?" e "vai para terra do gajo"

E: Com relação aos outros estrangeiros, aos estrangeiros Europeus, vocês acham que eles tratam melhor? São indiferentes? é igual?

e1: A balança pesa mais nas pessoas que não são da Europa, agora esses ingleses, franceses não sei o que, eles chegam, falam normalmente, fala com uma simplicidade; agora se for um...

e: Vou dar um exemplo vivo, um imigrante... vou meter 3, um português, um do leste, um brasileiro e um Angolano... aqui precisa-se trabalho, qual dos 3 que você acha que vai ter emprego, diga-me lá... o brasileiro e o angolano, primeiro já fora... te garanto que primeiro ele vai meter ali o homem do Leste, e é a pessoa que vai lhe roubar. Eu já vi acontecer varias e várias vezes já vi casos desse... Vi casos desse, brasileiro e angolano são mal falados, isto não tenha duvida.

E: Será que isso tem alguma coisa a ver com a colonização, com os países que foram colonizados?

e: Não acho que tem a ver com a colonização, tem a ver com as mentalidades das pessoas, nem todos são assim, mas a maior parte.

E: Mas por que acha que há essa diferença, entre os brasileiros e angolanos e os da Europa do Leste?

e: Tem olhos azuis...o Lula disse... então, (risos) isso não é verdade. Se tivesse, se não fosse tão rápido eu gravava... "Não são os pretos nem os mulatos, quem desestabilizou o mundo inteiro, são os homens de olhos azuis" e quem tem olhos azuis... são os Europeus não é. Agora os homens que tem olhos azuis é quem tem direito ao emprego... isso é verdade. Mas agora os portugueses fora do país dele, é bem tratado, aqui essa comunidade, aqui em Quarteira principalmente.. a comunidade... não vamos só falar angolano, estrangeiro né... é bem comportado, agora não sei noutras cidades.

e1: Há uma coisa que vais guardar e pergunta ao presidente da junta, os cursos que há... a Alpalgar dá cursos a comunidade, tem guineenses, cabo-verdianos...tem romeno, ucraniano... tem cursos e todo mundo vai fazer cursos lá, fazem cursos de gestão, fazem cursos de informática e não sei o que... há um curso que vai passar aqui num...na associação dos pescadores, para tirar essa...eu chego lá como imigrante e dizem não, só pode ser português... o imigrante não pode. Por que não posso tirar uma cédula marítima? porque sou estrangeiro. Então se eu vivo aqui na comunidade, eu faço desconto para quê?

E: Mas isso era uma entidade pública?

e1: Não, vai começar agora, não aceita estrangeiro.

E: O financiamento é privado?

e1: É a Comunidade Europeia que financia esse curso. Era bom que tu fosse lá também, ia lá perguntava por que o estrangeiro não pode fazer isto. Se nós trabalhamos aqui, descontamos aqui, temos filhos aqui, temos os mesmos direitos... por que nós não podemos fazer este curso. Na construção não está a dar sucesso, talvez ali... eu vou me candidatar ali para fazer este curso e tirar a cédula marítima...e não, o estrangeiro não pode, só pode se for português.

E: E vocês sentem mais dificuldades em arranjar trabalho por ser estrangeiros?

e1: Todo mundo tem dificuldade de arranjar trabalho, até os portugueses, os angolanos... conforme o país está, está difícil. Eu não digo que, que é só para um ou só para outros... está mesmo difícil.

E: E para habitação, tem alguma dificuldade em alugar casa?

e1: Eu nunca tive isso.

e: não tem muita diferença nisso.

E: Na sua opinião, você acha importante para que as pessoas de diversas nacionalidades, culturas... o que é preciso para que todas vivam bem juntas?

e: (risos) isso é mudar um pouco, quer dizer, entrar mais um pouco na cultura das outras comunidades né...penso assim, só basta é ter harmonia, e para ter harmonia depende da consciência de cada um né. Agora se uma comunidade é mais preconceituoso a outra num...chega lá a lado nenhum. Mas pronto, vai se mudando

e1: É a vida, estamos a viver no país deles, nós temos que aceitar aquilo que eles são.

e: Mas não pode ser assim.

e1: Não.

E: E você, o que acha necessário para uma boa convivência entre todos?

e1: O que é preciso? Cada um tem que respeitar o outro, se um respeitar e outro respeitar aqui...eu penso que nós nos damos bem, aceitar aquilo que tu és e tu aceitar aquilo que eu sou... aí nos vivemos juntos, em paz em harmonia... se não... agora quando tu pensa que a minha cultura talvez é mais baixa que a tua... isso aí nós não vamos a lado nenhum, é isso, eu acho isso. Normalmente, esses gajos que trabalham na... são todos bobos, e nós somos muito mais inteligentes do que eles... eles não percebem nada disso, quer dizer, nós olhamos... e "esse gajo é mais burro do que eu pensava". Nós tamos no país deles, nós só podemos aceitar, vamos fazer o quê? Quando agente fala com uma pessoa que não percebe nada, nós deixamos eles falar... ele vai falar, vai falar, vai falar e nós só olhamos... Não temos que entrar em conversa e vamos deixar falar.

E: ok, muito obrigada pela vossa disponibilidade, eu finalizo aqui a entrevista.

(Entrevista 7, Sissa)

E: Qual o seu nome?

e: Sissa

E: Qual a sua idade Sissa?

e: tenho 37, faço 38 este ano

E: Qual a sua Nacionalidade?

e: Sou cabo-verdiana

E: E você é proprietária deste café?

e: sou proprietária.

E: Sua escolaridade?

e: eu tenho o 7º ano de Cabo-Verde.

E: E por que você deixou Cabo-Verde?

e: Vinha a procura de vida melhor, mas afinal não encontrei.

E: E por que veio para Quarteira?

e: Vim porque tinha aqui uma amiga. Primeiro fui para Lisboa e Lisboa me chamou para aqui, vim...gostei. Encontrei trabalho, estou aqui a trabalhar, tenho aqui minha família...tenho que trabalhar para poder comer.

E: E quando você chegou em Quarteira, qual foi o seu primeiro contacto com a cidade? Primeiro, quanto tempo estás por cá?

e: Estou cá a 18 anos, a minha primeira impressão foi boa quando cheguei, graças a Deus. Ainda era escudos, o meu primeiro trabalho fazia (?), ganhava 40 contos, não foi muito fácil. Pagava 25 de renda, sobrava-me 15, com aquele 15 tinha que comer, pagar o gás, mandar qualquer coisa porque deixei em Cabo-Verde dois filhos, depois... agora estou estabilizada graças a Deus.

E: E você foi bem recebida?

e: Fui bem recebida graças a Deus, por pessoas que tenho aqui familiares, e por portugueses também, porque foi graças a eles que consegui trabalho, agora tenho cá a minha família.

E: E quando você chegou já conhecia alguém aqui?

e: Em Quarteira já.

E: E quando chegou procurou alguma associação de imigrantes ou organização de apoio à imigração?

e: Não, foi graça a essa amiga, que conseguiu me arranjar o trabalho e trabalhei.

E: E actualmente não faz parte de nenhuma associação?

e: não.

E: E mantém contacto com o seu país, com pessoas lá?

e: Ligo todas as semanas, porque tenho lá família. Próxima, tenho aqui a minha mãe, os meus filhos, mas de resto não tenho, deixei lá. Tenho tios, minha irmã lá. Tem que ser, nós não podemos esquecer os nossos.

E: E a cultura Cabo-verdiana, mantém contacto; achas que trouxeste coisas de lá que mantém a sua cultura de origem viva?

e: Trouxe recordações, imagens, coisas boas, porque África é enorme, é um país pobre mas eu sinto orgulho de lá, porque lá uma pessoa é simples e eu sou feliz lá, e aqui também... porque graças a Deus, pronto; tudo depende do meu esforço, do meu trabalho mas fui bem recebida aqui porque tenho trabalho, e estou com a minha família, pronto.

E: E aqui em Quarteira, você costuma participar de actividades culturais?

e: Não, não, não saio porque a minha vida não dá para isso. Trabalho, casa e saio assim, as vezes, é as compras...agora sair para divertir, não tenho tempo para isso. Tenho 3 filhos o meu marido está desempregado já a 1 ano e eu é que tenho que trazer para aqui, para a a casa, pronto; não dá, o que eu tiro daqui não dá para muita coisa.

E: E nem com os amigos?

e: Com os amigos as vezes aparecem aqui no café conversamos, agora para sair, tomar um copo noutra sítio, isso não.

E: E você relaciona-se bem com os portugueses?

e: Sim, sim.

E: E fora do seu ambiente de trabalho, você se relaciona mais com cabo-verdianos, outros estrangeiros ou com portugueses?

e: É meio por meio, porque eu tenho conhecimento do meu primeiro trabalho, foi um português que me deu, e sou grata por ele até agora. Porque sai do trabalho, nós ficamos com uma boa relação, cumprimentamos...e com os outros é igual.

E: E o que você acha da cidade hoje?

e: Quando eu cheguei estava melhor, agora já não está muito... por causa desses assaltos, desse desemprego, é tudo complicado... mas tenho fé que isso acabe.

E: Poderias me apontar coisas que gostas e que não gostas na cidade?

e: Olha não digo que não gosto, eu gosto de tudo... só que não gosto agora é esse problema, destes assaltos ninguém gosta.

E: Mas aumentou muito?

e: Aumentou muito, porque eles chegam no café, e tira o pouco que a gente tem... tudo, quase tudo. Eu fui bem recebida aqui graças a Deus, porque eu vim para aqui, eu vim de Cabo-Verde em 91, estou aqui até agora. Portanto se não gostava não estava cá.

E: Se pudesse fazer algo para melhorar a cidade, o que faria?

e: Se eu tivesse poder era arrumar trabalho para tantos desempregados que estão aí, pessoas com responsabilidades, com filho, e que as vezes, não têm nada nem para por um prato na mesa; primeira coisa que faria era isso, o resto vinha depois.

E: Pensando na sua cultura, na cultura Cabo-Verdiana, o que pensa que distingue ou aproxima das outras culturas que vivem aqui em Quarteira incluindo a cultura portuguesa? Ou considera todos iguais?

e: Não sei, em tudo há dificuldades... há pessoas más e há pessoas boas. Agora nós cabo-verdianos somos pessoas humildes.

E: E você já passou por algum acto discriminatório?

e: Não, não passei. E mesmo, há comentários desagradáveis... mas eu ignoro-os, faço de conta que não é comigo. Eu vim para cá e morei numa casa, foi bem... os senhor era bom, sai de lá 2 anos daquela casa porque comprei uma minha, tou a pagar, pronto.

E: Você acha que as diversas comunidades que vivem aqui em Quarteira, os seja, os brasileiros, angolanos, cabo-verdianos, dos países do leste; acredita que eles se misturam ou vivem mais em suas comunidades?

e: Eu tenho este estabelecimento, entra um pouco de tudo, não tenho nada a dizer.

E: Minha ultima pergunta: O que considera ser importante para que diferentes pessoas, de diferentes culturas e nacionalidades, o que é necessário para todos nós vivermos bem juntos?

e: Olha união, compreensão, trabalho... acho essencial, pronto.

E: Ok, termino aqui então a entrevista, gostaria de agradecer pela sua colaboração e disponibilidade.

(Entrevista 9 – Sr. Sahnhe)

E: Qual o seu nome?

e9: Sahnhe

E: Quantos anos têm?

e9: 45 anos

E: De que país és?

e9: Guiné-Bissau

E: Actualmente qual a sua ocupação?

e9: Estou desempregado, inscrito no centro emprego e na segurança social.

E: Sua escolaridade?

e9: 6º ano

E: Por que deixou Guiné-Bissau?

e9: Eu deixei Guiné-Bissau para procurar melhores condições de vida mas não arranjou oportunidades

E: Quando saiu do seu país veio directo para Quarteira?

e9: Não, passei por Lisboa, depois Lisboa Albufeira e Albufeira Quarteira.

E: E quantos anos fazem que vieste para cá?

e9: Vim cá...16 anos, em Quarteira não me lembro, só vendo nas minhas coisas.

E: Quando você chegou em Quarteira qual sou a sua primeira impressão da cidade?

e9: Achei um sítio mais calmo, mais pacato né... na altura... agora já não. Na altura quando cheguei aqui gostei mais do clima.

E: E você já conhecia alguém na cidade?

e9: Vim aqui através do trabalho, a obra onde eu trabalhava.

E: Quando chegou procurou alguma associação ou organização de apoio ao estrangeiro imigrante?

e9: Na altura não havia muitas associações, porque antes eu fui mentor da criação de uma associação

E: Qual Associação?

e9: Associação Guineense e Amigos de Guiné-bissau, a associação ainda existe... agora já não faço parte, aquilo fazem eleições.

E: Mas ainda hoje está associado?

e9: Ainda estou.

E: E actualmente faz parte de algum fórum de discussão?

e9: Sim...sim.

E: E há publicações?

e9: Ainda não chegamos naquela fase... apesar que já... temos vindo a tentar, mas pronto... falta-nos alguns apoios também sabe, portanto não chegamos ainda aí.

E: É muito difícil conseguir os apoios?

e9: Sim, sim, é muito difícil. Já escrevemos cartas para a câmara municipal, para tudo, pronto. Actualmente a ACID já enviaram alguém aqui que reuniu connosco e tudo, mas até agora não conseguimos. Porque tudo parece fácil não é, agente vê no papel, é fácil o que eles dizem, tudo é fácil e tal, mas depois... as burocracias, essas coisas complica as coisas.

E: Voltando a cidade, há algum lugar que costumas frequentar? Um ponto de encontro com os amigos?

e9: Aqui em Quarteira é o que mais falta, aqui em Quarteira...pronto, não tem sítios assim de convívio, de muito convívio... aqui para agente conviver temos que ir num café, ou uma coisa assim.

E: Não há lugares públicos que propiciam convivências?

e9: Clubes assim específicos... não

E: E as actividades realizadas pela junta da freguesia?

e9: São festas de comunidades que acontecem mais no verão né... no inverno é muito difícil, é muito difícil

E: Então os lugares de encontro são privados?

e9: Pois, mas eu acho que até mesmo na minha associação, a minha proposta era a seguinte: é uma Associação de Solidariedade social e Cultural, portanto agente a princípio, o que agente pretendia era também ter um sítio, um espaço social, cultural onde agente encontrava...pronto, fazer actividades culturais desporto, tais a ver... culinária, estas coisas assim... mas não consegue apoio, é difícil. É fácil sonhar com estas coisas, mas agora tornar realidade... não é nada fácil, e Quarteira precisa muito.

E: Das pessoas com que relacionas, o seu grupo é composto mais por pessoas da mesma nacionalidade, portugueses ou outros estrangeiros?

e9: Nos chamamos associação dos Guineenses e amigos de Guiné-Bissau, aquilo não está só limitado aos Guineenses, está aberto para todos...Portugueses, brasileiros, romenos, ucranianos... quem gostar, quem estiver interessado e querer integrar... aquilo está aberto para todos e é por isto a agente chama dos Guineenses e amigos de Guiné-Bissau, porque até o nosso presidente honorário é Português, é presidente da junta da freguesia de Almancil.

E: O que acha hoje da cidade?

e9: A cidade está menos bem, quando cheguei achei um sítio pacato, sossegado... eu gosto de sítio pacato mas gosto de sítios pacatos que tem sítios para diversão né... temos que ter algum espaço para tempos livres e essas coisas, tas a ver.

E: Então isto é o que menos gosta na cidade?

e9: É pena...

E: O que faria para melhorar era então como disse era propor mais actividades?

e9: Exactamente, mais actividades... para a juventude, para todos... idosos, gente de meia-idade...jovens-adultos; é uma coisa que precisa muito. Porque aqui as 20 ou 21 horas, no inverno, já não vê ninguém... não vejo ninguém, está tudo fechado, está tudo frio. Para nós que viemos de países mais quentes... não sei se aquilo vicia muito, tas a ver... agente gosta mais de actividade, mas aqui não, só no verão.

E: Você acha que a vossa cultura guineense contribui de alguma forma para a cultura local?

e9: Muita coisa, coisas tão ricas...tão ricas mas que infelizmente não estão a ser exploradas...agente queremos mostrar, exhibir...trazer a nossa cultura, tas a ver... mas infelizmente não há muito apoio neste aspecto... porque agente tem muita coisa e não é só a musica, temos também muitas actividades né... podemos criar grupos teatrais, mostrar a nossa culinária os costumes e vestes tradicionais, temos tanta coisa... tanta coisa para trazer... mas infelizmente não temos...por isto quando há qualquer actividade assim por parte da junta da freguesia, já contribuimos com livros... algumas coisas, artesanatos e tal. Mas o mais importante... as danças tradicionais há muita coisa...precisamos receber apoio...espaço e portas abertas para poder mostrar.

E: E quando chegaste, foste bem recebido pelos locais? ou houve algum choque inicial?

e9: Há sempre choques de cultura, há sempre quem aceita e quem não aceita né, mas neste aspecto não tenho muita queixa, porque se tivesse assim tão mal, tão mal... já tinha ido embora, né. Mas eu acho que o povo português é hospitaleiro... apesar que aquela minoria que pronto...que queremos o que queremos, penso que a maioria não nos trata mal e temos que aceitar.

E: Mas achas que este estranhamento melhorou dos anos para cá?

e9: Está a melhorar, sabe que há coisas também. O povo português é um povo imigrante, tradicionalmente imigrante, mas nem todos tiveram esta experiência. Nem todos sabem disso, são estas que...penso que está bem, sinto me em casa.

E: Acreditas que um maior contacto entre as diferentes culturas possibilita maior aceitação?

e9: Sim, sim... maior aceitação... ajuda muito, contribui muito para isto... mas para isto é preciso haver actividades que promove os encontros culturais, e aí começamos a ver... e aí pá, afinal de contas eles não tem... sim, porque muitas vezes a própria comunicação social ajuda né, tais a ver... porque as vezes quando vão mostrar coisas lá da minha terra só vão buscar partes más, não vão procurar partes boas...e se mostrassem viam que aquela gente também tem coisa boa.

E: Acreditas então, que a comunicação social contribui para a criação de uma imagem depreciativa?

e9: As vezes, as vezes fazem justiça. As vezes mostram apenas coisas que nos tornam mais "negros", isto também é verdade. Quando falam de nosso país há muita...há casos de pessoas que nunca saíram fora de Portugal, que não conhece nada... pensam que o africano é tipo um macaco que na África vive nas árvores, estão na selva, não tem nada que é bom, tas a ver... só aqui é que está bem. Mas pronto, eu compreendo porque há muitas pessoas que estão na Europa que não tem cultura, não tem educação. Porque mesmo sem viajar, se a pessoa tem um bocadinho de instrução, um bocadinho de conhecimento... não é preciso estar a deslocar, ele sabe que ali aquela gente, é como outra gente também... porque qualquer parte do mundo, mesmo no E.U.A, no Japão, há partes boas e partes más.

E: E já passou por discriminação?

e9: Tanto... mas eu ultrapassei isto.

E: E na sua opinião... você acha que os locais portugueses de Quarteira e as diversas comunidades que aqui vivem, vivem bem juntos?

e9: É difícil responder, porque para responder isto precisa das próprias instituições locais, que tem que fazer alguma coisa que é para agente ter aqueles encontros, aqueles intercâmbios...

E: Mas não há?

e9: Eu acho que não. Alguém pode dizer que há mas eu não vejo. Não sei, posso estar errado, mas acho também que Quarteira é muito pequena se tivesse... via-se. Mas, não vou dizer totalmente que não há... nas festas de comunidades, todos nós marcamos a presença... mas agora aquele tipo...digamos, aquela interacção diária...agente conviver juntos e tal... isto não acontece, porque mesmo naquelas festas, cada um faz a sua tenda, e por fim agente não convivemos né... tipo, vamos fazer um festival de culinária e eu vou provar uma comida do Brasil, um brasileiro vai provar um de Ucrânia.

E: Então cada um fica na sua comunidade, nos seus grupos?

e9: sim, sim

E: E notas isto na cidade, a formação de grupos?

e9: Acho que mais ou menos assim, e até mesmo Portugueses. As vezes onde agente para mais vê-se menos Portugueses. E vejo isto na cidade.

E: Então é visível na cidade onde frequentam os africanos, os ucranianos, os brasileiros, os portugueses?

e9: Sim, sim... isto existe sim.

E: Minha ultima pergunta, o que considera importante para que todos possamos viver bem juntos?

e9: Em primeiro lugar agente tem que respeitar, respeitar o próximo, respeitar a cultura um do outro... sabermos aceitar a cultura uns dos outros... isto é muito importante, e acho que para isto acontecer... é preciso mesmo haver uma interacção cultural entre diferentes culturas, actividades, tas a ver... outras criatividade... alguma promoção neste sentido pelas autoridades, competentes na área, tas a ver.

E: Pronto, é isto, finalizo aqui a entrevista e agradeço imenso a sua colaboração.

(Entrevista 12, Sr. Miron)

E: qual o seu nome?

e: Miron

E: qual a sua idade?

e: 40 anos (risos)

E: A sua nacionalidade?

e: Romena.

E: Por que você emigrou do seu país?

e: Porque, por causa de pouco trabalho e já falta dinheiro, e mais... toda a gente quer uma vida melhor, no.

E: Qual a sua ocupação, no que trabalhas?

e: Eu trabalho em quase tudo se tem dinheiro. Bom já, eu vim aqui para apanhar um trabalho, tudo que arranjar um trabalho, não pode deixar escapar, no.

E: E seus trabalhos são similares com os que fazia na Roménia?

e: Não, normal que não. No meu país fazia outro trabalho que era...também já da minha qualidade, fazia escola para isto; agora aqui... fazia escola que já fiz lá, mas não uso tão pouco.

E: E qual a sua escolaridade?

e: Fazer escola com maquina de grua, depois fazer escola de construction structures, tudo o que é para infra-estrutura, supra-estrutura, e pronto.

E: E quanto tempo estás em Quarteira?

e: Está 5 anos.

E: E como foi o seu primeiro contacto com a cidade?

e: Já foi pior. Quando cheguei aqui já foi muito pior. Já normalmente, falamos com um casal, eu veio para cá e pronto. Esqueci o homem, já trouxe para cá e depois já esqueceu de tudo, compreende? Depois já fiquei sozinho, sozinho. Foi em Alcobaça, conheci essa zona de Portugal e lá não há muito trabalho. Aquele tempo nem era fácil por fazer, naquela altura trabalho tudo por minha conta; como estou agora, agora está melhor.

E: Então tiveste no inicio dificuldade em arranjar trabalho?

e: Pois se um gajo que não sabe falar, vai trabalhar como, se vai trabalhar e nao sabe falar, no. Não tem um amigo, não tem ninguém. Bom, agora são muitos amigos, há muito amigos.

E: E aprendeste a falar Português com os amigos ou fizeste um curso?

e: Só amigos. Comecei aprender sozinho, porque foi assim, aprender ou não aprender vou morrer de fome (risos), sim é verdade.

E: E aqui, quando você chegou não procurou nenhum tipo de apoio ao estrangeiro, uma associação, instituição?

e: Não, não

E: E não procuraste pessoas para te ajudar?

e: Não, eu já foi para procurar trabalho, só que chegar aqui e disse que tem um trabalho muito bom por muito tempo, durante 2 ou 3 anos ou mais. Só que não conhece ninguém, enganar, pronto.

E: E tiveste dificuldade para conseguir habitação?

e: Não, agora não... agora pode dizer, pronto normal. Pode ficar tudo correcto para gente estar aqui em Portugal, especialmente estrangeiro, mais dificuldade que os portugueses no... normal

E: Como você mantém contacto com a sua cultura, o seu país?

e: No fim de semana eu ligo é mais barato, no. Posso ligar para falar e durante a semana quando já é uma coisa mais difícil falamos; uma coisa urgente que precisar falar com a família. A família está lá, eu estar aqui sozinho.

E: E na sua folga, ou depois do trabalho, você costuma frequentar algum lugar, participar em alguma actividade cultural da cidade?

e: Não, não há actividade, só restaurante, café; encontramos aqui, falamos, conhecemos amigos, encontramos trabalho já que este primeira coisa que interessa para toda gente. Quando não há trabalho é mal com esta chuva já a muito tempo, para quem trabalho no exterior já é pior, não tem trabalho.

E: E na cidade há algum lugar que gosta de estar, de frequentar?

e2: E já na comunidade, não nesta zona... esta no Olhão, conhece? Aqui já gosto muito do Olhão.

E: Mas por quê? Tem mais actividades do que aqui?

e2: Não, porque a malta parece mais aberta para falar é diferente. Queres conversar com menino há respeito, com respeito eu me sinto respeitado.

E: E relaciona-se mais com portugueses, romenos ou outros estrangeiros?

e2: Normalmente só portugueses, porque estou em Portugal. Também há estrangeiro, há muito brasileiro, também há muitos amigos brasileiros também há. E já há por todo lado brasileiro; só com portugueses porque está habituado assim, agora vou para outro país, fico pior. No quero, no quero mais agora, porque já está habituado; já está a 5 ano está quase português.

E: E o que acha da cidade, há coisas que gostas, que não gostas... o que pensa sobre a cidade de Quarteira?

e2: Agora é pior

E: Por quê?

e2: Porque não há trabalho, toda a gente fala de dinheiro, toda gente quer pagar coisas, sempre pagar coisas e não há. Não há dinheiro, massa que já falta para toda gente. Mas é pior, é pena. Porque um gajo quer trabalhar e não há trabalho, não há trabalho não há dinheiro. Agora sem trabalho e sem dinheiro não sei quem quer trabalhar na cidade.

E: E então acha que o principal problema da cidade é a falta de trabalho?

e2: Trabalho já tem, só que não há dinheiro. Agora com uma empresa, quando a empresa está fechada, falta de dinheiro. Trabalho também há só que não há dinheiro, pois falta. Quem está culpado não sei.

E: E você já passou por alguma situação constrangedora, por alguma discriminação por parte dos locais ou outros estrangeiros aqui em Quarteira?

e2: Não conhece quase nada.

E: Qual foi a sua impressão quando chegou na cidade, como foi o seu processo de integração na cidade?

e2: Para mim já bem, o primeiro dia quando cheguei em Portugal já tinha uma família sem saber nada, sem querer nada. Já ajudou uma boa pessoa. Se não era boa não ficava aqui ia para outro sítio, outro país. Também já foi para outro país e toda gente acha que é melhor, só foi pior. Mudar já não vale a pena.

E: Então pensa em ficar por cá?

e2: Acho que sim, acho que ficar melhor, acho que fica muito. Quando não há trabalho; sabes como foi em Espanha e como está agora? É vai ficar igual, vai ficar igual. Só que parece que não, vai deixar assim, tem que dar mais trabalho e dinheiro.

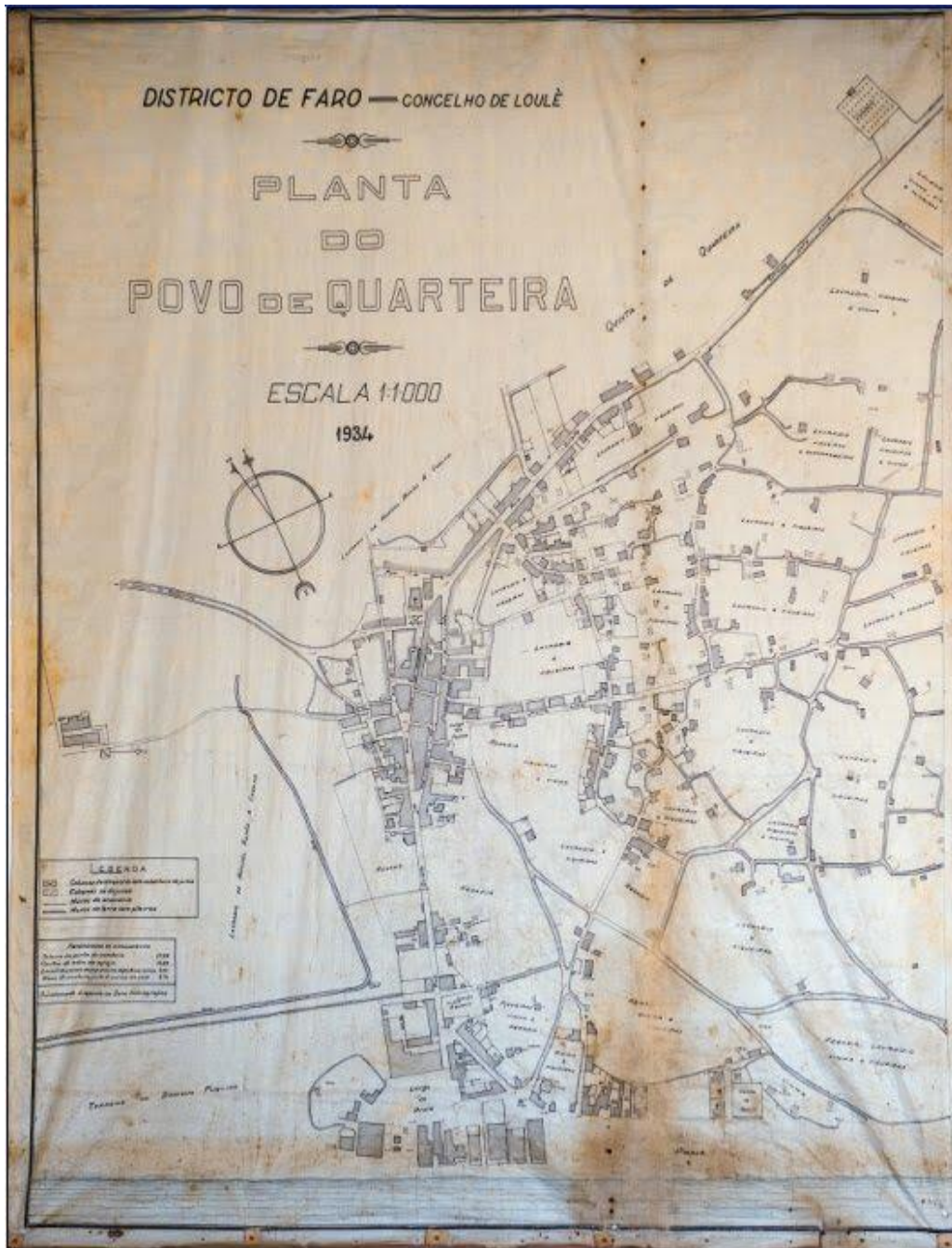
E: E pensando na tua cultura, e nos teus amigos romenos que vieram para cá, você acha que trouxeram algo de novo para a cidade?

e2: Fica tudo para casa, fica tudo para trás não pode trazer nada para cá. Portugal já está muita coisa para a cultura, também está muita coisa para aprender, também para fazer mistura, também já há mistura latino, que quase normalmente aqui, é quase igual.

E: Pronto é isto, finalizo aqui. Muito obrigada pela sua colaboração.

ANEXO 2

PLANTA DO POVO DE QUARTEIRA – 1934



Fonte: Atelier Pedroso Empresa de Arquitectura



quarteira

© Região do Turismo do Algarve. É expressamente proibido a reprodução, mesmo parcial, por qualquer meio ou processo, sem a autorização escrita do proprietário.

ANEXO 3

FOTOGRAFIAS DA CIDADE DE QUARTEIRA

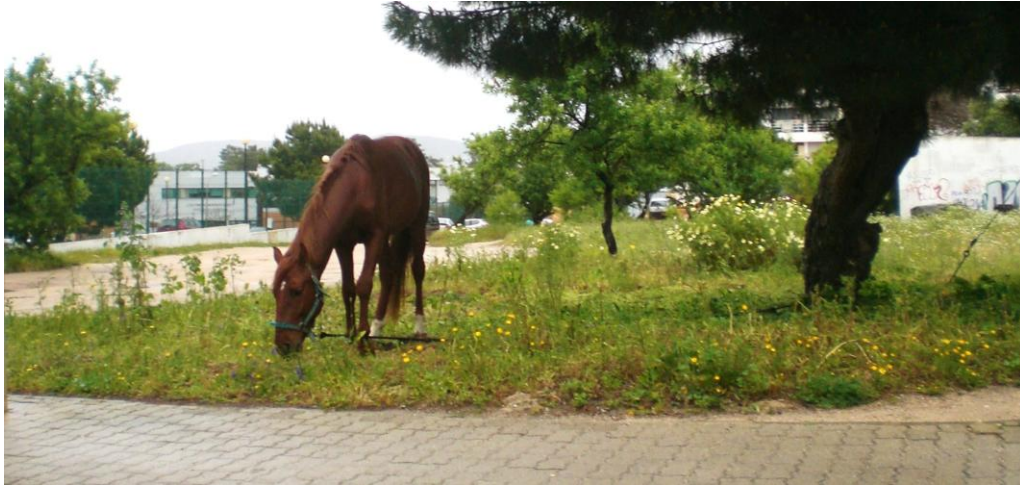


AVENIDA 25 DE ABRIL



*Fotos da autoria de Denise Relvas.

PRAÇA PÚBLICA



LARGO DO MERCADO



MERCADO DA FRUTA



MERCADO DO PEIXE



AVENIDA DA MARGINAL/ CALÇADÃO DE QUARTEIRA





PRAÇA DO MAR



URBANIZAÇÃO ABELHEIRA





COMÉRCIO ESPECIALIZADO





International School São Lourenço

EST. 1979

International School São Lourenço

Our Vision

We aspire to be a school that accommodates students, both indigenous and international, which is recognised as amongst the best of its kind in Portugal and further afield. The school will cater for a range of abilities following the recognised standards of a modified version of the National Curriculum of England. We will regard each and every pupil as a unique individual to whom we will dedicate all of our efforts and resources to ensure the greatest chance of excelling both academically and socially.

Our Mission

We will lead a community of learners who enjoy an ability to think creatively, critically and innovatively, who possess a strong sense of responsibility for the school, for the community and for the environment and who have the will to use these skills not only for the benefit of themselves but also for the good of the wider world.

Our Aims

We are a learning organisation. We believe that when people learn they change and grow. To that end we aim to:

- provide high-quality education through progressive and forward-thinking teaching
- provide learning experiences that are enjoyable, stimulating and challenging and that encourage critical and innovative thinking
- foster fruitful relationships between the school and our partners in the community
- provide the most appropriate and accessible resources for effective learning and teaching
- nurture in all a sense of responsibility for the school, for the community and the environment for the benefit of their own future and the future of the world

We will do the above under strictly legal and ethical guidelines and we will blend the best cultural features of our host country (Portugal) with the excellence offered by the National Curriculum of England.

Fundamental to the achievement of our vision, mission and aims is the continuous reinforcement of the partnership between the key stakeholders of the school community i.e. parents, governors, teachers, students, managers and support staff. The vision of the school must reflect the collective aspirations of the whole school community. To achieve the standards to which we all aspire we must have clear focus and shared ideals. We must all be pulling in the same direction, undaunted by any hurdles in the way. If this is achieved then there is nothing to stand in the way of making this exciting school the very best of its kind.

VILAMOURA

